

Os

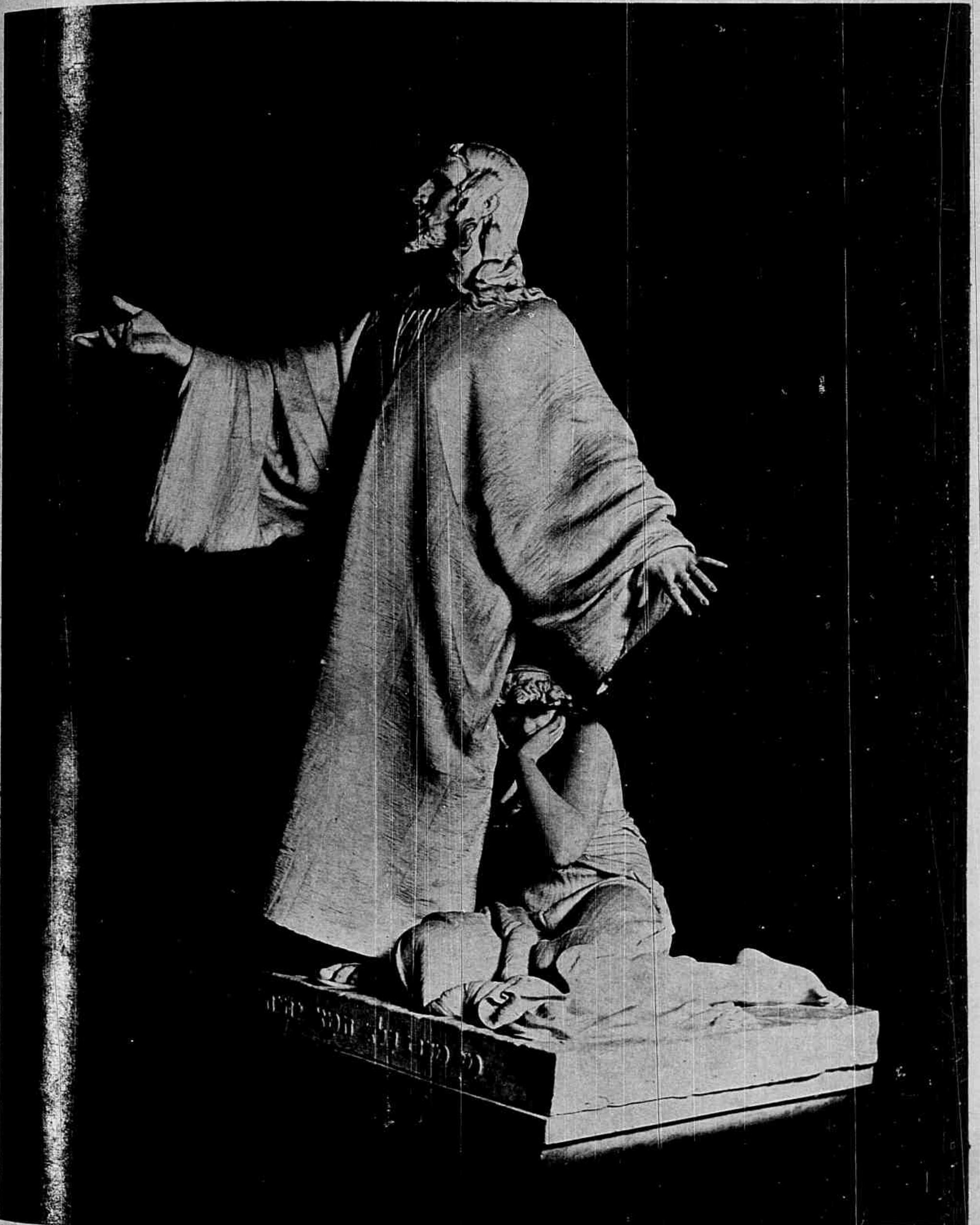


SUMMARIO

ronica.....	Gil.
gravida (excerpto de romance)	Gonzaga Duque.
de de Ouro.....	Coelho Netto.
os tristes (soneto).....	Luiz Edmundo.
ssos concursos.....	
mentarios.....	Sancho Alves.
ina Comedia.....	J. P. Xavier Pinheiro.
uas da Cidade de Santos.	Dr. Alfredo Lisboa.
es sonetos ineditos.....	



Um pastel.....	Lindolpho Azevedo.
Vida Literaria.....	José Verissimo.
Matto Grosso.....	T. ^{te} C. ^{te} Avila Franca.
Symphonia.....	Luiz Guimarães (Filho)
Manhãs de Campinas.....	Garcia Redondo.
O Doutor Conceição.....	Domingos Olympio.
Theatros.....	Arthur Azevedo.
De Victoria a Diamantina.	L. A.



CHRISTO E A ADULTERA

DE RODOLPHO BERNARDELLI

KÓSMOS

REVISTA ARTISTICA, SCIENTIFICA E LITTERARIA

R



Director
MARIO BEHRING

INTERIOR. 20\$000

EXTERIOR. 22\$000

NUMERO AVULSO. 2\$000

Editor-Proprietario
JORGE SCHMIDT

ANNO 1

MAIO 1904

N. 5

NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELAS OPINIÕES EMITTIDAS POR NOSSOS COLLABORADORES

Tendo-se esgotado as edições dos numeros 1 a 4 d'esta Revista, só poderemos receber assignaturas, d'ora em diante, para o 2º semestre do corrente anno.

A importancia das assignaturas deve ser remettida em carta registrada ou vale postal a J. Schmidt, rua da Alfandega 24 —Rio de Janeiro.—

KÓSMOS encontra-se á venda nas seguintes livrarias :

Capital Federal—Laemmert & C.^a, H. Garnier, Alves & C.^a,
A. Moura, Briguiet & C.^a, S. Gradim.
Petropolis—Casa Olive.
S. Paulo—Casa Mófreira, Casa Garraux, Laemmert & C.^a,
Livraria da S. Paulo Railway.
Santos—Magalhães & C.^a, Bazar Paris.
Campinas—Casa Livro Azul.
Mogy-Mirim—Casa Cardona.
Bello Horizonte—A. Joviano & C.^a
Ouro Preto—Castro & Costa.
Uberaba—Leschaud & C.^a
S. João d'El Rey—Armando B. Cunha.
Luz de Fóra—Feliciano da Silveira Bulcão.

Bahia—Livraria Dous Mundos.
Victoria (E. Santo)—Nelson Costa & C.^a
Fortaleza (Ceará)—Libro-Papelaria Bivar.
S. Luiz (Maranhão)—Luiz Magalhães & C.^a
Belém (Pará)—J. B. dos Santos.
Manãos (Amazonas)—Lino Aguiar & C.^a
Natal (Rio Grande do Norte)—Renaud & C.^a
Florianopolis (Santa Catharina)—Paschoal Simone.
Pelotas (R. G. do Sul)—Pintos & C.^a, —Francisco Meira.
Rio Grande » —Pintos & C.^a
Porto Alegre » —Pintos & C.^a
Parahyba (Parahyba)—Antonio Penna & C.^a
Coritiba (Paraná)—Annibal Rocha & C.^a

São nossos agentes:—Em Santos—Snr. Antenor da Rocha Leite. Em Campinas—Snr. A. B. de Castro Mendes. Em Mogy-Mirim—Snr. Francisco Cardona. Em S. José do Rio Pardo, Mocóca e Casa Branca—Snr. Dr. Francisco Escobar. Em Jabó—Snr. Major Alfredo Augusto Leitão. Rio Claro—Snr. João Pires de Oliveira Dias. S. Carlos de Pinhal—Snr. Carlos de Carvalho. Cataguazes—Snr. Julio Guimarães. Sul de Minas—Snr. Urbano Rabello. Petropolis—J. R. Escragnolle. Taubaté—Snr. Braz Curtu.

São nossos representantes:—Estado de S. Paulo—Snr. Antonio Ferreira Neves Junior. Estado do Paraná.—Snr. Dario Velloso. Estado de Pernambuco—Snr. Carlos Burle. Estado do Pará—Coronel Fernando de Figueiredo Motta. Estado do Maranhão—Snr. Antonio Gonçalves Moreira Nina. Estado do Amazonas—Coronel Domingos Andrade.

Toda correspondencia deve ser remettida á RUA DA ALFANDEGA, 24—Rio de Janeiro

CAIXA POSTAL 1085



CRONICA

RECORDAR é viver. Não sei bem quem primeiro enunciou esta verdade; mas isso lhe não faz perder a profunda intensidade. A vida se nos apresenta com um fulgor desconhecido, com uma nova e perturbadora belleza, quando a evocamos dos dias idos, dos tempos deslembrados; tal a joia preciosa, herdada de velhas datas, e que ao tiral-a um dia a curiosidade do recanto esquecido ou da caixa desbotada, nos surprende com um valor

em que não attentáramos, com o toque finissimo do ouro, o contorno gracioso, a arte delicada da trabalhosa ourivesaria,

O que a febril agitação dos dias de agora, a successão rapida de impressões violentas e fugidias, diluira pelo cansaço, em vaga e esbatida reminiscencia, resalta, vive, vibra em nossa visão á primeira parada, quando o repouso integra o sentimento e a consciencia e o olhar rebusca, ancioso, o caminho feito e os sitios que passámos. Figuras e factos desenham-se então com uma nitidez admiravel, um relevo empolgante; movem-se, erigem-se, palpitam como outr'ora, avultadas agora ao longe as silhuêtas pelo maior angulo de luz, desfeitas pelo afastamento a falha humana do vulto que se fez heróe, a ruga natural do granito que se tornou monumento; homens e situações se nos apresentam com um valor que nos confunde agora, como o toque, a forma e o labor da joia desenhada; e com elles palpita, se erige e tumultúa em nós uma existencia nova, uma sensação não sentida

ainda, mixto de orgulho tardio, de enternecido reconhecimento, de saudosa admiração...

Recordar é viver; nós vivemos intensamente estes dias derradeiros com a recordação de heróes e feitos desaparecidos, com a revivescencia de commemorações gloriosas.

Como que o destino quer que os grandes fastos andem em proxima companhia. Maio, que encerra no seu cyclo as tres grandes commemorações collectivas do Descobrimento, da Festa do Trabalho e da Reivindicação Libertadora, deu-nos ainda o jubileu dos telegraphos no Brasil; enquanto Abril evocava no seu ultimo dia, antecedendo, por uma suggestiva coincidencia, o Dia do Trabalho, as figuras robustas de Mauá, o ardente precursor da conquista operaria, o Eremita da cruzada industrial, e do Marechal Floriano, o que mais seguramente exalçou talvez, com a queda dos ultimos e resistentes preconceitos, o exame anonymo das abelhas productoras, de cujo ignorado labor a sociedade retira a cera e o mel.

Destas, a mais singela e commovedora commemoração foi a de Mauá. Este antecederia de muito a sua época para que pudesse ser um victorioso.

Chegara cedo de mais; as ideias que haviam de desbravar e fertilisar a floresta exubere e bravia que era a feição moral da sua terra, não haviam chegado ainda, e elle viu-se só, enleiado, perdido, como um individuo que se afoita por inextrincavel matta virgem e que vê enredar-se cada vez mais em derredor a trama dos cipós a cada golpe com que procura abrir caminho, e sente que os clamores de appello se perdem em uma massa espessa, incommensuravel e sem echo.

Mauá teve isto de superior ao seu mesmo trabalho: foi um homem avançado muitos annos ao seu tempo. A Má Vontade, que uma força perversa e mysteriosa poz no mundo com o primeiro trabalhador, nunca lh'o perdoou, como não perdoou a Capanema o esforço para a affirmação do telegrapho e a Floriano a resistencia para a affirmação da Republica. Mas estes tiveram, ao menos, a consolação de ver a sua empreza victoriosa e de assistirem — um, já no apagar da existencia, o outro ainda em uma serena velhice — á apothese da sua obra e á glorificação do seu nome; enquanto Mauá só teve a visão de um esforço desconhecido e a sensação do proprio aniquilamento pelo mais doloroso dos traumatismos moraes.

Amanhã, quando estiver de pé a columna que o Club de Engenharia mandou erigir em um dos extremos da Grande Avenida com a effigie do grande brasileiro, é lá, em torno da figura suggestiva de Evangelista de Souza, que devem ser feitas as romarias de 1º de Maio. A festa do Trabalho não se pode corporisar em synthese mais perfeita do que aquella.

A data operaria não tem, não pode ter, de resto, a feição e o alcance que tem nas conturbadas sociedades do velho mundo. Lá, o 1º de Maio lembra o protesto de multidões de explorados e famintos, expulsas do trabalho pelo excesso de trabalhadores, presas á dependencia miseravel pela condição da propria miseria, fazendo da *parede* o muro contra a fome, odiando o trabalho porque elle é o captiveiro e o soffrimento. Festa de Trabalho, é o nome; é ella e feita entre clamores de luta e imprecações de odio.

Aqui é realmente a Festa do Trabalho, é a glorificação do labor que sustenta uma collectividade inteira, em um paiz onde não ha preconceitos nem classes. Por mais que avulte o trabalhador, o trabalho o sobrepassa; o operario é o homem necessario. Pode ser pobre, mas não é o faminto nem o miseravel. A *gréve* não a faz no Rio a revolta social; fal-a, com poucas excepções, a intriga politica...

Semelhante a outras aspirações que tiveram na America seu mais ubere terreno e seu mais formoso florescimento, a exaltação do operario terá no Brasil a sua forma definitiva; e a festa de 1º de Maio será a consagração do Trabalho indispensavel, do Labor victorioso, por uma multidão sadia e satisfeita, sem peias nem necessidades. Será então o vulto de Mauá o centro dessa apothese nacional, como o heroico precursor da Industria dominadora...

De 1º a 13 de Maio não é grande a distancia. Acredito bem, que em breve se hão de fundir as duas datas, identificadas na mesma representação. E' que o operario no Brasil é cada vez mais sensivelmente

o nacional e o nacional é, na sua grande maioria, caracteristicamente, o mestiço.

De toda a dolorosa tragedia da escravidão, da successão violenta de scenas inacreditaveis que aviltam as paginas em que são repetidas, ficou para o Brasil a compensação dessa sub-raça, tirada das agonias do captiveiro como o ouro é tirado das complicadas torturas do minerio bruto, esgalho humano que frondeja e floresce magnificamente na vida nacional e a quem o Brasil tem devido os seus typos mais eminentes, desde Basilio da Gama e Valentim da Fonseca, até Rebouças e Gonçalves Dias.

A collaboração da raça negra, que se affirmara na vida moral brasileira pela affectiva e submissa dedicação e na vida economica pelo enriquecimento nacional com o trabalho rude e extenuador de tres seculos, sobreleva-se a tudo isto pela formação dessa mestiçagem que se diffunde pelo nosso povo, abrاندando-se, dia a dia, pela assimilação de elementos extranhos, mas deixando, em troca, como um traço inilludivel, o leve dourado da face, a insurreição mal refreida dos cabellos, o olhar insinuante e elastico; mestiçagem que formará um dia, pelo caldeamento constante e nivelador, o typo definitivo da nossa nacionalidade, e que já é hoje a vivacidade intelligente no homem e a belleza faceira na mulher.

Seria, de futuro, tambem o 13 de Maio a data commemoradora da collaboração da raça negra no Brasil, o reconhecimento que nos deu em trabalho e dedicação, mentalidades e heróes, Não se dirá mais que é a data da Abolição, da Conquista Libertadora, da derrocada do captiveiro, para se não dizer que houve um dia essa miseria no Brasil. Recordar é viver, e nós só devemos viver a vida sadia. Rememoraremos apenas o que nos veio de grande: o resto passará vagamente pela memoria das gentes mais antigas, como a recordação mal distincta de um pesadello desfeito...

Gil.



DE RUIO-BRANCO
DO TI-ORANCO

JOSE DO PATROCINIO



1341-MAIO

1888-1904



KLX 784

DE UM ROMANCE INEDITO

SANGRAVIDA—Cap. V, Parte Primeira

O abafado socêgo do seu gabinete, e n'uma immensa poltrona de couro escuro, estava Albano Livio, vergado á um livro, sob o quebra-luz de papelão da sua pequena, bojuda lampada de petroleo.

Quando ouviu a porta ganir nos gonzos levantou, de vagar, a quente face trigueira, empapuçada n'uma abundante barba negra, donde pendiam raros fios brancos. Aros de nikel reluziram nas suas orbitas.

—Perdão, mestre...

Titubeou Stelo. O austero homem, certificando-se do visitante, dilatou a bocca vermelha com um sorriso de bom acolhimento em que esboçava a sua admiração:

—E' um milagre, esta visita! Senta-te.

Stelo repousou uma desconjuntada cadeira, junto á mesa do mestre, uma vasta mesa de tóscos pés de pinho, que arquejava com sua carga de brochuras e maços de jornaes. Encadernações roçadas jaziam em pilhas, erçadas de papeluchos de notas; papeis e quadernos enchiam a vasta taboa, coberta por um sujo panno de linho, n'uma confusão de continuo trabalho. O moço tinha a cabeça pendida e, tímido, vacillando nas palavras, resmungava coisas desconexas que continham desculpas á sua visita, á inopportuidade da hora... Depois emmudeceu, pregou o olhar no soalho tenue-alumiado pela luz da lampada, que resvalava de sobre a mesa.

O socialista reclinara-se no espaldar da poltrona; com a dextra, n'um renitente cacuete, catava lentamente a intonsa cabelugem do queixo, e esperava que o rapaz lhe dissesse a que vinha, mas, como a embaraçosa mudez delle se prolongasse, foi Albano Livio quem falou:

—A que devo eu a tua visita, meu doce amigo?

Stelo não respondeu. Resfolegava oppresso. Apoiara o cotovello na quina da mesa, descansando na mão a face doentia. Subito, vacillou como envolvido n'uma vertigem, e cahiu debruçado sobre os quadernos, a esconder o rosto amargurado e soluçante.

As largas pupillas do austero homem reluziam atravez dos vidros reluzentes. E, perplexo por esta inesperada convulsão de lagrimas, passou um demorado minuto sem alvedrio; afinal recuperou o tino, curvou-se para o moço, movido por commiserção, forcejou por lhe erguer a cabeça acabrunhada.

—Que desgraça te anniquila? — perguntava Albano Livio—Que é isto, meu amigo?

Apanhara-lhe a testa, tentava levantá-la, insistindo com carinho:

—Confia-te em mim. Dize-me o teu mal. Vamos... Sé forte!... Sús, meu amigo!... Sé digno da tua idade!...

Ao consolo destas palavras aquella dôr soluçosa refrangeu-se, mingou, cedeu. Tinha-lhe tocado o conforto d'uma amizade. Fez-se um longo silencio. No negrume das paredes, pela treva dos cantos, um grillo rompeu a trillar e todo o ambiente mal-illuminado ficou cheio d'uma angustia. Albano Livio voltara ao recosto da poltrona e continuava no seu cacuete de coçar a barba sob o queixo, espe-

rando. Então, de vagar e com o arquejar de energias refeitas, Stelo ergueu a face. Todo o seu corpo estremeceu e, sem descruzar os braços, sem mesmo descerrar as palpebras humedecidas, gemeu:

—Nasci maldito!... Sou o grilheta da desventura...

Os oculos de Albano, como dois claros olhos do Entendimento, fixaram-n'o.

—Bem; — disse o mestre—assim te consideras. Mas, conta-me primeiro a tua desgraça... veremos qual o remedio que se lhe dará...

O moço respirou alliviado, desdobrou um lenço e, enquanto recompunha o semblante, foi contando o seu caso ao austero homem que o escutava, attento, com um vinco na larga testa luminosa e o olhar penetrante. Quando Stelo terminou, um vago, quasi imperceptivel sorriso de suave complacencia lhe desfez a ruga da fronte, abrandando a fixação das pupillas. E serenamente falou:

—Ah! meu doce amigo, tudo isso é a idade, é o teu novo sangue e a tua nova alma!... Tudo isso provem dos teus vinte e dois annos, mas, juntamente com isso, ha um collaborador efficaz—a educação sentimental que te deu ás tontas o desorganizador estonteamento da nossa Civilização... A sentimentalidade é como o nosso sangue, quando lhe escasseiam os globulos brancos a plethora asphyxia, quando lh'os superabundam a anemia arruina. Faz-se necessaria a proporção, a egualdade das partes, de que resulta o equilibrio da vida...

«Trouxeste de forças ignoradas, mas, sem duvida, terriveis por impetuosas, essas tendencias affectivas, esses elementos passionaes, em quantidade exorbitante. Houve um santo homem, cuja ingenuidade e modestia o faziam puro n'um meio impuro, que julgando te dar suas virtudes te sobrecarregou de fraquezas... Porque, meu amigo, é preciso que attendas ás condições. As virtudes, para elle, tinham um limite traçado por sua propria limitação de espirito, e como elle vivia n'uma esphera inferior, onde as ambições são simples desejos e as conveniencias simples barreiras de mais simples deveres, essas virtudes formavam um conjuncto apoucado, mas bastante, de todas as dignas qualidades moraes. Elle transmittiu-t'as de boa fé e generoso... todavia, o elemento em que as ançou era como os terrenos exuberantes, que amesquinham a semente quando ella é escassa e franzina... Tu precisavas de uma força consciante e sciente que te dirigisse. Não te souberam aproveitar. Ensinaaram-te a *meia virtude* do vulgar consenso da nossa moral social, virtude que depende d'um egoismo de bem estar ou d'uma covardia de lucta; encheram-te de coisas inuteis, aqueceram-te o instincto affectivo com excessos de sentimentalidade e, agora, que comesças a posse do teu personalismo, que entras na integralidade do teu ser, sentes a falta de alguma coisa... de alguma coisa seria... sim, positiva e apoiadora...

O austero homem parou, por momentos, como se procurasse uma forma clara para fechar o discurso. Empolgou a barba farta, apertou-a caricioso e, retorcendo-a entre dedos, distendeu-a em bico sobre o peito; seus olhos, por cima dos oculos, firmaram-se no moço; depois, encontrando as palavras, terminou:

—... mas, falta-te a energia moral, que resulta da tua propria vontade sobre a funcção do teu querer.»

Stelo continuava de olhos baixos. A palavra deste homem, sem lhe ter trazido ainda uma solução, já o alliviava. Ouvia-a e recebia-a confiadamente. Albano, escorregando o corpo para o fundo da poltrona e entalando o joelho á quina da mesa, continuou:

—Agora, vamos ao teu caso.

O moço estremeceu, levantou os olhos para o mestre.

—Tu amaste e amas...

—Não, não, não—objectou Stelo vivamente—Eu não amo, amei.

—Bem. Amaste uma rapariga rica, filha de paes conceituados e vivendo em sociedade luxuosa... Mas, quem eras? quaes eram teus paes? que sociedade frequentavas? Ah! tens o insupperavel. Ser um estudante é muito e é nada. Se tivesses um titulo, fosse o pergaminho de bacharel ou a matricula da Associação Commercial, poderias dizer quem eras. Em teu estado, porém, eras apenas o aspirante a uma profissão. Não obstante, isto seria o menos; o principal está na falta de um nome de familia... E de tanto se conclue, em boa logica, que procedeste desajuizadamente. Qualquer individuo pôde contemplar, passando por uma loja de ourives, as joias expostas, nem para outro fim ellas se acham nas montras... desejal-as, porém, sem ter a bolsa capaz de as comprar—é uma insensatez; querer se apoderar dellas sem ter com que as pagar—é uma loucura. Ora, tu não tinhas posição, não tinhas um nome de familia, não vivias em sociedade... Como desejavas essa rapariga rica, filha-d'algo e luxuosa?... essa que, em teu caso, é precisamente a joia exposta?... Ingenuidade, insensatez, loucura! Seja que nome lhe convenha, é um facto impensado, desvairado e punível, segundo as leis que a sociedade contemporanea tirou da sua moral... Vejamos por outro lado o teu assumpto. O que amaste nesta moça foi a sua belleza carnal, singular para os teus olhos cúpidicos e não habituados a tanta elegancia, riqueza e graça. Foi isso. Ella era linda, como disseste, e entrajava custosas vestes; vendo-te n'esse dia de superexcitação nervosa, teve por ti uma impulsiva sympathia, certamente de accordo com as fantasias de seus tenros annos; resumias, sem duvida, o typo com que sonhava... Ai, essas lindas cabecinhas são dodivanas!... Demais, appareceste a essa menina como um moço decente, impressionando bem a sua morbida visão, della. E bastou. Bastou-lhe, porque as nossas ricas meninas, em geral, possuem, sob a delicada e brilhante lacca d'uma educação aristocratica, o sangue vivo da mais ingenua gente da lavoira. Indaga si o seu papae não é um desses robustos homens que transbordam das aldeias da Europa... E si não é o pae, podes jurar que da rabiça dos arados tinham os seus avós as mãos callosas... Prosigamos. Houve na rica menina aristocratisada, uma tendencia instinctiva, que as causas morbigenas tornaram concordantes, isto é, si lhe appareceste como o *homem opportuno*, tambem eras o *sonhado*, o idealizado.

Deu-se um phenomeno a que se pôde chamar—a eclosão d'uma necessidade psycho-physiologica. A menina estava em virulencia organica, estugada pela ardencia imaginativa de um dado typo. Esse typo tu o resumias com mais ou menos semelhança. Surgiste-lhe como por encauto. Ah! tens o impulso sympathico.

—Em ti, porém,—continuou o mestre—a emoção vibrou por fibras virgens. Despertou-te a ambição. Obscuro como eras, ignorando a existencia dos gosos, como vivias, todo o teu espirito se deslumbrou com essa belleza que a fortuna fazia extraordinaria. Assim posto, o que te perturbava era a ambição, o desejo desmedido da posse absoluta d'um bello corpo e d'uma bella fortuna.

—Oh! mestre! exclamou Stelo enrubecendo. Albano pigarreou, encolhendo os hombros.

—E' a verdade. Eu aqui disséco. Com tudo, passemos por alto n'esta dolorosa analyse, vamos ás conclusões. Supponhamos que triumpharias da conquista dessa moça. Para tanto seriam necessários dois recursos—contrariando

a vontade paterna, (e é o caso que ella prevê na carta), ou conseguindo o favor dessa vontade, o que é por demais dubitativo. De qualquer desses dois modos terias a felicidade?... E' o que resta vér. Eu creio que não. Na primeira hypothese, ella previu e detalhou, com uma clarividencia pasmosa, todo o futuro com que poderiam contar, donde a mais terrivel das miserias, a miseria com remorsos, porque te pungiria o crime de a ter arrastado aos rudes trabalhos de uma serva, ao vexame d'uma necessitada, ao horror d'uma faminta. Na segunda hypothese, tu receberias a misericordia d'um amor, não passarias d'um pobre e espuvio enriquecido com a bolsa d'uma mulher e ennobrecido com o nome della. A tua posição seria, eternamente, humilhante, porque não te ias direitos, terias concessões, tornas-te-ias um ser passivo, e para que o não fosses faltava-te o desplante dos cynicos.

Um vislumbre de lucidez, que amanhecia no espirito de Stelo, fel-o objectar com mansidão:

—Mas, mestre, pelo que lhe ouço, entrariam os no regimen da olygarchia com o principio dos cruzamentos por egualdade de origens!

Albano levantou a cabeça para alvejar os olhos no contradictor, tinha os supercilios erguidos, duas rugas riscavam sua larga testa e, acenando com a cabeça, n'um gesto negativo da dextra em que o index se retesava, contestou:

—Não, não é este, positivamente, o assumpto de que trato. Falo sob a pressão do que a Moral Social, tal qual está organizada, estatue com rigor. Para mim o casamento, como se o faz, perpetua e multiplica a especie, não fórma a sociedade sob o interesse de harmonia collectiva. Deixemos, porém, este desvio; sigamos o nosso caminho. Nas tuas condições e attendidas, embora á força, as leis sociaes que nos... *deprimem*, conquista-se, primeiramente, o direito de ser util e respeitado. Entendes-me?

Stelo, já calgado, bateu as palpebras sob a rudeza da pergunta, murmurou:

—Perfeitamente, mestre.

—Quero repetir-te, por este circumloquio, que não estavas em condições de casar...

—Mas, estava nas condições de amar—retorquiu Stelo.

Albano Livio sorriu, concordantemente; sentou-se direito na vasta poltrona, curvou os cotovellos nas bracciras, cujas maçanetas empolgou n'um gesto forte, de affirmação e segurança, e dardejou sobre o rapaz os vidros reluzentes:

—Era unicamente o amor o que querias?...

Se era, tiveste-o. Porque, então, falaste nos esponsaes com um luxo de phrases da *Galanteria Franca*?... Quem te prohibiu de amar? Ah!... eu te entendo. Oh! se entendo!... Podes amar, o amor é livre, porque é uma função physiologica de utilidade humana, mas, desde que o procures em circumstancias especiaes tens de te *agitar* a essas circumstancias. Essa moça, por sua educação, não te poderia amar, verdadeiramente—te amar—, sem desejar o resultado desse amor que outro não podia ser senão o casamento. Quando ella comprehendeu a impossibilidade dessa união, porque, mais do que tu, soube perscrutar o futuro, pelo menos, deduzil-o do presente, rompeu resoluta, com mão firme, a meada do namoro que se complicava.

—Foi uma deshonestidade—disse Stelo.

—Deshonestidade!—interjectou o mestre e ficou com a palavra suspensa nos labios entreabertos, admirado; mas logo, voltando ao recosto: —Sabes, porventura, o valor

deste termo no caso que me apresentas?... Deshonesta seria ella, um dia senão por obras, sem duvida por pensamentos, porque a função amorosa nesses seres não se exime do luxo do viver a que se acostumam. O amor, para elles, é uma volúpia; tem exigencias e exaggeros; se lhes desdobra em requintes eguaes aos do trato do corpo, do vestuário e da mesa; não lhes vem directo do instincto sexual, mas se lhes philtira pela imaginação e d'ahi passa para a ordem dos caprichos e prendas da ociosidade dos ricos e bem e lucados. Assim, a honestidade no amor, nessas delicadas filigranas de nervos, trabalhadas pela arte d'um alto apuro educativo, é um soffrimento, Stelo, é um soffrimento incontado.

Enfastiados das caricias do casamento, e por se em sensibillissimos, ávidos de vida e de gosos, sentindo-se repellidos pela saciedade dos maridos, volvem á busca de outros mysterios e de novas sensações. Dir-se-á que esses espiritos são como os priscos navegadores do Desconhecido; vogam sempre á procura de Eldorados... A existencia que desfructam desvenda-lhes os olhos para os horizontes sem limites, por onde se esboçam seductoras e deslumbrantes miragens...

Mas, cada vez que a *honestidade* se lhes antoja, seja sob a forma de uma desillusão, seja sob a de um dever, o supplicio é horrivel. Ah! muito custa conter o desejo desperto pela carne!... Portanto, meu amigo, a *honestidade*, no particular que estamos tratando, assenta entre dois pólos:—um, em que se concentra a estupidez domesticada pela Convenção; outro, que contem o martyrio resultante da Covardia.

—Então, mestre, será impossivel encontrar a mulher pura?

—A mulher pura, que tu almejas, nesta corrupta sociedade, ainda existe. E' a simples que te não seduzirá mais que um dia, e em especial circumstancia de logar onde; é a bronca que te encherá de nojo, porque a sua triste passividade valerá tanto quanto um animal domado!

Disse Albano Livio e repousou as costas no espaldar da velha poltrona, que parecia firmar-se nos grossos pés para offerecer descanso áquelle formidavel, implacavel homem de analyse. E, outra vez começou a falar, agora com pausa, quasi a meia voz, em monologo:

—E' a campanha de Bebel... E' para onde devemos atirar os alviões... Emancipemos a mulher, antes de tudo... que ella tenha os nossos direitos na communhão social...

Tornemol-a responsavel por seu livre arbitrio e por sua liberdade... Eduque-se-lhe o espirito, fortaleça-se lhe o caracter para livral-a da corrupção adstricta á sua actual posição de serva, de inferior, de irresponsavel e de *coisa*...

E, de repente, curvando-se para o moço, apertou-lhe o braço, puxou-o para si, como se lhe communicasse uma verdade absoluta que o aquecia:

—O ser humano só se completa com a união dos dois sexos, é a doutrina de Kant, mas esta união não póde depender de uma forma convencional, interesseira, de resultados negativos como é o *casamento*, que o insuspeito Stuart Mill affirma ser a «única verdadeira servidão que a lei reconhece.» Ahi tens tu uma aurora que surge para o teu talento. Deve ser esta a tua paixão, o ideal das tuas aspirações de moço—a luta pela reforma social! Enquanto este amor de hoje, este amor que por ahi corre e se mercedeja, não passa d'uma deliciosa sentimentalidade requintada pela luxuria. Admittil-o, por forças que escapam á nossa resistencia, só se lhe dando uma forma commoda. Elle deve occupar logar bem curto e delicado em nosso coração, o mesmo que um lindo soneto occupa em nossa memoria.

Callou-se.

Stelo tinha os olhos parados neste largo rosto trigueiro a que a luz da lampada e a loquacidade punham calores carmineos, fazendo arder o vermelho da sua forte bocca sob a espessura do bigode negro.

Uma vaga, indefinida tranquillidade pairava sobre sua alma soffredora. Todo o seu ser tinha amolleido com uma languorosa sensação d'entorpecimento, de cansaço. Pesavam-lhe as palpebras.

N'uma sala proxima, o tympano d'uma pendula bateu meia-noite.

—Bem—disse Albano, erguendo o corpo derreado—é hora de recolher.

E como o moço tambem se levantára, logo procurando o chapéo, pôz-lhe a mão ao hombro, obrigando-o a desistir da partida.

—Agora, para que recuperes a saúde d'alma, meu pobre rapaz, precisas de mim como um medico, e deste tugurio como um hospital. Se te não prejudica deveres e te não repugna a pobreza, fica.

Gonzaga Duque.



IDADE DE OURO

A' Exma. Sra. D. Amelia de Rezende Martins

ESTA pagina que relembra, na sua doce simplicidade, as bucolicas da Arcadia e, pela disposição das scenas, recorda o mytho do Natal cretense, é uma surpresa da photographia — a verdade vista através duma... objectiva.



Quem mama não é Jupiter, — ainda que a ama seja Amalthéa — nem são curéto os companheiros.

O campo, sem os myrthos e os therebintos classicos, é a alfombra de um jardim domestico.

Não ha napéas nem satyros occultos nas silvas e os pelizes, cujo grupo Phidias não desdenharia para o frontão do templo de alguma divindade rustica, vivem, crescem nesta florida e acolhedora terra campineira, sobre a qual se encurva um ceu tão puro como o que, no dizer de Hesiodo, suavemente vibrava á «voz lyrial e sonóra das deusas.»

É a hora da refeição de Cecilha.

As abelhas lá andam pelas flores, as cigarras chirriam ao sol e os canarios cantam nos ramos verdes.

Cecilha, que ainda não anda, cuja boquinha desabotoou as primeiras palavras: «papá... maman...» faz-se levar pelos irmãos ao retiro em que Amalthéa passa as horas mais cálidas, deitada na relva tenra, entre flores, a acompanhar, com enternecido enlevo, as travessuras do filho, um cabritinho endiabrado que, para ir dum ponto a outro, entende que o caminho mais curto é... pelo ar, aos pinchos.

Amalthéa conhece Cecilha, estou mesmo em jurar que a adora.

Vendo-a chegar levanta-se e contempla-a com verdadeira ternura nos grandes olhos meigos.

Cecilha senta-se á sombra do animal pacifico, mira-lhe a teta gulosamente, balbucia e a cabra, que a entende, agei-la-se.

Tanto tem ella de tranquilla quanto tem de estouvado o cabritinho. E Nonô, para contel-o, emprega toda a sua força e eu, ás vezes, tenho a illusão de estar admirando uma redução de luca formidavel de Hercules com... o touro de Creta, vendo o menino ás voltas com o cabrito.

De pé a irman mais velha, Maria Amelia, meiga como a Chloé da pastoral de Longus, retem a cabra para que a pequenita sugue. É então ver a inveja gulosa do cabrito...

Cecilha mama — incham-lhe as bochechas, os olhinhos brilham de puro gozo e o leite, perfumado a flores, escorre-lhe da bocca cor de rosa e perde-se-lhe na pelle branca do gordo peitinho nú.

Em torno as abelhas zumbem, as borboletas vôam, saltam os gafanhotos e é pelas arvores um tão afinado concerto que a pequenita, por vezes, deixa a teta e fica a ouvir os passarinhos e tart.reia, como a cantar com elles.

Farta, repelle a teta ainda apoiada... É, então, a vez do cabritinho que, de joelhos, investe ás marradas, com gana indigna de um cabrito de educação. E Cecilha ri com a boquinha cor de rosa esmaltada de leite — quem a não conhece julga-a já senhora de todos os dentinhos...

Não raro deita-se, rebolando-se e, junto d'ella, deitam-se os irmãos.

Começa então o arvoredo a ninal-os — a brisa passa, os ramos agitam-se de leve, com suave murmurio. Calam-se as cigarras e os passarinhos e os tres adormecem entre flores...



E sonham... Com que sonharão os que ainda não conhecem a vida? com o sonho em que vivem, certamente.

Campinas — IV — 1904.

Coelho Netto.
Da Academia Brasileira



OLHOS TRISTES

Olhos tristes! vós sois como dois sóes num poente:
Cançados de luzir, cançados de girar;
Olhos de quem andou na vida alegremente
Para soffrer depois, para depois chorar...

Andam nelles agora, a vagar lentamente,
Como velas de náus sobre as aguas do mar,
As vossas illusões num rosario silente...
Olhos tristes, vós sois dois monges a rezar.

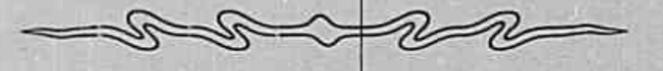
Sinto, ao vos ver assim, tão cheios de humildade,
Marinheiros cantando a canção da saudade,
Num côro de tristeza e de infinitos ais...

Olhos tristes! eu sei vossa historia sombria
E sei quanto chorais, cheios de nostalgia,
O sonho que passou e que não volta mais...

Luiz Edmundo.




NOSSOS CONCURSOS

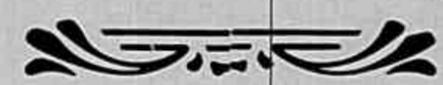


Diligenciando corresponder por todos os modos ao generoso auxilio que o publico tem dispensado a esta Revista, creamos hoje uma nova secção, destinada a despertar grande interesse aos numerosos leitores de *Kósmos*.

Successivamente e de accordo com o seu character, serão abertos nestas paginas concursos os mais variados, para os quaes desde já chamamos a attenção dos leitores.

Inauguramos a serie estabelecendo as condições para o

1.º-CONCURSO DE BELLEZA INFANTIL



1.^a— Poderão concorrer, enviando suas photographias, todas as MENINAS de 2 a 8 annos de idade, residentes em qualquer ponto do Brasil.

2.^a—As photographias terão o formato nunca inferior ao cartão-album, não devendo representar outras pessoas que não as concurrentes.

3.^a—Todas photographias terão no verso o nome das concurrentes, sua residencia, um pseudonymo que será reservado, e o nome do photographo.

4.^a—As photographias serão enviadas á Redacção de *Kósmos* até 31 de Agosto de 1904, em envolucro fechado e com a indicação: "Concurso de belleza infantil".

5.^a—Encerrado o prazo para o recebimento das photographias, serão estas classificadas e entregues á Commissão julgadora composta de membros do nosso meio artistico e litterario—cujos nomes serão publicados posteriormente.

6.^a—Terminado o julgamento, cujo resultado será publicado conjunctamente com a reproducção das photographias das creanças premiadas, ficam aquellas á disposição das pessoas que as reclamarem com o pseudonymo indicado nas mesmas.

7.^a—*Kósmos* estabelece para este concurso 10 premios: 1 primeiro, 3 segundos, e 6 terceiros.

A menina classificada em primeiro logar receberá alem de um riquissimo brinde, 1 apolice remida de 1:000\$000 da acreditada Companhia de seguros de vida A EQUITATIVA, pagavel quando a segurada completar 18 annos de idade.

Os demais premios constão de bellissimos brindes, cuja acquisição foi confiada á firma Lacarrière, Lafaille & C.^a de Paris.

8.^a—Todas as concurrentes classificadas terão seu retrato nas paginas de *Kósmos*, indicando o nome, idade, e bem assim o nome do photographo ou amator. autor da photographia.

9.^a—A redacção só responde pelas photographias entregues pessoalmente á rua da Alfandega n. 24.

COMMENTÁRIOS

O manifesto Assis Brazil — A Mensagem

MAL pensava eu, ao commentar, sob o meu criterio de observador já sem ardencias e sem enganos, a feição do nosso revisionismo, que tão cedo me viesse um dos seus mais altos paladinos reforçar os reparos com um ponderoso documento. Não fui eu quem encommendou, para dar vigor aos meus commentarios, o manifesto do Sr. Assis Brazil; acredito piamente que ninguem, nem mesmo os revisionistas, me imputará tal aleive, nem supportará o illustre republicano suggestionavel, para qualquer effeito, por um politico que já não forma e que a maioria dos novos nem sequer conhece. Mas o facto é que elle, o manifesto, me veio a calhar.

O Sr. Assis Brazil teve na propaganda republicana logar distincto; seu talento e seu character destacaram-n'o entre os batalhadores da nova fé; quando sahio da academia para o Rio Grande do Sul levava plumas de general. Lá, na organização partidaria, feita sob a direcção firme de Julio de Castilhos, e ainda na Constituinte Federal, aonde o mandou o seu Estado na pleiade brilhante dos seus deputados, quicã a mais brilhante do Congresso naquella época, o valoroso politico teve parte notavel.

Com o evoluer dos factos politicos, não tardaram, entretanto, em dissentir, no Rio Grande, Castilhos e elle, apesar de estreitados, alem da comunidade de crenças, por uma ligação intima. Na pratica, o liberalismo democratico do publicista da *Republica Federal* chocou-se com a organização rigida do eminente modelador do Rio Grande actual.

Mas ao fundo da divergencia de doutrina, havia um facto humano, que por involuntario não era menos poderoso: a estatura politica do Sr. Assis Brazil era bastante avantajada já para que se deixasse dominar pela chefia absoluta de Castilhos. Defrontavam-se ahi, em um terreno que não podia ser partilhado, não sómente dois principios, mas duas forças capazes, conscientes ambas do seu valor e ciosas da propria influencia, abroquelada uma na sua concepção positiva do estado, armada a outra de uma democracia, que lhe era, ao demais, no momento, bandeira para a ruptura, signo para a reunião de todos os dissidentes. A colisão era fatal; deu-se.

Separaram-se. E em torno do Sr. Assis Brazil congregaram-se os que se haviam apartado de Castilhos. S. Ex. era entre os republicanos dissidentes o chefe mais autorizado; e, traçado o caminho pelas circumstancias, o antigo propagandista deu combate energico á situação do seu Estado, clamando contra a forma constitucional, que julgou oppressora das liberdades republicanas, clamando contra as praticas de governo, que affirmou violadoras da propria segurança individual, fazendo sentir, mesmo

ausente do paiz, a influencia do batalhador. S. Ex. foi um revisionista franco e combativo, dentro do seu Estado e fóra d'elle.

A morte de Julio de Castilhos veio abrir um claro enorme na politica rio-grandense, ao mesmo tempo que as negociações do Acre punham em relevo a individualidade do Sr. Assis Brazil. Agitaram-se os federalistas, sob a esperanza de uma remodelação politica no seu Estado, de um abrandamento da rigidez partidaria, não faltando áquella a suggestão de uma interferencia federal. Não sei si esta houve; sei que os factos exteriores permaneceram e que apenas o Sr. Assis Brazil, terminado o litigio, resolveu naturalmente ir repousar um pouco no seu Estado natal.

Os seus antigos chefiados, porem, viram nessa ida o inicio de uma nova e decisiva campanha contra o castilhismo, avigorada pelo prestigio do chefe e favorecida pela falta do campeão contrario; annunciou-se um manifesto.

Este veio realmente. Mas o manifesto não trouxe o esperado grito de guerra, a chamada ao combate. Elle expressa em longo discurso um pensamento que se resume em curta traducção.—O Sr. Assis Brazil acha, como eu, que nem tudo está perdido neste paiz, que nem tudo carece de absoluta reversão; conserva as suas idéas, aliás custosas de esquecer em tão rapido tempo, mas pensa que a revisão não é um problema de solução urgente, que não se pode julgar uma forma que ainda não foi devidamente executada...

Sob a impressão do vacuo feito pelo desaparecimento de Castilhos, o Rio Grande transfigurou-se-lhe diante dos olhos: ainda lá está a constituição combatida, persiste lá, com o Sr. Borges de Medeiros, a mesma orientação de governo; mas o illustre republicano acha, visivelmente, que a situação se adoçou sobremodo.

A queda do robusto antagonista inspirou-o diversamente dos seus antigos correligionarios. O lutador do *Presidencialismo* viu, em seguro golpe de vista, que no espaço vasio podiam caber bem elle e as suas doutrinas e pensou, de certo, como eu, que não vale a pena subverter formulas quando a questão é de homens... Dirigir é modificar, governar é rever; e S. Ex. começou revendo os seus proprios principios.

Zangaram-se alguns dos seus, sem razão; si alguém a teve, fui eu... Pensaria de modo diverso qualquer outro, em identica situação?

O manifesto Assis Brazil foi uma nota forte neste periodo de *Commentarios*, mas não foi o unico facto interessante.

Tivemos, com a volta da primavera, a das andorinhas parlamentares. «Primavera falsa e convencional, de inexperienced plumitivo», dirão, de certo, lembrando a cinza geographica da vetusta figura; mas não serei eu quem vá ás mãos por isso. No fundo, a figura não violenta ninguem: primavera e parlamento accommodam-se perfeitamente no caso e acobertam-se bem, salvando a minha velha rhetorica de trinta annos, um ao outro. Não cuidemos, pois, de cousas minimas...

Com o Congresso tivemos, porem, um facto positivo— a *Mensagem* do Sr. Presidente da Republica, que nos dá sciencia de duas excellentes cousas: primeiro, que nos afastamos mais um pouco do abysmo classico, contemporaneo da nossa primavera de Maio, em que a toda hora está a se precipitar o paiz; segundo, que o Congresso terá este anno mais uma sessão de patriotico labor, votando, após o preciso debate, todas as medidas que a actividade mental do poder executivo lhe suggere, a elle executivo.

Não foi, aliás, grande surpresa nem uma das duas. Não sou, já o disse de outra feita, dos que não veem no presente nada de bom e veem tudo de mau e á guisa de caminheiros que, perdida a noção da percurso, alongam os olhos para traz, onde a perspectiva distante reduz, constringe e alisa os detalhes, e enxergam a volta longinqua da estrada avivada no solo como uma sim les fita vermelha, acham que o caminho agora é insupportavel e que o trecho passado não tinha nem pedras nem buracos. Ao contrario, do meu retiro de medicina sertaneja, onde encantoei-me desde que sahi do *brouhaha* politiquero da minha terra, vejo as cousas como um burguez singelo, desligado de lutas, que, si não é de todo Pangloss, não dá de modo algum para o genero Cassandra; e penso que, *bon gré, mal gré*, vamos andando, mercê de Deus, o nosso caminho.

Quanto ao Congresso, é sabido já o zelo esforçado com que trabalha, todas as vezes que o governo se põe em actividade. Não se lh'o pode accusar de vadio; si em algumas legislaturas nada fez, foi porque o executivo dormiu sobre os interesses publicos.

E a prova tivemos na sessão passada, incontestavelmente operosa: não houve medida governamental que não fosse votada, interesse que não fosse attendido; o Congresso votou tudo, inclusive as autorisações em branco. Só não votou o codigo civil e a reforma eleitoral e deixou incompleta (é o adjectivo presidencial) a lei sobre impostos inter-estaduaes.

Mas serão votados, espero em Deus. A Mensagem presidencial neste ponto é solicita; e depois de declarar que foi muito proficuo o esforço do Congresso, «secundando as vistas do governo e habilitando-o com as leis e autorisações necessarias para bem gerir os negocios publicos», faz reparos sobre o que faltou. «Não podeis estranhar—diz—minha insistencia pela solução de assumptos de tanta importancia». Está visto que o Congresso não extranhará: votará, isto sim.

A sessão será proficua, portanto. Além do que faltou, ha medidas novas de que o governo carece, na ordem juridica, na ordem economica, na ordem militar, e que fazem parte do seu vasto programma. Ha trabalho, em verdade.

Dessas sobreleva-se o empenho pelo aparelhamento da defesa nacional, com o credito solicitado para reconstituição do material fluctuante da armada. Este será, parece-me, de 250 mil contos em seis exercicios, e já um jornal fallou em uma nova contribuição para isso.

Não clamo contra o imposto, cujo valor, ratinhado quasi sempre ao interesse collectivo, deixamos sem sentir, não raro, entre um vermouthe e um chopp; o essencial é que delle nos venha verdadeiramente uma armada. Não basta a esquadra, é preciso, antes de tudo, o marinheiro.

Si ser marinheiro é ser intemerato, abnegado, sobrio, capaz de heroismos, de sacrificios e de privações, nós o temos; o Brazil disporá de milhões. Mas a guerra é hoje, mais do que nunca, uma arte, complicada e delicadissima. O combatente do mar, do grumete ao commandante, é o mechanico, familiarizado com todas as molas que constituem o navio moderno, desde a helice impulsora até os aparelhos de tiro, fazendo-as moverem-se sem um desvio nem uma hesitação, firme e seguramente, sob a acção de uma vontade consciente e forte, na occasião decisiva; é o batedor de mares, que conhece aguas e costas como o vaqueano seus campos e sangas, e para quem não ha aberturas, nem esconderijos, nem surpresas.

Não basta ser soldado e ser bravo; é preciso ser artillheiro infallivel, machinista eximio, navegador impeccavel, tirando dos incidentes de terras e aguas a vantagem militar, sciente de que a victoria hoje é de quem tem a mão mais destra, o olhar mais prompto, o golpe mais seguro. E' a lição de Cuba e do Mar Amarello.

Não nos voltemos para a Europa, quer para o exemplo, quer para a desculpa: em cousas de guerra ella tem aprendido bastante ultimamente em casas alheias... Desenvolvamos as nossas proprias qualidades militares, afeiçoando-as á terra que hão de defender, eis tudo. E' ainda a lição dos Estados-Unidos e do Japão.

Por ora temos heróes, não temos marinheiros. Que nol-os dê o governo: nada mais pedimos do que isso...

Itaipú, Maio de 1904.

Sancho Alves



DIVINA COMEDIA

CANTO VI

DO

PURGATORIO

AS ALMAS PEDEM A DANTE ORAÇÕES QUE LHE ABREVIEM
O TEMPO DA EXPIAÇÃO.

AVISTA-SE COM SORDELLO. IMPRECAÇÕES CONTRA A ITALIA
E CONTRA FLORENÇA EM ESPECIAL.

1. Quando o jogo da *sara* é terminado,
Na âmgura, o que perde, só ficando,
Os bons lances ensaia contristado.
2. A turba o vencedor acompanhando
Qual vai diante ou qual por traz o prende,
Ao lado qual se está recommendando.
3. A este e áquelle sem deter-se attende ;
O que lhe alcança a mão parte-se a pressa ;
De importunos desta arte se defende.
4. Cerca-se assim a multidão espessa,
Ora a uns, ora a outros me volvendo,
De cada qual me livro por promessa.
5. O Aretino aqui 'stava: golpe horrendo,
De Ghin Tacco por mão, cortou-lhe a vida ;
E o que na fuga se afogou, correndo.
6. Aqui rogou-me, em supplica sentida,
Frederico Navello e esse Pisano
Por quem Marzucco acção fez tão subida.
7. Vi o Conde Orso ; e aquelle, que o seu damno
Mortal, pelo odio e inveja, recebera,
Como dizia, e não por feito insano.
8. Alludo a Pedro Brosse. A que ora impera,
Do Braçante, se apresse a ter cautela,
Senão, da grei maldicta a estancia a espera.
9. Quando emfim pude me esquivar áquelle
Turba, que preces soffrega pedia
Para a entrada apressar na mansão bella.
10. «Em texto expresso»—eu disse— «ó douto Guia,
Do teu livro affirmaste que a vontade
Do ceu por orações não se movia.
11. «Mas pede-as essa grei com anciedade :
Seria acaso van essa esperança?
Ou comprehender não pude essa verdade?

12. —«Seu sentido a tua mente»—disse— «alcança ;
Por van essa esperança não fallece ;
Quanto é certa a razão nol-o affiança.
13. «A Justiça do ceu não desfallece,
Porque flamma de amor num só momento
O devedor redime, que padece.
14. «Lá onde expuz aquelle pensamento
Não podia oração solver peccado,
Pois distante de Deus estava o intento.
15. «Porém neste problema sublimado
A' mente por quem ha summa sciencia
Te será puro lume revelado.
16. «Por quem? Por Beatriz. A continencia
Feliz, ridente lhe verás ao viso
Quando houveres subido da eminencia.»—
17. Tornei:—«Andar mais presto ora é preciso ;
Como de antes, não sinto mór fadiga,
E da montanha a sombra já diviso.»—
18. «Como podermos, é mister prosiga
O passo, em quanto o dia não se finda ;
Mas te engana o desejo que te instiga.
19. «Antes do cimo aguardarás a vinda
D'esse astro occulto agora pela encosta ;
Não refranges os raios seus ainda.
20. «Aquella sombra vê, de parte posta,
Que, em soledade, attenta nos esguarda :
A vereda dirá melhor disposta.»
21. Chegamo-nos. O' nobre alma lombarda,
Como estavas altiva e desdenhosa,
Dos olhos no meneio grave e tarda !
22. Ella em nós encarou silenciosa,
Mas deixava-nos vir, nos observando,
Qual leão no repouso, magestosa.
23. Virgilio aporpinquou-se, lhe rogando
Nos mostrasse a mais commoda subida.
Respondeu-lhe, sómente perguntando
24. Qual fora a patria nossa e a nossa vida.
A falar o meu Guia começava—
«Em Mantua...» quando a sombra, commovida,
25. A elle se enviou d'onde se achava,
«Sordello sou—lizando—«em Mantua amada
Nasci tambem.»—E amplexo os estreitava.
26. Ah ! serva Italia da afflicção morada !
Nau sem piloto em pego tormentoso !
Rainha outr'ora, em lupanar tornada !
27. Esse espirito nobre e deleitoso
Nome escutando só da doce terra,
Logo o patricio acolhe carinhoso:

28. Os vivos raivam no teu solo em guerra;
Se encarniça um no outro ferozmente
Os que um só muro, uma só cava encerra.

29. Busca, ó misera Italia, diligente
No marítimo teu, busca em teu seio:
Onde acha paz a tua infausta gente?

30. Justiniano em vão te ageitar veio
A brida; a sella fica abandonada:
Maior vergonha te ha causado o freio.

31. Ah! Curia! Aos teus deveres dedicada
Deixar te cumpre a Cesar todo o mando,
Como a lei quer por Christo decretada!

32. Vê como, aos maus instinctos se entregando,
Ira-se a fera por faltar-lhe espora,
Depois que inhabil mão 'stá governando.

33. Alberto de Germania! Attenta agora
Que se ha tornado indomita e bravia;
Cavalgado a deveras ter outr'ora!

34. Do ceu justo castigo deveria
Os teus ferir,—tão novo e tão sabido,
Que espante o successor da monarchia!

35. Tu e o teu genitor heis consentido,
Distantes, por cobiça, em terra estranha,
Que do Imperio o jardim'steja esquecido.

36. Vê, descuidoso, na afflicção tamanha
Cappelletti e Montecchi entristecidos,
Monaldi e Filippeschi alvo de sanha.

37. Vem, cruel, ver fiéis teus opprimidos:
De tanto opprobrio seu toma vingança.
Vê como em Santafior estão regidos.

38. Vem ver tua Roma! De carpir não cança!
Viuva e só a todo o instante clama:
«Vem, Cesar! Vem! Não mates minha esp'rança!

39. Vem ver como a si proprio o povo se ama!
E se por nós piedade não te move,
Mova-te o zelo pela tua fama!

40. Se me é dado dizer,—Supremo Jove,
Dos homens por amor sacrificado,
Mal tanto a nos olhar não te commove?

41. Ou tens ao nosso mal aparelhado,
Lá dos conselhos teus no abysmo immenso,
Algum bem, ao saber nosso vedado?

42. As cidades de Italia um tropel denso
De tyrannos subjuga e qual Marcello
Se acclama o faccioso, á patria infenso.

43. Has de, Florença minha, haver por bello
Este episodio, a ti não referente,
Mercê do povo teu, de outros modelo.

44. Muitos, justiça tendo em peito e mente,
Por desfechar seu ar o ensejo aguardam:
Teu povo a tem nos labios permanente.

45. Muitos de encargos publicos se guardam;
Mas teu povo solícito se off'rece,
Gritando: — «Prompto estou! em dar-m'os tardam!»—

46. Exulta! A causa o mundo bem conhece:
Tens prudencia, tens paz, possues riqueza.
Falo a verdade, e o effeito transparece.

47. Athenas, Sparta, que a tão summa alteza
Por leis e instituições se sublimaram,
Sem governo viveram na incerteza,

48. Se, Florença, contigo se comparam,
Que em Novembro tens visto revogadas
Leis subtís que em Oitubro se forjaram.

49. Quantas vezes não sido transformadas,
Em breve tempo, lei, moeda, usança?
Quantas indole e forma renovadas?

50. Se vês ao claro e tens viva lembrança,
Ao enfermo has de achar que és semelhante,
Que, no leito jazendo, não descansa;
Em vão se agita, a dor vai por diante.

(Inedito).

J. P. XAVIER PINHEIRO



AGUAS DA CIDADE DE SANTOS

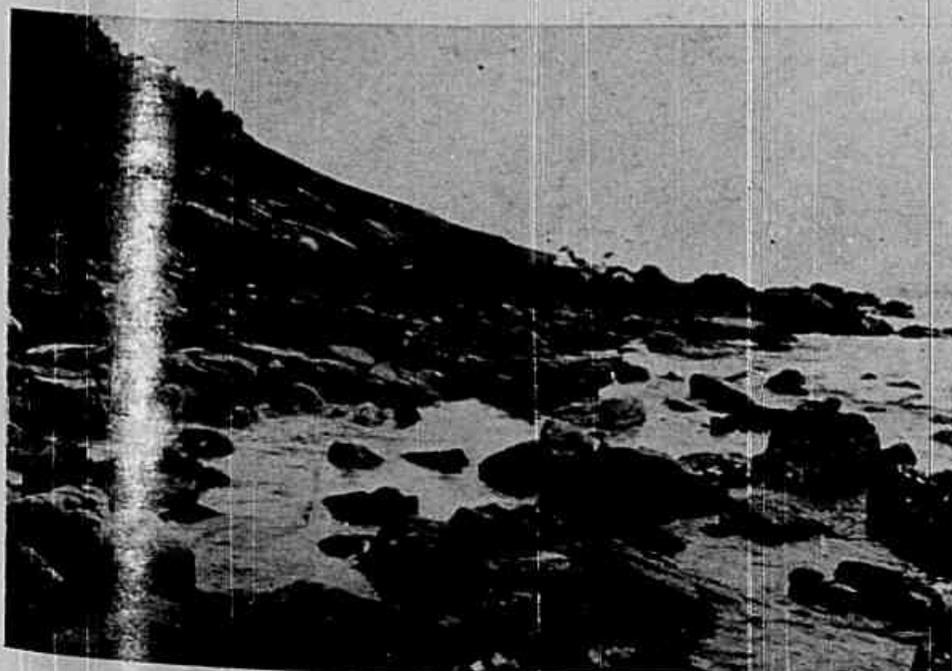


TRECHO DA CIDADE DE SANTOS

A cidade de Santos é actualmente de todas as do Brazil, á beira-mar situadas, a que mais se avanta em melhoramentos materiaes de primeira ordem. Entre estes salienta-se o seu porto, que, muito abrigado contra os ventos maritimos e francamente accessivel aos maiores navios, já é dotado de mais de 2000 metros de caes profundos e bem aparelhados para a carga e descarga de mercadorias, sendo que sómente dentro de alguns annos deparará com um rival no porto do Rio de Janeiro.

Não tem tambem similares em outros pontos da costa brazileira as limpidas e pittorescas praias de banhos dos arredores providos de confortaveis estabelecimentos de hospedagem e de recreio, como a do arrabalde da Barra até "José Menino," e mais além a encantadora villa balnearia do Guarujá.

Notavel se tornou aliás a melhoria das condições de salubridade da cidade, devida não sómente ás proprias obras do porto, fazendo desaparecer as antigas

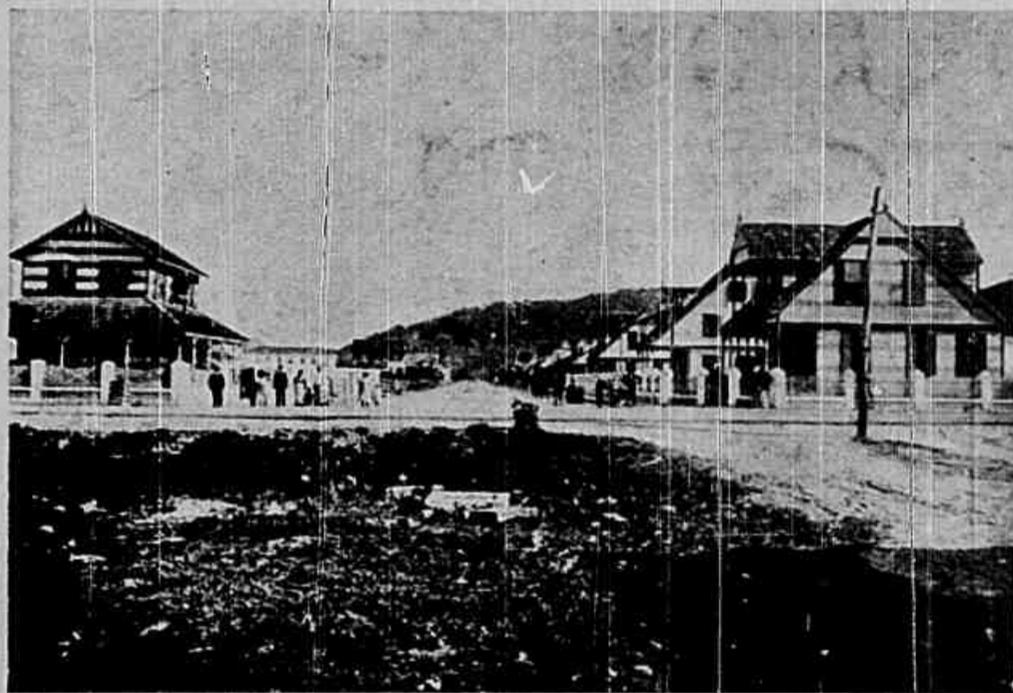


GUARUJÁ

infectas praias, sobre as quaes se projectavam construcções de madeira pessimamente conservadas e mal servindo ao movimento das mercadorias, como tambem aos trabalhos de aperfeiçoamento e ampliação que desde 1896 pouco a pouco se vão realizando na rêde de esgotos, e ao efficaz aparelhamento do serviço sanitario em fôrma de hospitaes de isolamento e desinfectorios.

Para o extraordinario resultado já alcançado sob o ponto de vista hygienico é sem duvida factor de grande valia a abundante provisão de agua potavel com alta pres são e de inexcedivel pureza; e neste particular póde presentemente a cidade de Santos ser considerada como tendo a primazia no Brazil.

De facto em virtude do contracto, que foi celebrado em 1897, com o Estado de São Paulo, — tendo sido elaborado pela Commissão do Saneamento cuja direcção coube então immerecidamente ao autor da presente noticia — a Companhia City of Santos Improvements, encarregada do serviço das aguas, que dantes dispunha de dous encanamentos adductores



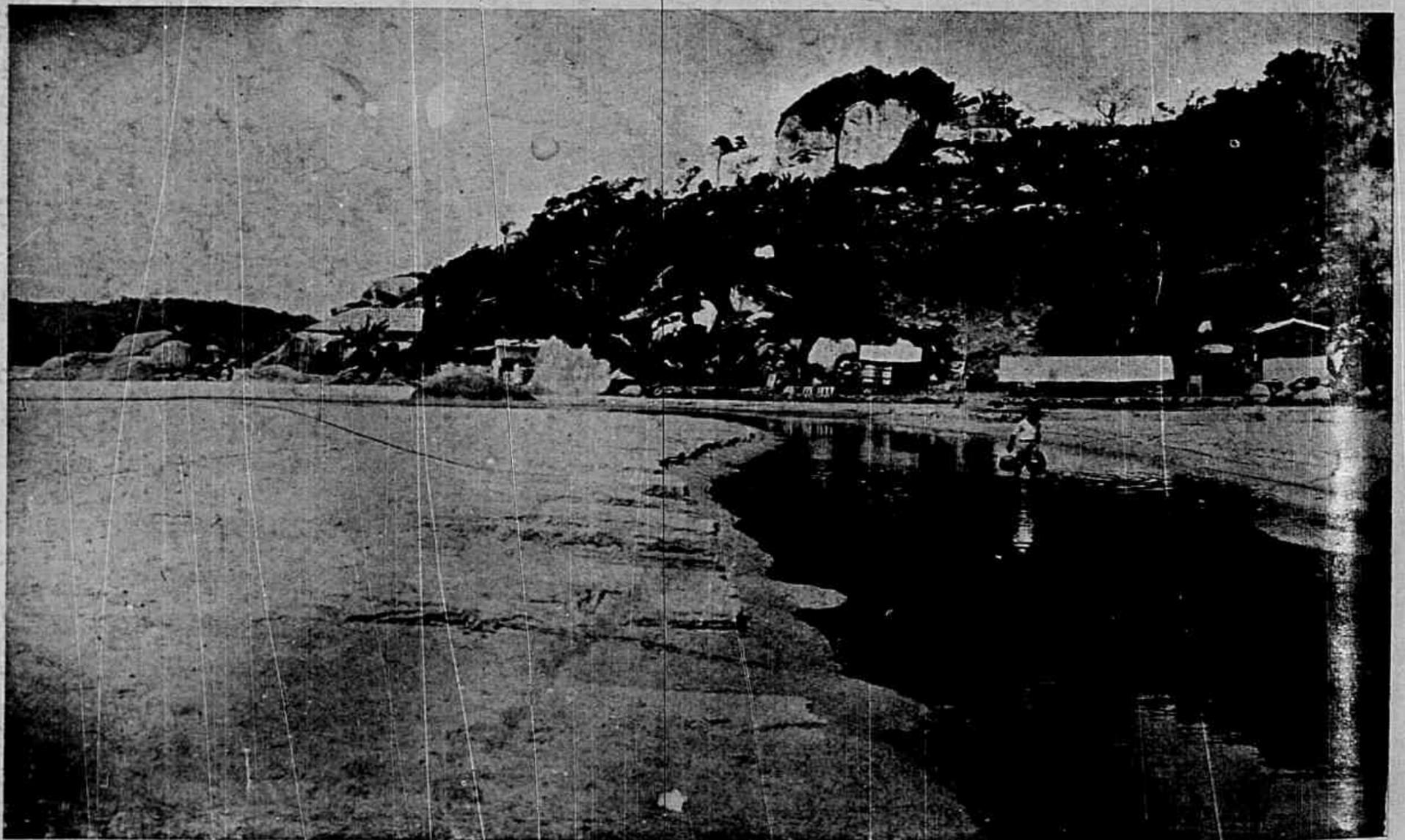
SANTOS—GUARUJÁ—RUA CENTRAL

de 0,^m30 e de 0,^m25, capazes de fornecer á cidade no maximo a quantidade de 5.000.000 litros em 24 horas, ampliou o serviço, de maneira a abastecer-a com mais 18.000.000; assim é que avaliada em cerca de 35.000 habitantes a população, que goza desse beneficio, o supprimento poderia ser feito actualmente á razão de mais de 650 litros diarios por cabeça; tão avultado volume d'agua não é comtudo distribuido na realidade, sendo que em 1901 a maxima quantidade fornecida durante 24 horas ás 4946 derivações prediaes então existentes, foi de 12.620.000 litros, o que daria em média cerca de 360 por habitante, ou mais de 2.500 para cada casa; tal quantidade é superior a aquella a que a Companhia é obrigada pelo seu contracto. Tem ella aliás por uma das clausulas deste, de fornecer diariamente 1.200.000 litros aos tanques de lavagem automatica dos esgotos e



T. MARQUES PEREIRA — Phot. SANTOS

GUARUJÁ

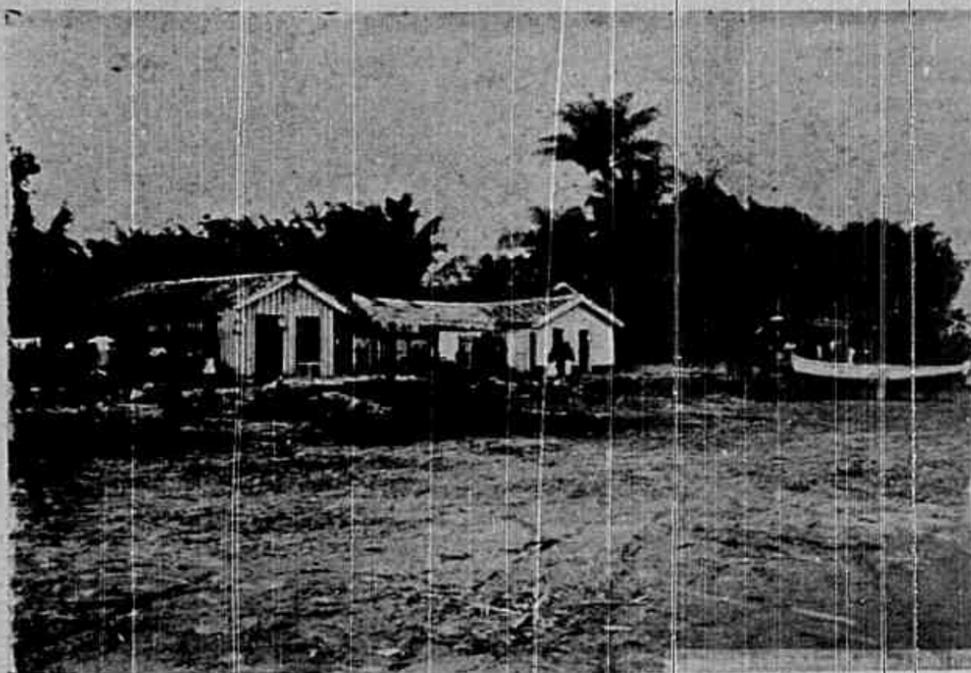


GUARUJÁ

mais 600.000 aos chafarizes; e outra clausula proveu para que fosse reformada a rede de distribuição, de maneira a eliminar as canalizações de diametro inferior a 0,10, salvas as derivações para os predios.

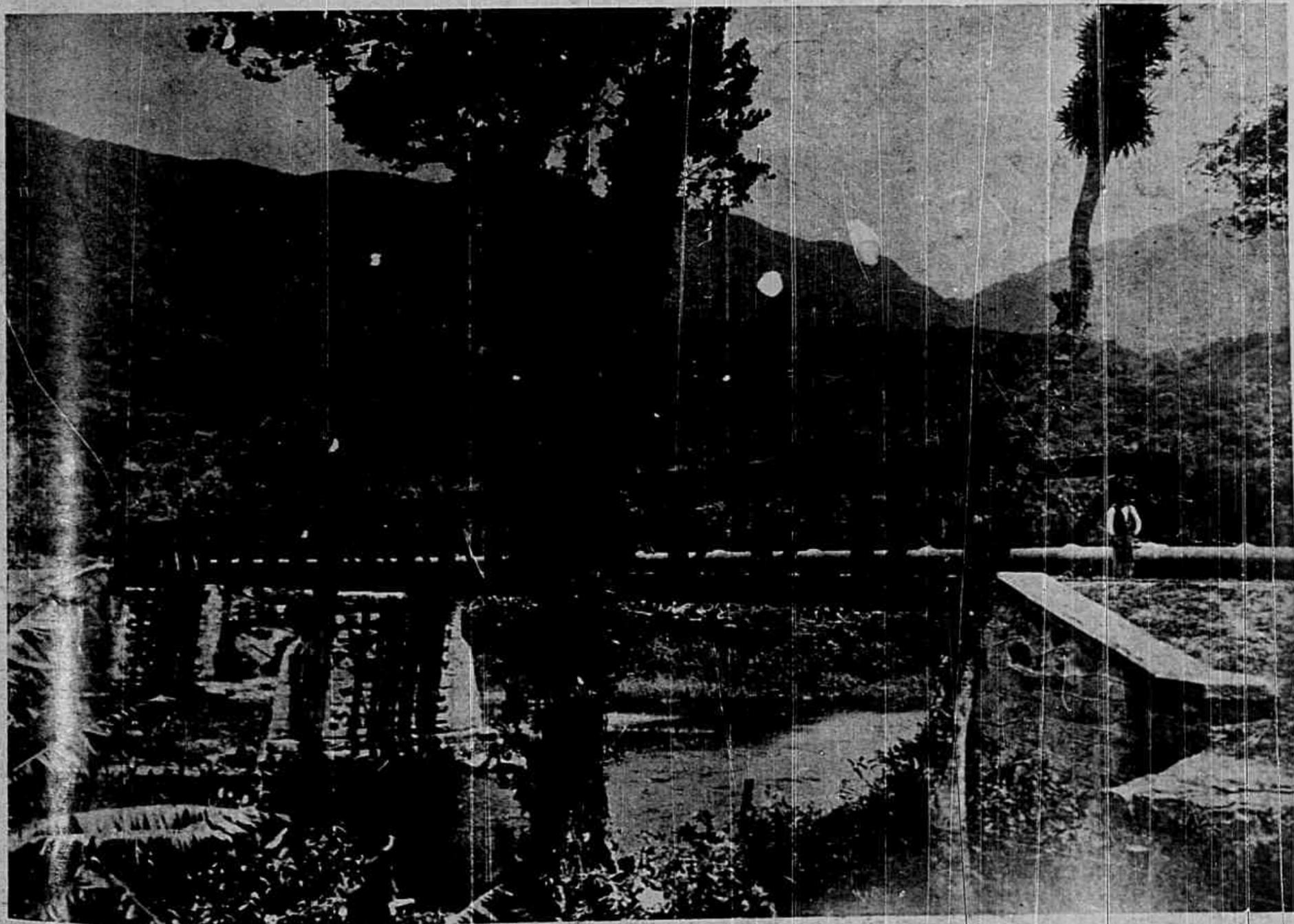
O supprimento d'agua provém dos copiosos e perennes mananciaes da alterosa serra do Mar, ou de Paranapiacaba, como ahi se denomina, a qual á distancia de 15 a 20 kilometros de litoral, se levanta bruscamente a mais de 800 metros de altitude sobre o nivel do mar, nos pontos mais baixos da cumiada; nessas alturas acha-se uma das regiões mais pluviosas do Brazil, sendo que ahi observou-se a maior queda annual de chuva entre nós registada.

Nascidos das alcantiladas abas, cobertas de mattas da referida serra vem os dous pequenos rios Cubatão e Mogy, com o curso de 30 e 18 kilometros respectivamente, desembocar conjuntamente no fundo do vasto estuario, que encerra a ilha, em que é situada a cidade de Santos, tendo antes corrido, em sentido contrario, por valles quasi parallelos ao litoral, entre a serra principal e os altos espigões ou contrafortes do mesmo nome que os referidos rios. Avolumam-se

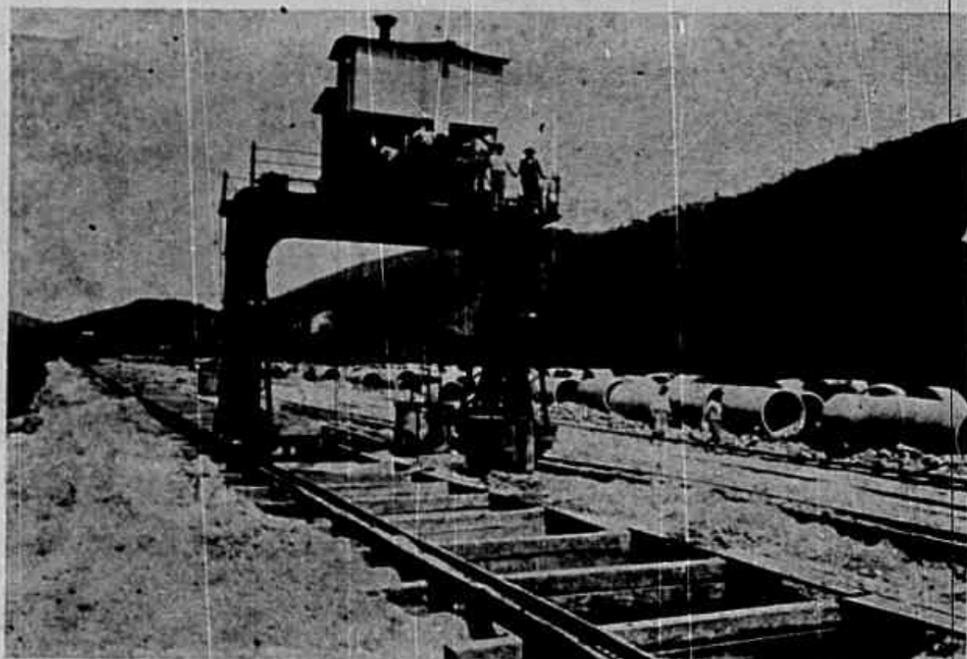


SANTOS—PONTA DA PRAIA, PONTO DE BONDES

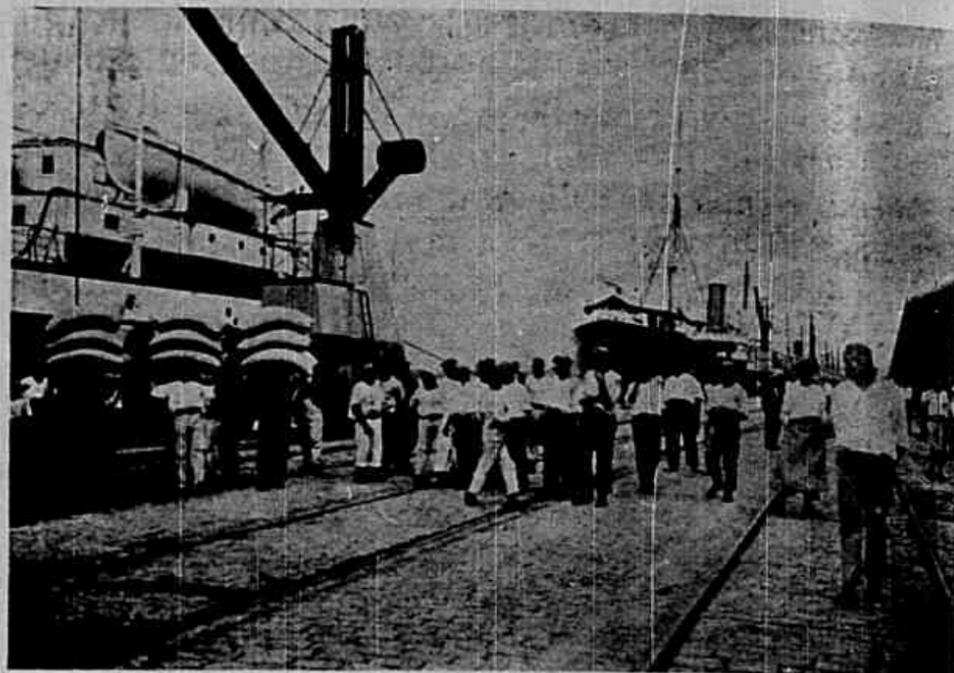
estes, sobretudo o Cubatão, com as aguas de numerosas nascentes e de riachos que se despenham de grande altura, nomeadamente o rio das Pedras, cuja altissima cascata avista-se da cidade em alva faixa, destacando-se sobre o verde sombrio das florestas.



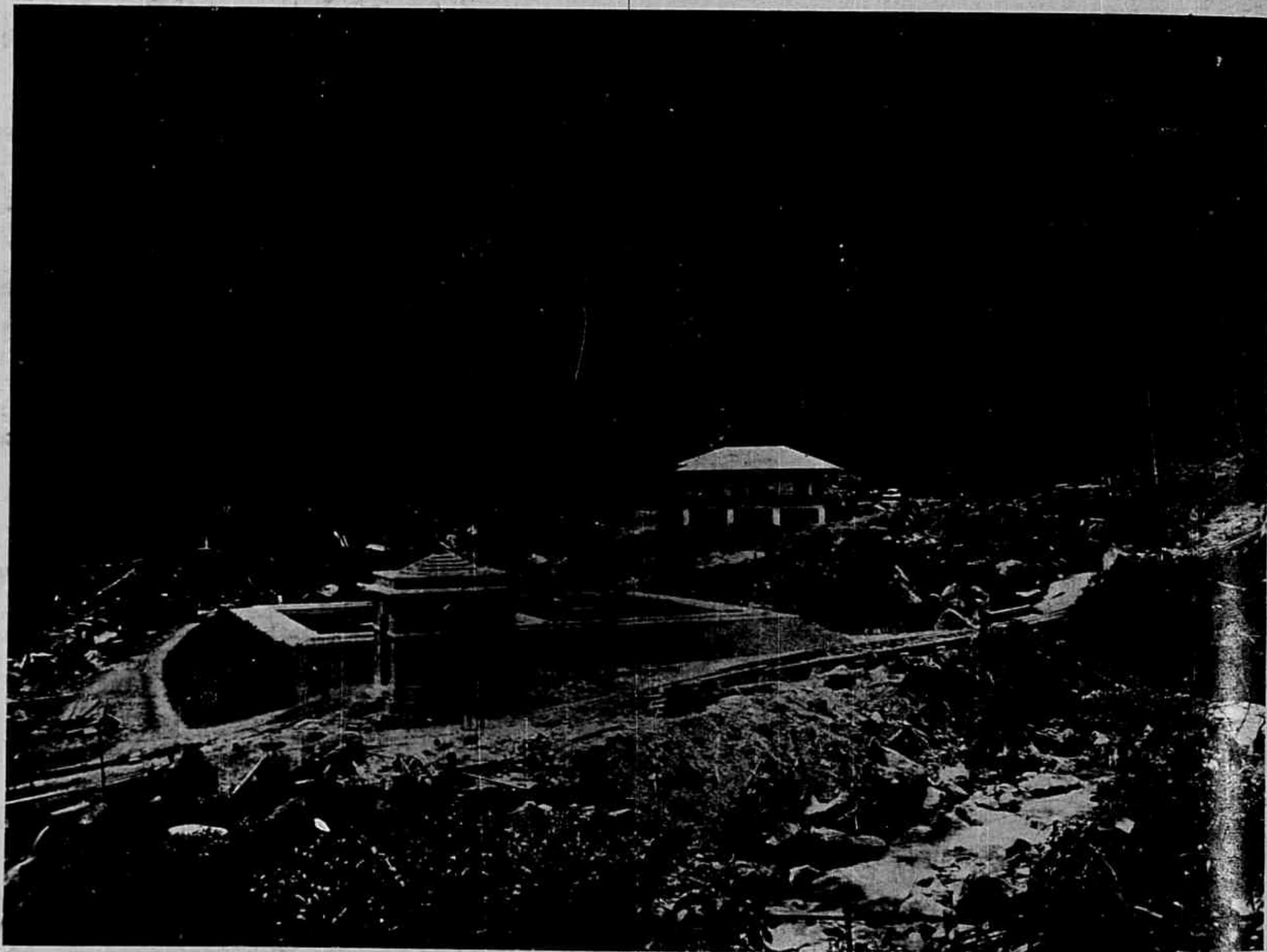
PONTE SOBRE O RIO CUBATÃO



CONSTRUCÇÃO DO NOVO COLLECTOR DE ESGOTOS



ANOMALIA CURIOSA. CARREGADORES COM 240 KG.



RESERVATORIO DE ACCUMULAÇÃO

Emquanto pelo valle do Mogy acima a São Paulo Railway desenvolve os seus dois systemas de planos inclinados, um antigo e outro de recente construcção,

certamente os mais notaveis specimens de tracção funicular, que a engenharia engendrou ; é das vertentes do Cubatão que a cidade de Santos se abastece

d'agua com superabundancia, e em futuro proximo colherá com profusão a potencia hydraulica necessaria para, convertida em energia electrica, mover os



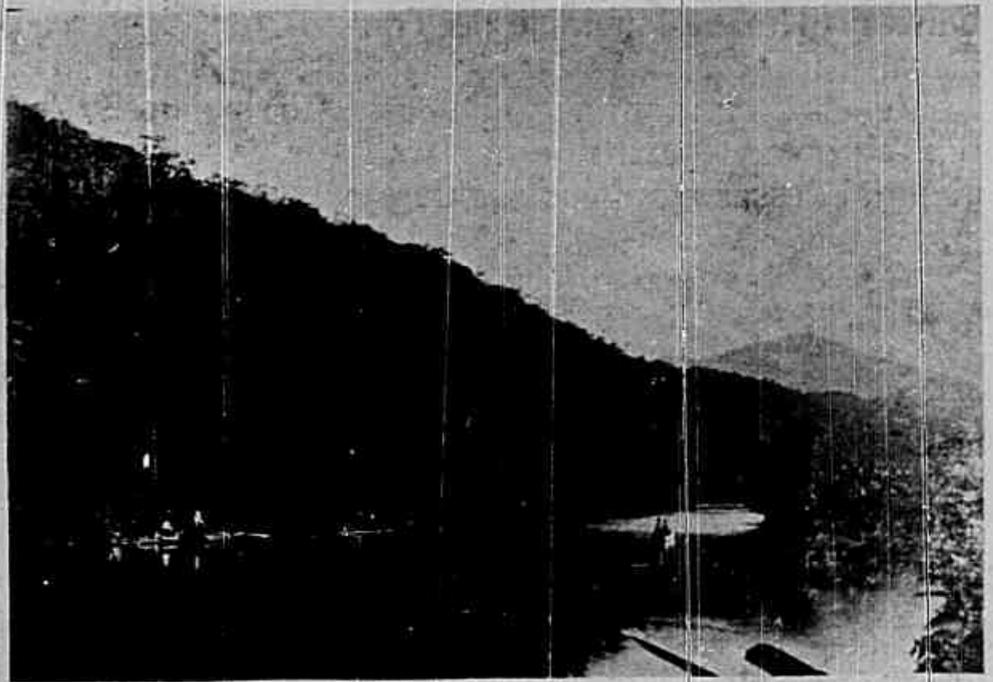
RIO DOS PILÕES

bondes, que sobre extensas linhas de carris percorrem a cidade e seus arrabaldes, accionar as innumerables machinas e apparelhos que a Companhia Docas de Santos installou sobre os caes, nas officinas e nos armazens, e trafegar, talvez, as linhas ferreas de bitola larga da mesma Companhia, cuja extensão total já se elevava a 12.800 metros em 1902.

Para o novo abastecimento d'agua haviam sido analizadas as aguas do rio Cubatão e de alguns dos torrentosos riachos que nelle se lançam, e procedera-se á medição das respectivas descargas em extrema estiagem, donde resultou a preferencia dada ao rio Pilões, com alguns dos seus afluentes, por satisfazerem cabalmente a todos os requisitos exigidos. As aguas captadas em pequenas represas são recolhidas a uma bacia de accumulção e decantação com dois compartimentos e da capacidade de 1400 metros cubicos, donde parte a linha adductora composta de tubos 0,50 de diametro, com uma differença de nivel de 58 metros com relação ao reservatorio de

distribuição, sito na cidade, e o desenvolvimento total de 19448 metros.

A começar do reservatorio o encanamento mestre



RIO CUBATÃO

percorre a velha estrada de rodagem do Cubatão, ao lado da São Paulo Railway, aproveitando os pilares da ponte sobre o Casqueiro, braço de mar que separa

da terra firme a ilha, onde é sita a cidade, e nokilometro 11 abandona a estrada, atravessando uma planicie, cortada de cambôas e plantada de bananeiras, em demanda dos morros que fecham o aprazivel valle do rio Cubatão; este corre encaxoeirado sobre um alveo de seixos rolados, desenrolando-se pelas suas margens varzeas fertilissimas e em parte cultivadas, que as cheias fluviaes não attingem senão excepcionalmente. A Companhia City of Santos Improvements para mais facilmente effectuar o assentamento dos tubos da linha adductora, construiu previamente a partir da estação de Cubatão da São Paulo Railway uma pequena ferro-via, a qual transpõe sobre numerosos pontilhões com vigas de ferro,



REPREZA

cambôas e ribeirões, e sobre uma ponte metallica de dois lanços de 18,5 metros o rio principal, e acompanha o traçado da linha adductora pelo valle deste

KÓSMOS

e do rio dos Pilões acima, até onde as condições de declividade do terreno permitem a tracção ordinaria por locomotivas.

A' semelhança da Estrada de Ferro do Rio de Ouro no Rio de Janeiro e do Tramway da Cantareira na capital Paulista, a via-ferrea presta-se perfeitamente ao diminuto trafego de passageiros e mercadorias, e por certo contribuirá para o desenvolvimento material dessas paragens ás quaes não faltam attracti-

vos para tornarem-se um arrabalde frequentado da cidade de Santos.

Graças ao *Kósmos* foi possível representar pela imagem alguns aspectos d'aquelle mimoso recanto e de alguns trabalhos nelle realizados, com a fidelidade e o brilho, que a palavra descriptiva raramente comporta.

Alfredo Lisboa.



FALQUEJADORES—QUADRO A OLEO DE BENEDICTO CALIXTO
FIGURA NO PAVILHÃO BRASILEIRO DA EXPOSIÇÃO DE S. LUIZ

TRES SONETOS INEDITOS

SONETO

Era uma fada tão suave e pura
Que ao vel-a o coração me estremecia;
E minh'alma exhalar-se parecia
Em arroubos de meiguice e de ternura.

Era um typo de etherea formosura,
Que as imagens do céu reproduzia;
Era um anjo no exilio que dormia
Insensível a tanta desventura.

Cego de amor contei-lhe minhas dores,
Dediquei-lhe minh'alma estremecida,
E sagrei-lhe meus unicos amores.

Ouviu-me a historia—não ficou sentida;
Viu-me em torturas—não mudou de côres;
Era uma estatua estúpida e sem vida!

S. Paulo—1848.

F. OCTAVIANO.

SONETO

Tem nas faces de neve a côr do pejo
E nos languens olhos a do céu pintada;
E' nuvem d'oiro a trança desatada
Cobrando o seio sofrego desejo.

Em seus labios de rosa era um só beijo
Demais p'ra ser-me a vida evaporada;
Pois só com um seu sorriso d'enlejada
Quasi morta de amor minh'alma vejo.

Não tem anjo do céu como as tem ella,
Tão lindas formas, tanta graça e encanto,
Nem a terra possue virgem mais bella!

Nem lá nem cá tambem já se amou tanto
Como eu te amei, casta e gentil donzella,
Que um anjo foras a não ser meu pranto!

S. Paulo—1848.

SILVEIRA DE SOUZA.

(Conselheiro).

SONETO

Era um anjo ou serafim cuja magia
D'enlevo todo o ser me arrebatava;
Era o ente ideal com que sonhava
Cuja imagem o peito me prendia.

Era o sonho continuo—si dormia;
Era a forma que eu via—si velava;
Era tudo que ao mundo me ligava
Só quem por mim na dor intercedia!

Cégo na adoração, mystico enleio,
Em que a alma se partia docemente,
Tentei ao seio meu unir seu seio

Não quiz—e repelliu-me friamente,
Quebrou tanto mysterio sem receio,
Era apenas mulher e tão sómente!

S. Paulo—1848.

SILVEIRA DA MOTTA.

(Cons. José Ignacio Silveira da Motta).

Estes sonetos têm sua historia: originaram-se de uma discussão havida entre seus autores, influenciados, como todos os seus collegas da Faculdade de Direito de S. Paulo, pelas idéas byronianas.

Foi em uma noite de inverno de 1848, não podemos precisar bem o mez, que, em uma das republicas de então, travou-se acalorada discussão sobre a fidelidade da mulher entre os autores dos sonetos: Francisco Octaviano, Silveira da Motta e Silveira de Souza e mais Pinto Junior,

A essa discussão, que foi um brilhante torneio de espirito, assistiram entre outros José Bonifacio, o moço, José de Alencar, Aguiar de Andrade, Almeida Areas, Justino, Araujo Brusque, Alves de Azambuja, Oliveira Bello, Bernardo Gavião, Alvares de Azevedo, Leonel de Alencar, os irmãos Mendonça, Joaquim F. de Faria e outros.

Como fecho da brilhante pugna Francisco Octaviano recitou o soneto, recebido, como todas as suas produções com applauso unanime. Ainda não estavam extinctos os applausos quando Silveira da Motta dirigindo-se a Octaviano disse:

—O teu soneto é um cartel de desafio! Amanhã farei tambem o meu soneto.

No dia seguinte reuniram-se todos para ouvirem o soneto de Silveira da Motta, que tambem foi recebido com agrado e nessa occasião Silveira de Souza exclamou:

—E porque eu não farei tambem um soneto?

Com effeito, após alguns dias de desaparecimento, em que não foi visto nem na Faculdade nem em nenhuma republica—(naquelles tempos ainda não se conheciam as casas de chopps)—convocou os collegas e leu-lhes o soneto.

Foi nomeada uma commissão para classificar os sonetos; porém essa commissão nunca desempenhou-se do encargo,

Eis a origem dos tres sonetos.

O venerando conselheiro Olegario, presidente do Supremo Tribunal Federal, evocando suas reminiscencias, poderá confirmar esse éco daquella época aurea da Paulicéa.

UM "PASTEL"

DE certo o Sr. prefeito do Districto Federal terá passado varias vezes pela antiga rua Leopoldina; não ha muito mesmo o distincto administrador transitou por alli, de caminho para a Escola de Bellas Artes, onde ia tomar parte no julgamento das fachadas em concurso para a Avenida Central. S. Ex. não attentou, naturalmente, nas placas que marcam as esquinas das ruas, como não attentaram os predecesores de S. Ex.; e si o tivesse feito, nem por isso lhe causaria maior impressão o nome gravado nas letras da placa indicadora. — *Barbosa de Alvarenga*... Que tem de extraordinario? E' um nome desconhecido. Mas si de outra cousa não estão cheias, com poucas excepções, as ruas do Rio de Janeiro!

E o Sr. prefeito, si porventura reparou na placa, passou adiante. Ah! si o incansavel reformador fosse a dar expressão aos nomes que se immortalizam nas esquinas da cidade, gastaria mais tempo e energia do que para converter em avenidas todas as ruas tortas desta heroica S. Sebastião!

Entretanto, essa placa representa um caso especial. E' um "pastel", como dizemos em linguagem typographica, um "gato" official que está a pedir a correcção da operosa autoridade, cuja funcção particular tem sido a de revisor de erros e aleijões administrativos.

Quando veio a Republica, a primeira intendencia municipal cuidou de corrigir em parte a nomenclatura dos logradouros publicos, especialmente a daquelles em que se sentia mais fortemente o resaiço monarchico, substituindo as velhas denominações por outras que, eternizando os humildes que soffreram e succumbiram por um ideal civico, representassem a paga da divida contrahida com os seus precusores pela democracia victoriosa.

Entre esses logradouros estava a rua *Leopoldina*. Era este o nome de uma princeza, nada mais; de uma senhora que tivera pelos acasos da maternidade privilegios e grandezas, e que na vida nacional passara despercebida e inexpressivamente entre um nascimento feliz e a expatriação voluntaria ao lado de um consorte allemão. A intendencia republicana entendeu de sobrepôr a esse nome imperial alguma cousa que fosse mais caracteristicamente povo, um nome que exprimisse de perto as suas lutas e o seu heroismo, que symbolisasse melhor a mulher brasileira, na sua nobre, abnegada e enternecida dedicação. E o nome dado foi o de *Barbara de Alvarenga*.

Barbara de Alvarenga fôra a mais bella figura feminina da tragedia da Inconfidencia Mineira. Não da belleza physica. Não possuira a formosura carnal de Dorothea de Seixas, a *Marilia de Dirceu*, como não tivera tambem a frivolidade galante que chumbou mais tarde ás chronicas mexeriqueiras da côrte do governador da capitania o nome da apaixonada de Gonzaga. Esposa de um Inconfidente, o illustre Alvarenga, Barbara resumiu o typo da mulher identificada com o esposo pela paixão e por uma alta noção de dever, fundida de corpo e alma nos seus destinos, soffrendo os seus martyrios e irradiando nos seus jubilos. Barbara acompanhou todos os transes e sobressaltos da Conjuração, vibrando duplamente pelo amor e pelo patriotismo, e, quando veio a traição e a derrocada fatal, seguiu seu marido na desventura.

As fibrilhas delicadissimas daquelle organismo sensível tinham, porém, vibrado intensamente de mais para que elle se não alterasse: Barbara perdeu a razão. Entenebreceu-lhe o espirito a mesma sombra pesada que cahira sobre a patria.

Foi o nome dessa mulher — encarnação a mais viva dos altos dotes moraes da mulher brasileira — que a Republica mandou inscrever no lugar do da duqueza de Saxe. Mas um copista qualquer, ao transladar para o trabalho ao gravado as designações novas, — ou porque fosse confusa a garatuja original, ou porque lhe causasse duvidas aquelle nome de mulher ignorada e que, ao demais, nem era proprietaria dos terrenos da rua — truncou-o, "empastellou-o" para — *Barbosa de Alvarenga*. Neste, ao menos, havia melhor a presumpção de capitalista.

E a placa foi feita com o "pastel", e foi pregada, e o "gato" passou a figurar officialmente nas esquinas da rua. A má sina que desfigurara a intelligencia á generosa mineira desfigurava-lhe ainda, cem annos depois, a primeira e singela homenagem que lhe prestava a Republica.

E o "pastel" ficou. Houve já quem na imprensa chamasse o zelo dos competentes para aquelle indisculpavel aleijão, mas debalde. A placa ainda lá está, ha trese annos.

Ao actual prefeito está, de certo, reservado corrigir aquelle "pastel", triste documento, não já de desapeço civico, mas de extranho descuido administrativo. A S. Ex. cabe, honrando a Inconfidencia — cujo magno heróe não teve ainda um monumento na capital da patria entresonhada — integrar na sua modesta consagração o nome daquelle que viveu de dedicar-se e enlouqueceu de amar.

1904 — 21 de Abril.

Lindolpho Azevedo.



KOSMOS

ESCOLA MILITAR - RIO DE JANEIRO

VIDA LITERARIA

A ORTHOGRAPHIA PORTUGUEZA

EMQUANTO a anarchia orthographica da lingua portugueza não for corrigida e substituida por um regular systema de escripta por todos praticado a questão orthographica será para os que escrevem sempre momentosa e opportuna. É uma trivialidade que cada dia se escreve mais do que se escrevia, e tambem que o habito de escrever se não restringe hoje a um numero limitado de pessoas, geralmente cultas, como ha seculos succedia, sinão, em cada nação civilizada, é da maioria da população. Esse mesmo escól que dantes escrevia, minoria pequenissima em meio da maioria inculta, nunca verdadeiramente tomou muito a peito a orthographia; ou escrevia como falava ou ouvia, ou, num proposito de erudição, reagia contra a corrente e as tendencias naturaes da lingua, e fantasiava uma graphia, a que se chamaria de etymologica, quando na maior parte não o era. Este facto deu-se em todas as linguas novi-latinas ao menos.

E foram estas duas contrarias tendencias que levaram os cultos a escreverem, como o Padre Antonio Vieira por exemplo, *sey, direy, aver-se, he, mayor, hum*, etc. Mas quando o costume de escrever se faz geral, quando nas nações os illetrados tendem a ser minoria—e em algumas já o são—e os letrados a maioria, e a nossa principal preocupação é a cultura das massas analphabetas, tal anarchia não pode decididamente continuar, e ha até um dever superior para as classes chamadas dirigentes ou governantes de facilitar o advento das classes somenos á cultura alphabetica geral, facultando-lhe as condições de o conseguirem. Uma dessas é um regimen racional, systematico, de escrever, e, portanto, de ler. Póde-se, pois, dizer que a questão orthographica na lingua portugueza, passou do dominio da theoria, da grammatica, do lexico, da philologia, em summa, para o da practica, para o das acções sociaes. Si todo o homem, qualquer que seja a sua condição na sociedade, ha de saber ler e escrever, deve-o saber bem, e poder aprender-o com facilidade e possuir esta sciencia sem difficuldade.

É esta, sem duvida, a principal inspiração dos que por toda a parte se têm posto á frente dos movimentos em pról dos systemas chamados de simplificação orthographica, e talvez seja essa inspiração que provoca ao seu generoso proposito os embaraços, as hostilidades, que lhes movem os velhos adversarios de todo o progresso que desattenda aos seus preconceitos, grammaticos, esthéta, literatos, em nome de razões ridiculas, futeis, e—ai dos grammaticos!—até erradas.

Pois bem, esta questão, da simplificação orthographica do portuguez, volta novamente á discussão, e não, desta vez, amparada por um revolucionario sem philologia, por um literato foragido aos fanatismos da funcção, ou por um simples amator sem estudos, sinão por um dos mais sabedores e autorizados philologos dos cinco ou seis de que se honra Portugal, e cujos trabalhos, já numerosos e meritorios, não são daquelles que permittem duvida sobre o saber e as capacidades dos seus autores. Com os Srs. Adolpho Coelho, Leite de Vasconcellos Abreu, A. Cortesão, para não falar sinão dos que de leitura conheço, o Sr. Gonçalves Vianna, o escriptor a quem me refiro, é, sem duvida, hoje, um dos mais seguros sabedores da philologia portugueza.

Acaba elle de publicar um livro da mais alta importancia para a questão orthographica no portuguez; chama-se, *Ortografia nacional*, e traz o sub-titulo, *Simplificação e uniformização sistemática das ortografias portuguezas*. O Sr. Vianna começa logo, como vê o leitor, praticando o seu systema, e todo o seu livro é nelle escripto, sem que entretanto, pode o leitor verificar por si mesmo, isso torne de modo algum a leitura menos facil, ou incommoda.

Desde maio de 1900 que o Sr. Gonçalves Vianna lêra á Academia Real das Sciencias de Lisboa um questionario orthographico por elle formulado e que, por deliberação daquella Sociedade, foi impresso e distribuido entre os seus socios, afim de que respondessem ás questões ali apresentadas, nas quaes se compendiavam todas, ou quasi todas, as duvidas e divergencias, já sobre preceitos orthographicos, já sobre a sua applicação, e meios de uniformizar os varios systemas até agora propostos ou seguidos por escriptores portuguezes. Uma commissão da Academia foi tambem nomeada para recolher as respostas e, depois de as estudar, pronunciar-se sobre ellas, manifestando-se sobre a reforma a adoptar.

Aquelle questionnaire é a base fundamental do livro do Sr. Vianna.

Podia-se até aqui arguir aos reformadores da nossa orthographia de que os seus planos careciam de systema, ou não eram, ao menos, bastante consistentes. No do Sr. Vianna ha as duas cousas, um systema e esse consistente, tanto pelo menos quanto se pode exigir de uma reforma orthographica, que por sua propria natureza não pode attingir a um rigor geometrico. Segundo o Sr. Gonçalves Vianna a nova orthographia portugueza — ou antes nacional, como elle prefere chamar-lhe, limitando-a ao dominio da lingua na nação portugueza — deve, em primeiro lugar, assentar na pronunciação geral, correctá, do paiz, isto é, “deve ter por fundamento representar todas, ou as principaes pronunciações legitimas, sem figurar exclusivamente nenhuma”, e mais, “que a escripta deve expressar com rigor os accidentes communs a todo o dominio portuguez, desattendendo-se os especiaes que não tenham fundamento historico dentro da propria lingua. “Depois “no estudo consciencioso da evolução do idioma patrio, para que tambem não haja descontinuidade manifesta na sua escripta, com respeito ás diversas épocas em que podemos classificar as alterações que foi soffrendo até o seu estado actual, e bem assim ao seu desenvolvimento presumivel futuro”. E’ um rigoroso processo philologico, completo, allumiado por acurados estudos da phonetica e da morphologia dos vocabulos portuguezes, que o Sr. Gonçalves Vianna realiza no seu livro.

A evolução ultima da orthographia portugueza, cujo termo decisivo me parece ser a reforma offerecida pelo Sr. Gonçalves Vianna, evidentemente denuncia uma tendencia favoravel á simplificação e systematização da nossa anarchica orthographia. A ambas essas correntes cedem, mais ou menos, escriptores e philologos como os que citei, e ainda grammaticos, como Epiphânio Dias e Ribeiro de Vasconcellos, lexicographos como Candido de Figueiredo e Cortesão, e eruditos e criticos, como D. Carolina Michaelis de Vasconcellos. Cada vez se sente mais que Portugal acabará por seguir o exemplo da Italia e de Espanha, e simplificará, como aquelles povos fizeram, a sua orthographia.

E o Brazil?

Comquanto se tivesse occupado principalmente, especialmente da orthographia do portuguez de Por-

tugal, o Sr. Gonçalves Vianna não esqueceu totalmente o Brazil, e em mais de um passo ao nosso falar allude, para o tomar em consideração e, até, para lhe fazer concessões afim de não favorecer a separação linguistica.

Eu penso que é de todo o ponto importante manter essa união, tão estreita quanto for possivel, sem embargo das transformações e modificações que já soffreu e ainda virá a soffrer a lingua portugueza no Brazil. Por isso desde a primeira vez que me occupei da questão de orthographica (*Estudos de Literatura Brasileira*, 3ª série) empenhei-me para que essa questão fosse resolvida de mutuo accordo entre o Brazil e Portugal. Nenhuma vaidade patriotica me offusca o juizo quando julgo na ordem natural das cousas que a lingua portugueza de 50 milhões de homens, de uma nação rica e poderosa, como será forçosamente o Brazil dentro de um ou dous seculos, pesarão mais politica e socialmente que os 8 ou 10 milhões a que poderá attingir a nação mãã, e que portanto serão esses os principaes representantes da lingua que falam. Si a União iberica si vier, como creio, a realizar, a lingua portugueza de Portugal passará a ter apenas a importancia secundaria da catalan ou da gallega, e a do Brazil ser-lhe-á então a herdeira universal. Em qualquer destas hypotheses, predominará a lingua portugueza do Brazil, e não é sinão por amor della, que é a nossa lingua materna tambem, que a devemos desejar conservada na sua pureza, compativel com a sua propria evolução.

Não creio que, na sua generalidade, a reforma orthographica proposta pelo Sr. Gonçalves Vianna possa escandalizar-nos a nós brasileiros, e ainda menos offender o nosso sentimento orthographico. Não haverá aqui quem não queira escrever *lira* sem y, por que se lhe vae a illusão visual da forma do instrumento, ou quejanda tolice, que aliás é de Sully-Phrudomme. Entre os meus amigos literarios, e, o que mais é, philologos, achei partidarios da reforma. Ha nella, porem, meia duzia de pontos que, estou certo, repugnariam aos brasileiros aceitar. Por exemplo, o Sr. Vianna, como muitos outros cultos portuguezes, escreve *quere*, a 3ª pessoa do indicativo presente do verbo *querer*. Ninguem no Brazil os imitaria, por que nós não dizemos *quere* mas *quer* claramente os que falam bem, e *qué* os que falam mal. E’ o mesmo caso do *tenho* e *venho* que os grammaticos portuguezes mandam pronunciar *tanho* e *vanho*, o

que lá é muito certo, mas que aqui já não é. Isto não é um artigo de critica, senão de noticia de um livro excellente, propondo uma cousa excellente. Os meus reparos, portanto, irão um pouco ao acaso da memoria.

Outra cousa difficilima de nos fazer escrever é *preguntar* por *perguntar*, como nós dizemos. E neste caso as razões do Sr. Vianna me não calaram no espirito. Em regra geral, os melhores escriptores portuguezes desde os quinhentistas escreveram *perguntar*, e ainda hoje é como a grande maioria delles diz e escreve. A etymologia? Eu sei que o Sr. Vianna dá ainda relativa e sensata importancia á etymologia, mas, dado o facto geral da escripta *perguntar*, ella aqui me parece descabida, tanto mais que outro philologo portuguez, o Sr. A. Cortesão, muito justamente presado do Sr. Vianna, acha provavel que o verdadeiro étymo seja *percontare*. Mas, seja qual for a duvida a etymologia não bastará para resolvermo-nos pela forma *perguntar*, a pratica dos escriptores portuguezes do seculo dos 500 para cá, e o uso absolutamente geral de 15 milhões, no minimo, de brazileiros, e de muitos centenares de mil tambem de portuguezes? Outra difficuldade para nós é ç, em certas palavras como *açucar*, e, principalmente *çapato*. Nem nos parece a nós da nossa lingua; e eu duvido, não é a primeira vez que o digo, que o adoptassemos. Nem comprehendo siquer a razão da insistencia por esta graphia dos Srs. Vianna, C. de Figueiredo, Cortesão e outros linguistas portuguezes. Que vantagem ha em introduzir esta notação nova, como o ç de *çapato*? Haverá uma differença, que absolutamente não logro perceber, na pronuncia de *sapato* e *çapato*, *assucar* e *açucar*? Tambem não sei si nós, ainda com a melhor vontade de seguir a nova orthographia, poderíamos escrever *ministro*, *devedir*, *repremir* ou *vereficar*, como quizera o Sr. Vianna. A nossa pronuncia neste caso oppõe-se inteiramente. Quer tambem elle que digamos e escrevamos *dezasseis*, *dezasete*, com a particula de união *a* e dobrando o *s*.

Ainda conheci no Brazil, em minha meninice, velhos que, á portugueza, pronunciavam *dezaseis*, *dezanove*, etc., mas hoje creio, salvo nos sertões, difficil ha de ser encontrar quem assim diga, e menos escreva. O uso geral, de doutos e indoutos, é *dezeseis*, *dezenove*, *dezesete*. Seria possivel que mudassemos? Mas dos *Subsidios para um dictionario* do Sr. A. Cortesão vejo que tambem em Portugal, (o que eu aliás por experiencia sabia) se diz igualmente assim, *dezenove*, por exemplo. E o étymo que lhe dá este lexicographo é *decem et novem*, apoiado em Darmesteter e Meyer Lübke, com exemplos latinos que o justificam, para todos estes cardinaes, e tambem numerosos exemplos portuguezes, desde o seculo XIII.

Mais um ou outro exemplo que eu achasse para aduzir de factos que difficilmente terão a nossa adhesão á reforma do Sr. Gonçalves Vianna, nada diminuirão no merecimento e valor do seu trabalho; como não nos tornarão mais difficil essa adhesão, creio. E' natural, e de desejar, que escriptores mais autorizados do que eu, alguns dos nossos philologos discutam as opiniões do Sr. Gonçalves Vianna, nas suas applicações ao Brazil, e assim lhe forneçam ensejo de apreciar mais completamente a questão por este lado, de todo o interesse, não só para nós, mas para a lingua portugueza. Cumpre então não esquecer a parte da accentuação graphica em que haverá forçosamente divergencias.

O livro do Sr. Gonçalves Vianna, sobre me ter ensinado muita cousa, fortificou-me na já antiga convicção de que: "E' mester — assim escreve elle — formular-se orthografia portuguesa com os elementos tradicionais da sua escrita, e não com farrapos da escrita alheia; considerando-se legítima só aquelas feições que se revelam e principiaram a desenvolver-se, quando a língua começou a escrever-se para ser lida por todos, e não unicamente por sabios ou literatos".

J. Verissimo.

Da Academia Brasileira.



FEITO ESPECIALMENTE PARA KÓSMOS

MATTO GROSSO

III

ASSUMPÇÃO nada apresenta de notavel, depois que se percorreu as capitães situadas no estuario do rio da Prata, a graciosa Rosario de Santa Fé e, por ultimo, Corrientes. Comtudo, a terra das *tejedoras de nanduti* progride regularmente; vê-se alguns bellos edificios, particulares e publicos, que naquellas cidades figurariam sem estranheza.

Não é subsidio de pequeno valor para o juizo de viajante o caracter architectonico das construcções humanas. Si

d'esse valente povo que a lenda fizera irmanado no mesmo tronco indigena, ao povo brasileiro?

Deram-lhe os jesuitas profundo acatamento á ordem e á autoridade. As tropas de Belgrano, vencidas em Cerro Porteño e rechassadas até Taquari, haviam atirado ao solo a semente da liberdade. A sombria e poderosa capacidade de Francia constituiria a nacionalidade com tanta autonomia, que nem Bolívar, o libertador, conseguira alterar a orientação original, preservadora da anarchia.

E enquanto as revoluções trabalhavam as provincias do Rio da Prata até a batalha de Pavon, que permittiu a Mitre a abertura de novos horisontes á nação argentina, Carlos Lopez melhorava e desenvolvia a obra do seu antecessor, a qual já era immensa e maior se tornaria si depois continuassem a se expandir em prudente paz armada as energias sociaes.

Mas veio a guerra fatal e temerosa, que tudo subverteu; e si não exterminou inteiramente uma raça, aniquilou quasi toda a geração masculina, propulsor essencial de todo progresso, de modo que são raros os exemplares da idade madura e ainda mais raros os velhos. Por isso cortejei com certa veneração, ao vel-o passar pela rua, um dos poucos sobreviventes da guerra, o general Caballero.

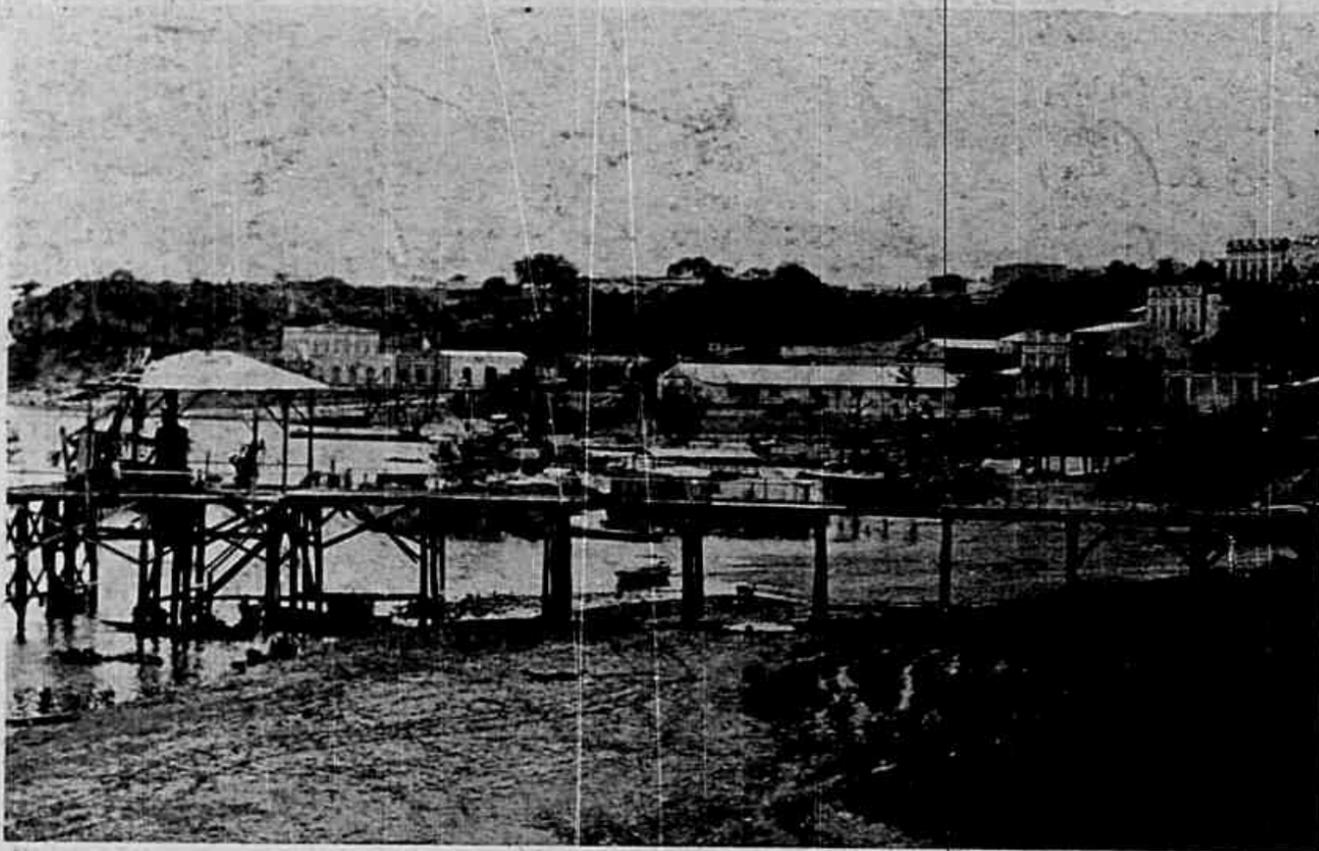
Que é enorme a desproporção entre os dous sexos verifica o forasteiro percorrendo, por exemplo, o *mercado*, repleto de mulheres de todas as idades n'uma azáfama terrível de negocios, a entrarem, a sahirem, a torvelinharem

por todos os cantos, como si aquillo fosse uma verdadeira colmeia. Isso, porem, pela manhã, que das onze ás duas se suspende as differentes manifestações da vida exterior, porque se vai dormir á sesta, não tanto por exigências da temperatura, mas por habito.

Não obstante o mal terrível e inevitavel que fizemos, os brasileiros são carinhosamente tratados, sobretudo os mattogrossenses que mantêm relações frequentes e continuas na Republica Semanalmente, no maximo, de quinze em quinze dias, vapores argentinos, orientaes e paraguayos, já não fallando dos nacionaes, ancoram no porto de Corumbá, com escala forçada por Assumpção.

E quando passa por ahi algum general que vai assumir o commando do 7.^o districto, recebe logo a bordo por intermedio de um ajudante de ordens, a gentil visita do Presidente da Republica, e o convite para descer á terra. Então são lhê prestadas homenagens, a que se associam os representantes do Brazil, entre os quaes avulta o eximio pianista Itiberé da Cunha, fidalgo consummado nas maneiras e no talento.

Tudo concorre, pois, para que se tenha pelo povo paraguayo a mais viva sympathia e se o deixe com saudades quando, continuando-se a jornada, se lança os ultimos olhares pela Recoleta e pelo Mangrullo, onde subsiste o



PONTE DA ALFANDEGA EM CORUMBÁ

pela influencia mesologica offerecem determinada feição, conforme as situações occupadas no planeta, lhes imprime o poder do homem caracteristicos que evidenciam precisamente sua cultura, seus sentimentos, sua vitalidade social em summa.

Exactamente quando as civilizações antigas attingiram ao apogeu, se multiplicaram no mundo grego e romano as obras sumptuosas que attestavam a pujança do genio, entretinham as faculdades estheticas dos povos e os inspiravam para a realização de grandes ideaes.

Ainda no mundo moderno é pelo modo porque um povo vive que se avalia dos seus recursos, do seu valor intrinseco, da excellencia de suas aspirações. Bem hajam, pois, os homens eminentes que dest'arte se empenham no progresso moral de sua patria enchendo-a de monumentos e preciosidades taes a sublimarem no povo o amor, o entusiasmo e o orgulho pelo solo em que se virilisa a nacionalidade...

Não se pode exigir que a capacidade do Paraguay se compare com as principaes cidades da Republica Argentina, si se attende á devastação porque passou o paiz. Não fôra essa crise tremenda, produzida pela loucura inconcebível do seu ultimo e verdadeiro tyranno, qual seria de Assumpção o gráo actual de prosperidade, e em geral

cemitério dos brasileiros, e se perde de vista ao longe, pela barranca, as ultimas casas de Assumpção.

E volta-se de novo a conviver a natureza no coração da America do Sul, subindo se esse bellissimo rio, um dos de melhor navegação do mundo, no dizer de Réclus. De vez em quando descem enormes camalotes, que os *repiquetes* desgarraram das margens—encantadoras ilhas fluctuantes á mercê da corrente, cheias de flores e de arbustos, em cujos ramos voltejam as borboletas e os passaros.

A margem occidental, constituída pela planura verdejante e sem fim do grão Chaco, com suas selvas de carandás ou de quebracho, prende pouco a attenção. Não assim, porem, a accidentada margem opposta, onde são frequentes as ondulações do terreno, incontestavelmente numerosas as belezas naturaes e não raro se descobre um ou outro pequeno povoado.

Não é tão acabrunhadamente constante o panorama, como em certos trechos do rio Paraná, sempre de augusta magestade. A menor largura do Paraguay, permitindo maior aproximação das respectivas margens, proporciona diversões variadas: aqui bandos de jacarés a se aquecerem ao sol; alli manadas de capivaras a se sumirem nas agoas; alem cervos e emas a dispararem pelos campos, nuvens alvissimas de garças que ondulam pelos ares ou casaes solitarios de tuyuyús pachorrentamente pousados sobre as arvores...

O ultimo porto de escala na Republica é a Velha Conceição, cidade mais importante depois da capital. Apesar,



RUA 13 DE JUNHO — CORUMBÁ

ao Apa, de cuja margem direita, alagadiça e baixa, parte uma chalana tripolada por soldados, em que vem o guarda da Alfandega de Corumbá. Um longo mez para ir-se do Brazil ao Brazil n'essa peregrinação pelo estrangeiro!

Recomeça o vapor a sua marcha e logo se vislumbra ao longe as Sete Pontas, eminencias mais notaveis até então encontradas no lado do Chaco. Pouco depois se ancora na primeira povoação futura de Matto Grosso, Porto Murtinho, que ha poucos annos era uma simples *fazenda*, pertencente ao bom e jovial Boaventura, empregado do Lloyd Brasileiro.

São evidentes e rapidos os progressos d'esse ponto, se os notando mesmo com assombro em pequenos intervallos, depois que para ahi se mudou a companhia Matte Laranjeira. Está fadado, pois, a ser um centro de valor, maxime quando chegar a linha telegraphica, muito embora não consiga jamais deixar em plano inferior a cidade de Corumbá.

Pena é que a sua situação não tivesse ficado um pouco acima do Fecho dos Morros, posição excepcional n'essa immensa e vastissima fronteira e que mais tarde ou mais cedo será convenientemente fortificada por ser a verdadeira chave da navegação do rio Paraguay, como

tal considerada desde os tempos coloniaes.

Já Luiz de Albuquerque, convencido d'essa verdade que escapara a Rollim, mandara ahi fazer em 1775 alguma cousa que mais tarde poderia ser outra lendaria Humaytá.



ACAMPAMENTO DO 21 DE INFANTERIA — CORUMBÁ

porem, de ser o mais activo centro de *partido*, pequeno movimento possui e nenhum interesse desperta. Mais se tem pela foz do Aquidaban, umas vinte milhas acima, e, depois, pela colonia Risso, onde se abate não pequena quantidade

Infelizmente, ou porque não se quizesse navegar mais aguas abaixo, ou porque houvesse confusão com outro apparente Fecho dos Morros, que se encontra muitas legoas acima, lançou-se no estreito de S. Francisco Xavier as bases do presidio de Nova Coimbra.

Ainda em meados do seculo passado foi por causa de uma tão importante posição estrategica que protelou-se a solução da questão de limites, desejando cada nação constituisse parte integrante do seu territorio. E propoz o Paraguay a neutralidade d'essa faixa, não se podendo occupal-a militarmente enquanto não se chegasse ao termo do litigio, no que desattendeu o governo imperial.

Em 1847 ordenou este á presidencia de Matto Grosso mandasse levantar um forte em Fecho dos Morros. *Tres annos depois*, sem estarmos aparelhados para a guerra, leviamente mandou-se para ali *um pequeno destacamento*, que deveria *construir* um quartel e algumas lunetas ou re dentes, destacamento em seguida desalojado por forças numerosas. Tal foi o primeiro elemento na determinação da guerra do Paraguay.

Constituiu depois o Apa uma fracção do nosso limite meridional; e aquella posição admiravel, que parecia tão vivamente ambicionada, como se houvesse o proposito firme de ser aproveitada para a defesa de Matto Grosso, cahiu no nosso habitual abandono, sendo por fim retirada a miseravel e infeliz guarnição, de que ainda nos deu noticia João Severiano na *Viagem ao redor do Brasil*.

Entretanto, foi do alto do Pão de Assucar, cume sobranceiro do Fecho dos Morros, que Page em 1853, esquecendo por instantes os intuitos scientificos da missão *Water Witch*, embevecendo-se na contemplação do valle colossal que chega até as praias do Atlantico, com os olhos voltados para os povos da America hespanhola, traçou-lhes aquelle memoravel programma de que só nós nos mantivemos desapercebidos.

Praza aos céos nos acordemos d'esse longo lethargo e, de accordo com as nossas condições, nos preparemos rigorosamente para a guerra como unico meio, effectivo e real, de garantia e respeito á força do direito e ás expansões fecundissimas da paz. Isso é tanto mais necessario quanto maior fôr a riqueza nacional a defender e mais viva a consciencia da responsabilidade em manter a integridade e a honra da Nação.

Não fiquemos adstrictos á resistencia gloriosa, mas inutil, do heroe cuyabano que lá d'aquella colonia de Dourados, que o pensamento descobre na extrema do horisonte, pode apenas—sublime de grandeza moral no cumprimento do civico dever—mandar á posteridade o seguinte cartão:

Sei que vou morrer ; sirva o meu sangue, e o dos meus companheiros, de protesto contra a invasão do solo de minha patria !

Avila Franca.



COSTUMES DE MATTO GROSSO

SYMPHONIA

Contentus paucis lectoribus

Hor.

I

Pedras preciosas! para louvar-vos
Embora em verso que ás vezes pecca,
Eu vos engasto nas claras rimas
Deste volume dactyliotheça!

Eu sei que tendes almas humanas,
Ora de escravas, ora de reis,
Sois inconstantes como as pessoas,
Como as pessoas envelheceis...

Sei ler em vossas pupillas frias
Cousas sisudas, phrases sem nexo...
O velho Plinio vos dava astucia,
Santo Epiphanio vos dava sexo...

Luzis nos dedos febris e finos
Da bella dama dos olhos pretos...
Sois a desdita de muita gente,
De muita gente sois amuletos...

Tendes virtudes inexplicaveis:
Daes voz aos mudos, firmeza aos côxos,
Com vossos raios medicinaes,
Vermelhos, verdes, azues e roxos...

Seguis estradas por varios rumos
Agora alegres, logo sombrios...
Sois para os poucos que vos entendem
Almas ardentes em corpos frios...

Conforme o sabio Jehúda Mosca,
De vós as doze que brilham mais,
São consagradas aos doze mezes
E aos doze signos Zodiacaes...

II

Clara turqueza do deus Apollo
És dos ginetes a idolatria...
Agua-marinha do deus Neptuno
Curas a propria melancolia...

Rubi vermelho de Visapúr,
Teu brilho é sangue que a vista anima...
Teu curto nome phosphorescente
É purpurino como uma rima!

Alvo diamante, biblica estrella,
És a lanterna da tribu Izácar...
Limpida perola imponderavel
Nasces em berços de roseo nacar...

Verde heliotropio de um verde vivo,
Porque é que mudas a côr do sol?
Porque é que tombas, qual debil peixe,
Coral dos lagos, no curvo anzol?

Pedra da Lua que tens em torno
Uma grinalda de lactea luz...
Deves ser santa, tu que pareces
A santa fronte do deus Jesus!

Louro crysólito opalescente,
És mais dourado do que ouro em pó...
Pedra berylo, de ignota origem,
Sobre teu peito dormio Jacob!

Olho-de-gato, voluvel iris,
És qual pupilla que te dilatas,
És como a fluida pupilla electrica
Dos trovadores de quatro patas...

Saphyra-asteria que tens o berço
Na antiga Persia de norte a sul...
Como se fôras um firmamento
Derrama estrellas teu corpo azul...

Verde esmeralda do Mar Vermelho,
Joia illusoria das amizades,
Quem te contempla vê lagos dentro
Cheios de lyrios e de Nayádes...

Pedras preciosas! para louvar-vos,
Embora em verso que ás vezes pecca,
Eu vos engasto nas claras rimas
Deste volume dactyliotheça...

Luiz Guimarães (filho).

(Das Pedras Preciosas.)

Montevideo — MDCCCIV.

MANHÃS DE CAMPINAS

ANDAVA suppondo ingenuamente que ninguem era mais madrugador que eu. Engano, puro erro.

No BOND que tomo, regressando do meu passeio matinal, a pé, esbarro com uma familia ingleza muito ruidosa e muito expansiva. Pae, mãe, uma MISS e dous BOYS. Já os encontrei falando e falando continuaram com esse desprezo pelo proximo, que tanto caracteriza os filhos da loura Albion. E, todavia, esta gente não é propriamente NATIVE, da ilha; constituem o que os filhos da soberba Londres chamam deprimentemente CONTINENTAL ENGLISHMEN.

Nasceram na Europa, em Hamburgo ou em Madrid talvez, mas são filhos de paes inglezes e por isso inglezes se conservam até a medulla dos ossos. Elle, o chefe da pequena tribu, é um homem alentado, louro, exageradamente vermelho, creado a ROAST-BEEF com muito FAT, muito JOINT e muito WISKY AND SODA. A mulher é magra, esgalgada, secca e sardenta. Em compensação, o primeiro producto deste casal disparatado, a MISS, é elegante e linda, de olhos negros e cabellos de ouro, de pelle fina e rosea, de formas esculpturaes, podendo e devendo passar no HURLINGHAM-CLUB, ou em qualquer outro circulo elegante da Inglaterra, por uma PROFESSIONAL BEAUTY.

Talhada para o FLIRT, ella tem um modo especial de falar, fechando suavemente as palpebras e sorrindo do camente, que puxa, que arrasta para os seus lindos braços enluvados com PEAU DE SUÈDE até acima do cotovello. Deve ter vinte annos solidos, porque a sua carne é rija, feita de arminho e purpura, sem uma só das sardas, que dão á physionomia materna o aspecto de uma escumadeira oblonga. Quando sorri, os seus dentes, alvos como o malfim novo, surgem implantados em gengivas vermelhas como cerejas. É graciosa e veste com suprema elegancia uma TOILETTE matinal muito simples: vestido de JERSEY azul, corpinho da mesma fazenda enfeitado com um papo de seda japoneza sarapintada de pequeninos leques e de minusculas cegonhas. Chapeu de palha castanho-escuro com rosas vermelhas na frente e myosotis dos lados. Sem véu; recebe o ar vivo da manhã em plena face. Entre os seios, sobre o azul forte do JERSEY, desabrocha uma camelia branca.

Os dous BOYS, um, de doze, outro, de quatorze annos presumiveis, têm o aspecto de pequenos potros em liberdade. Papagueiam muito, mudam constantemente de logar, levantam-se, apontam estendendo o braço, ás vezes os dous braços, quando avistam alguma cousa que os surprehe ou encanta. Ambos louros. O mais novo, de um louro quasi vermelho, é mosqueado de sardas, como a mãe. O outro, de um louro fulvo, como a irmã, tem a epiderme macia e branca, mãos e pernas bem feitas. Ambos gordinhos e bem vestidos, de blusa e bonet escossezes, calça curta e meia negra até o joelho. Exclamam a miudo: BEAUTIFUL! MAGNIFICENT!

Voltemos á velha. Não posso dizer como ia vestida, porque uma enorme capa de cazemira em xadrez vermelho-pardo, dessas que occultam todas as formas e ás vezes todos os pensamentos, cobre-lhe o corpo anguloso, desde o pescoço até aos pés. Mas, adivinho que, debaixo daquella capa espaventosa, ha uma blusa amarella descendo sobre uma saia verde. Na cabeça, um chapeu oval de pelle de lontra, enfeitado com uma penna de gavião. Também não traz véu, porque ella gosta de expôr ao sol e aos olhares

dos FOREIGNER as suas sardas e os seus dentes muito salientes, que não lhe cabem na bocca e investem por entre os labios seccos contra o proximo. Cheira fortemente a PEAR'S SOAP.

Todavia, desse corpo desengonçado e feio sahe uma voz doce e harmoniosa, como a da filha gentil. Ella diz SIM, sorvendo carinhosamente as letras da palavra, alongando-a num v...e...ss... sibilado e melodioso, como já havia notado, em algumas das suas patricias, um grande publicista portuguez, quando esteve na Inglaterra. E, quando fala com os filhos e com o marido, toda ella é blandicia, toda ella é amor. Faz bem á aima e delicia a orelha ouvil-a dizer v...e...ss... Mas, é preciso que não se olhe para o seu rosto duro e magro, onde os sorrisos não moram e os olhos quasi se não movem nas orbitas.

Bem; mas eu ainda não disse ao leitor onde encontrei esta familia ingleza. Foi em frente á Estação da Paulista, naquelle logar em que os baleiros investem sobre os transeuntes com os tableiros cheios de cartuchos e de papeis multicores. Foi ahi, na volta de um passeio a pé, em regresso para o Guanabara. E dahi viemos juntos para o mesmo bairro.

Durante o trajecto pela cidade, noto que elles olham muito para as lojas e para as igrejas, fazendo exclamações de pasmo em presença das palmeiras imperiaes que avistam.

Não admira; também Linneu, o sabio, quando viu a primeira palmeira imperial, cahiu de joelhos e exclamou: PRINCEPS VEGETABILUM.

Talvez ande pela alma desta familia um pouco da alma contemplativa do grande naturalista suéco, porque exclamações identicas eu ouço, quando elles avistam a mangueira copada ou o guaparuvú elegante, de caule roliço coberto de cicatrizes.

—BEAUTIFUL! VERY BEAUTIFUL!...

O vegetal os attrahe. Talvez fossem vegetarianos, inimigos da carne... si não fossem inglezes. Ao chegar ao Gazometro, depois qua o BOND corre pela rua D. Libania, que é o prolongamento da do Dr. Quirino, os olhos avidos deste pequeno povo em folia não cessam de investigar tudo e para todos os lados. E, enquanto os olhos veem, os labios commentam.

GLORIOUS DAY! exclama a velha, olhando para o céu azul e limpo.

—Mary, repara como é lindo este horisonte onde as collinas ondulam cobertas de cafezaes.

E, com o seu dedo grosso e cerdoso, o velho aponta para além do Lyceu de Nossa Senhora Auxiliadora.

Fico então sabendo que a loura e deliciosa MISS se chama Mary. Mary! eis ahi um nome que assenta bem nessa rapariga elegante e viçosa.

Mas, os boys também olham e também commentam. Já elles haviam chamado a atenção da mãe para a torre da Matriz Nova, que descobriram virando-se para traz.

—THE NEW CHURCH! É ainda um MAGNIFICENT! pronunciado por ambos ao mesmo tempo.

Ao passar em frente á fonte, que fica no começo da rua Santa Cruz, um SHOCKING! sahe violento dos labios da velha, porque uma negra lavava proximo, semi-nua, expondo ao sol da manhã os seios abundantes e as pernas escuras e grossas. E volta o rosto, a pudibunda MISTRESS, e busca desviar a atenção dos BOYS, cujos olhos giram para aquelle lado.

Caminhamos agora para o lado do Instituto Agronomico, tão lindo, tão util e tão apertado no escasso terreno em

que está assente. O BOND vai vagaroso e toda a tribu sorve com delicia o ar puro e fresco da manhã. Bodes e cabras passeiam tranquillamente dos lados e na frente do vehiculo. Gallinhas ciscam por alli no chão desnudado e poeirento. Do lado da linha Mogyana, vem descendo, de vagar, um cavalleiro de PONCHE ás costas. Já o BOND vira para a Avenida Barão de Itapura e os olhos da tribu caem sobre o formoso parque do collegio «Progresso Campineiro». Muitos OHS! admirativos, muitos BEAUTIFUL, que cessam logo, quasi de repente, porque uma nuvem opaca de poeira fina e abafadiça investe temerosa cont.a o BOND.

E' a boiada, a implacavel boiada, que vem do alto do Guanabara e marcha acceleradamente para a cidade. A nuvem de pó invade tudo, tudo tisma e estraga. O verde rutilante das folhas empallidece, as flores desbotam, perdem o viço e o aroma, ficando feias, com o aspecto de cousas velhas.

A boiada, em trote largo, já passa de um e de outro lado do BOND, que tem de parar para deixal-a seguir. Ouvem-se espirros e todos levam o lenço ao nariz. Mary, a linda Mary tosse violentamente. A mãe está indignada, os BOYS riem e o velho, silencioso, dá costas ao pó, espalmando a mão sobre a bocca e as ventas.

Dous minutos, talvez mais, leva a boiada a passar. Um rancho de meninas, que vem sahindo do collegio, volta para traz espavorido. Afinal, a calamidade passa e o BOND põe-se de novo a caminho.

HORRIBLE! exclama o bretão, limpando as mãos e o rosto com o lenço.

Todos, Mary inclusive, sacodem o pó das vestes, dando suspiros de allivio. O BOND segue agora em marcha accelerada. Subito, o velho inglez faz um gesto, ouve-se uma campainha e o carro pára. A tribu ingleza desce e eu, como estou proximo da minha casa, desço tambem. Então, o velho indaga si uma chacara, que tem papeis nas vidraças da casa, está para alugar. A pergunta é-me dirigida em uma lingua, que é a mistura do inglez com o hespanhol e o portuguez. Mary sorri, em quanto eu dou a resposta affirmativa. A mãe de Mary não sorri, mas mostra-me os seus dentes ameaçadores o mais amavelmente que póde. Quero ser muito gentil e presto-me a dar INFORMATIONS e a chamar o casal de negros, que guarda a chacara, onde entro com a tribu. Mil exclamações, desde a entrada, perante o arvoredado que é denso e luxuriante. Depois, novas exclamações alegres dentro da casa, que tem bons aposentos, um excellente banheiro e muita luz entrando por todos os lados. Perante o preço do aluguel indicado pela negra caseira, aluguel relativamente modico, Mary, que é pratica, sorri ainda contente. Todos estão satisfeitos. Evidentemente, vou ter vizinhos novos.

Mas, eis que o ar se tolda de novo e a luz vai fugindo aos poucos da casa. E' uma nova boiada que passa em tropel. O pó, em nuvem densa, invade a habitação por todos os lados e penetra na sala em que estamos. Já ninguem ri e o desespero pinta-se nos olhos de Mary, do pae, da mãe e dos irmãos.

Quando passa a praga e o ar se limpa de novo, o velho diz-me:

—Ora veja o senhor: tinham-me dito que o Guanabara era o bairro mais salubre de Campinas. Tem agua, tem gaz, tem exgotos, tem casas e chacaras com todo o conforto, tem o BOND na porta e tem um ar puro recebido em primeira mão. Mas tudo isso fica estragado, iutilisado, perdido, com esta poeira implacavel, que se levanta do solo cada vez que passa um vehiculo, um simples cavalleiro ou a terrível boiada. Como viver-se aqui, enquanto não calçarem as ruas, ou ao menos não as irrigarem, escolhendo outro caminho para a passagem da boiada? Do mais lindo e salubre, que era, passa a ser o menos habitavel dos bairros de Campinas por causa deste flagello constante da poeira. De que serve esta linda chacara, com todo o seu conforto e com o esplendido arvoredado que possui? Como habitá-la, si é impossivel impedir que o pó a habite tambem? Pretendia ficar aqui, mas já mudei de tenção. Vou procurar outro arrabalde.

E, dando a voz de commando, tomou o caminho da porta, seguido da mulher e dos filhos. No portão da chacara um dos BOYS indagou:

—O que viemos fazer aqui, pae?

MAKE MONEY, respondeu rapidamente a velha, alongando os seus dentes esguios.

Lembrei-me então do conselho daquella mãe escosseza ao filho, que embarca para o estrangeiro, citado por Oliveira Martins no seu magnifico estudo sobre a INGLATERRA DE HOJE:

—MAKE MONEY, MY SON: HONESTLY IF YOU CAN... BUT, MAKE MONEY! (Ganha dinheiro, meu filho; honradamente, se poderes... mas, em summa, ganha dinheiro!)

E despedi-me da tribu, cheio de pezar, lembrando-me que tinha perdido esses bons vizinhos e o encanto do perfil airoso de Mary, só por causa da poeira, da horrorosa poeira, que vai despovoando o Guanabara e convertendo-o, do paraíso que era, num deserto maldito, inhabitavel.

Campinas, 1 de Maio de 1903.

GARCIA REDONDO.

Da Academia Brasileira.



O DOUTOR CONCEIÇÃO

(EXCERPTO DE ROMANCE)

LUCAS da Conceição alugara uma casinha paredes meias, onde accommodara o filho Pedro, quasi doutor, para que estivesse este em plena liberdade, podesse receber com decencia os amigos e clientes, que já começavam a consultal-o, attrahidos pela fama do talentoso estudante e pelas curas admiraveis, principalmente a do Corrêa, taberneiro da esquina, ferido no ventre pela faca de um desordeiro assassino. Se o não soccorresse o doutorando teria morrido com as tripas de fóra.

O gabinete de trabalho era um primor, claro, ventilado, cheio de quadros de anatomia, com uma bella estante atochada de livros, com uma secretaria de canella e junto da janella, que dava para a área, uma meza cheia de frascos, de caixas com preparados de histologia, alongados tubos de vidro arrolhados com algodão, sobresaindo desse apparatus scientifico um microscopio—tudo limpo irreprehensivelmente arrumado, graças aos cuidados de Rosaria, unica pessoa de familia, autorisada a entrar naquella ninho de paz e de trabalho, desde que Pedro sorprehendera Lydia, a irmã mais moça, em flagrante delicto de bisbilhotice curiosa, folheando um grande volume de therapeutica, illustrado com escabrosas gravuras demasiado realistas.

Nesse dia Rosaria adornara a secretaria de Pedro com flores trazidas pela Claudina, com muito segredo para que ficasse ignorada essa affectuosa homenagem.

Fortunata não approvava a intimidade do filho com a formosa rapariga, mais por esta do que por elle, um rapaz solteiro, livre, desimpedido, a quem não prejudicariam as consequencias de um namoro de visinhos, camaradas desde a infancia, como fóra de Amelia, a filha do ingrato compadre Manoel Dias. O seu legitimo orgulho de mãe, apaixonada pelo filho, apetezia para elle todas as vantagens, todas as grandezas, todos os meios de destaque na sociedade. E quando chegasse o melindroso momento de escolher uma companheira, deveria obedecer ao intuito de subir sempre, de aperfeiçoar, de melhorar a raça, tivesse ella embora de sacrificar o maternal carinho, de transigir com os preconceitos, esquivando-se, occultando-se com o marido e os filhos para deixarem Pedro livre, estabelecida uma solução de continuidade com o passado, onde ficavam as raizes de sua origem humilde, aggravada pelo phantasma da mãe, que fóra escrava de gente muito rica, mucama de moças elegantes e por isso muito versada em maneiras de opulencia.

Pedro herdara della essa instinctiva inclinação para o esplendor, para a notoriedade que, com os dotes de tenacidade, robustez physica e moral semelhantes aos do pae, o assignalaram com brilho no tirocinio academico, empregando o processo, raro na sua idade, de modesto retrahimento, sem impetos de escalada, como quem tem absoluta segurança de attingir á méta almejada. A sua individualidade se revelou pouco a pouco, como um fóco de luz, em ampliações progressivas e poderosas. Despresado, ou mal percebido, ao principio, pela prevenção ou corrente da fatalidade da côr, elle conseguiu, depois, ser notado,

attrahir a consideração dos mestres, a estima dos collegas subjugados pelas deslumbrantes irradiações intellectuaes do *genial moleque*, como lhe chamavam por troça.

Nessa lucta victoriosa, que teria por apothese o titulo de doutor, dentro de alguns mezes, se lhe enrijara o coração, como fatigado pela continua funcção de esforço athletico. O excesso de actividade cerebral lhe entorpecera os centros da vida affectiva. Por isso se lhe notavam certa frieza aspera no trato intimo da familia, austeridade de costumes destoante da florescencia da mocidade vigorosa.

A mãe o idolatrava com o fetichismo das mãis triumphantes com as conquistas dos filhos, conquistas além dos mais avantajados sonhos ambiciosos. Elle, porém, concedia-lhe o respeito e attenções indispensaveis á permanencia das relações impostas pela natureza, accentuando sempre o traço de superioridade que os separava—ella, mulher humilde e boa, nascida no mais baixo plano, na zona escura da escravidão, que era o suburbio da sociedade, educada na convivencia de senhores ricos e cultos, acrysolada no esforço para attenuar as táras de sua monstruosa origem, e conservando o tom de humildade, de submissão, o stygma tradicional da raça soffredora; elle torturado pela fatalidade de sua ascendencia maldita, comprimido no ciliçio da pelle negra, obstaculo formidavel ás aspirações que, presentia, se não limitariam ao vasto campo da sciencia, franqueado a todas as castas, aos obreiros de todas as procedencias.

Pedro estava preso pelas raizes ao meio em que nascerá, como arvore viçosa condemnada a crescer, a florescer, deslumbrando com a copiosa folhagem, com o matiz de suas flores, com o aspecto tentador dos seus fructos, pendentes dos galhos gigantes, mas obrigada á immobildade no sólo pantanoso que ella tenta em vão disfarçar sob a sua sombra immensa com as pompas da ramaria luxuriosa. Resistiria, contorcida em convulsões titanicas, á sanha dos vendavaes; e, quando tombasse, decrepita, ou fulminada, em pleno vigor, pelo fogo do ceu, ficaria sempre na terra a semente fatal, eternisando-lhe a ignominia em successiva florescencia de rebentos novos e pujantes.

Ella, a doce mãe, a carinhosa Fortunata era a terra; elle o ipé frondoso.

E, sob maneiras que tinham a frieza macia de uma luva, sob o sorriso resignado que lhe enflorava os labios polpudos e roxos, latejava a fermentação continua de uma revolta intima contra os seres queridos, contra o pae, que o deslocara da condição natural, contra os irmãos, contra Claudina, que o enlaçava, que o inebriava com os encantos de mulher formosa, como liana persistente e forte, enroscando-se, com voluptuosa caricia dominadora ao tronco aspero dos colossos da floresta.

No todo de amarguras, sedimentado no fundo do coração de Pedro, ao alvorecer da virilidade promissora, fluctuava, como phantasma de um sonho absurdo, como um nenuphar de petalas candidas, perdido na treva da infancia, denunciado pelo perfume da saudade immorredoura, a imagem da virgem loura, de Aurelia, a menina branca, que era a estrella de um porvir impossivel, decepção animada de fulgurações fascinantes, a marcar impassivel, no horisonte remoto, a róta daquella existencia predestinada á lucta desigual com o destino.

Domingos Olympio.



Em flagrante

THEATROS

COMO não pudesse, ou não quizesse, entrar em accordo com o Banco da Republica, para a aquisição do theatro S. Pedro de Alcantara, resolveu a Prefeitura construir o Theatro Municipal, e nesse intuito adquiriu um magnifico terreno na projectada Avenida.

O autor destas linhas, que ha tantos annos se bate pelo advento do theatro nacional, estaria contente, não obstante o pezar que lhe causou o não aproveitamento do S. Pedro, se não se tratasse de uma sala de opera, cuja vastidão, digam o que disserem, não se compadece com a declamação dramatica.

A publicação do edital, chamando concorrência para a construcção do theatro, foi mais uma desillusão, e a maior, que recebi na campanha em que me tenho empenhado contra a indifferença, a má vontade, o sophisma, a inercia, a injustiça e o pessimismo de tanta gente.

O Rio de Janeiro ficará dotado com um bello theatro para as temporadas lyricas; por esse lado, a Prefeitura prestará um grande serviço, porque, realmente, a cidade ha muito tempo reclama um theatro de canto compativel com a sua civilisação, e com o gosto, aliás mal dirigido, que aqui se vae desenvolvendo pela boa musica; entretanto, não foi para abrigar companhias de opera, nem artistas estrangeiros, que se creou o Theatro Municipal; o legislador não teve absolutamente em vista outra coisa que não fosse proteger a nossa arte dramatica, e não será num theatro daquelles que poderão fazel-o; antes pelo contrario...

Para adquirir o S. Pedro e adaptal-o ás necessidades de um theatro moderno, não seriam necessarios os tres mil contos (dando por barato) que vae custar o projectado monumento: bastava o mysterioso caixote que desapareceu da Estrada de Ferro: com aquelles oitocentos contos se faria a festa, ou, quando fosse de todo impossivel negociar com o Banco da Republica, com elles se construiria um theatro de comedia, pequeno, elegante, confortavel, para mil pessoas, onde os artistas não fossem obrigados a forçar a voz nem os espectadores a apurar o ouvido, e se pudesse estabelecer directa e rapida communicação entre o palco e a platéa.

Não creio, não posso crer que as intenções do Dr. Francisco Pereira Passos não sejam as melhores; mas não ha duvida que o Theatro Municipal, com aquelles doze a quatorze metros de bocca de scena, com aquella altura, com aquelle palco separado da platéa pelo grande espaço tomado por uma orchestra invisivel, é a prova mais irrecusavel de que na Prefeitura não se cogitou em proteger a arte dramatica, restabelecendo a corrente interrompida da nossa producção theatral.

O que neste assumpto, mais me desgosta é, francamente o confesso, mostrar-me em desaccordo com o illustre

Prefeito, que tanto admiro e venero pelas excepcionaes qualidades reveladas nesse e noutros cargos difficeis e de grande responsabilidade, e de quem eu tanto esperava para a solução definitiva da questão do Theatro Municipal.

Como está no meu temperamento não desanimar em circumstancia alguma, tenho ainda toda a esperança de não ir para o outro mundo sem ver realisado o meu sonho... Realisado como? Não sei Não sei, mas não desanimo.



Tivemos ultimamente em scena duas peças nacionaes: *Tiradentes ou o martyr da liberdade*, drama em 1 prologo e 5 actos, de Moreira de Vasconcellos, e *as Obras do Porto*, comedia em 3 actos de G. Tojeiro e Victorino de Oliveira, —um morto e dous estreantes.

O famoso alferes da Inconfidencia não encontrou ainda o seu dramaturgo. Este será—quem sabe? —Affonso Arinos, o illustre escriptor mineiro, que se está ensaiando na litteratura dramatica, e me deu o prazer da leitura dos dois primeiros actos do *Contractador de diamantes*, drama em que resalta, com vigoroso contorno, a grande figura de Felisberto Caldeira.

Não tenho o direito de ser indiscreto, assoalhando as minhas impressões, que aliás foram as melhores, sobre um trabalho que se acha apenas em meio; posso, entretanto, indicar Affonso Arinos, pelo seu profundo conhecimento da historia e dos costumes da pittoresca Minas do seculo XVIII, como o dramaturgo mais apto para levar ao palco *Tiradentes* com toda a verdade e todo o interesse dramatico.

Moreira de Vasconcellos tinha muita habilidade, mas inventou um *Tiradentes* de convenção, extraordinariamente rhetorico, e, Deus lhe perdoe, complicou o enredo, fazendo o visconde de Barbacena namorado de Mari- lia e a viscondessa de Gonzaga, o que é levar muito longe a liberdade e a fantasia do autor dramatico. Entretanto, a peça é um melodrama bem feito, armando ao enthusiasmo da platéa e fazendo vibrar intensamente a nota patriotica.

As Obras do Porto filiam-se ao genero francez do *vau- deville*, em que tudo se exige menos verosimilhança e bom senso: por esse lado estão livres de culpa e pena os autores, que aliás revelaram, a par de uma grande inexperiencia, muito engenho e alguma graça e observação.

A peça foi exhibida em más condições, e apenas uma vez. Os autores foram sacrificados ao que em gyria theatral se chama um *tiro*.



A revista *Cá e Lá*, que já festejou a sua 50.^a representação, continúa a attrahir ao Recreio consecutivas enchentes, e parece disposta a conservar-se no cartaz ainda por muito tempo.

Tito Martins e Bandeira de Gouveia carregaram um pouco de mais a mão na pimenta, mas o publico pouco se

importa com isso. A peça faz rir e está bem posta em scena; é o que elle quer.



PEIXOTO

Ferreira de Souza e Helena Cavalier, dous artistas dramaticos desviados momentaneamente, pelas circumstancias, do logar que lhes compete, no theatro, conduzem a revista, na sua qualidade de compadres, com toda a *verve* exigida pelo genero.

Cinira Polonio, que tem o encanto da carioca e o *chic* da pariziense, agrada muito numa successão estonteante de personagens e *toilettes*, cada qual mais elegante e mais rica.

Os demais artistas empurram galhardamente a peça para o centenario, convindo, entretanto, destacar Olympio Nogueira, actor brasileiro de talento, herdeiro legitimo da graça de Xisto Bahia.



A *Mimi Bilontra* não encontrou na rua do Lavradio a fortuna que lhe sorriu outr'ora na praça Tiradentes.

Entretanto conservára o seu principal encanto, isto é, o Peixoto representou, como na primitiva, o papel de Choufleury, um dos melhores da sua opulenta galeria de typos.



A *Passagem do Mar Vermelho*, producção de um dramaturgo-amador, o Sr. Fonseca Moreira, abastado capitalista, serviu de pretexto á empreza do Apollo para uma brilhante apresentação da nova pleiade dos nossos scenographos, todos brasileiros, todos dignos de animação e applauso.

A peça foi posta em scena com todo o luxo de que era digna a obra de um capitalista; a scenographia, as vestimentas, os accessorios, os machinismos, a musica, os bailados, as evoluções, os effeitos de luz, etc., constituem um magnifico espectáculo, que não enfada nem cança.

Pela parte que me toca, declaro que me diverti, vendo e ouvindo a *Passagem do Mar Vermelho*, como ha muito tempo não me divertia em theatro.

Ha ali situações de um comico irresistivel; esta, por exemplo, em que o auctor resolve com muita graça a dificuldade terrivel de tirar uma figura de scena, escolho em que muitas vezes naufragam os melhores engenhos:

Estão em scena Satanaz e Uriel.

Satanaz interrompe o dialogo, e pergunta a Uriel:

—Mas, afinal, que fazemos nós aqui?

—Isso mesmo perguntava eu a mim mesmo, responde o outro. Vamos embora!

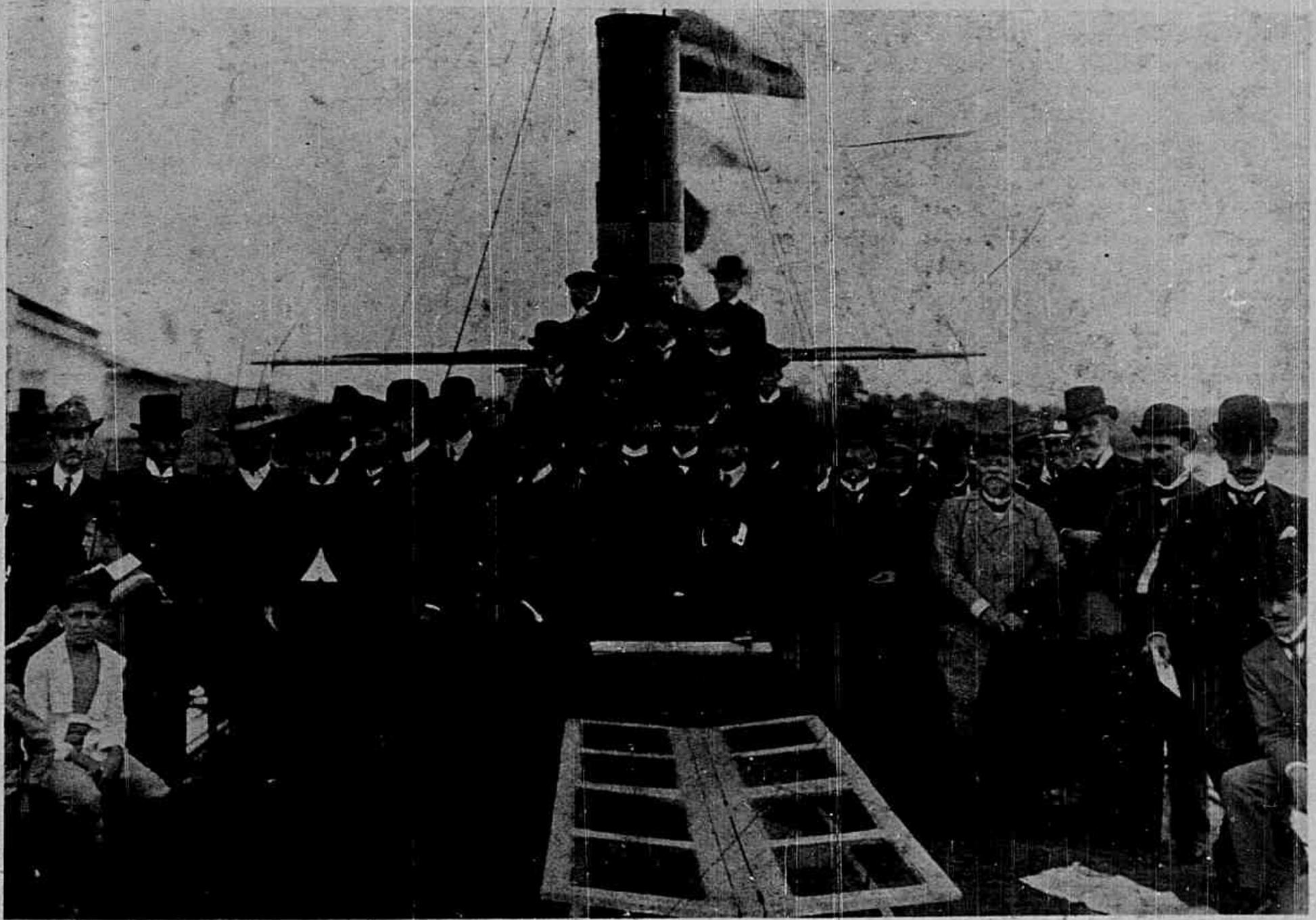
E saem magestosamente.



OLYMPIO NOGUEIRA

Arthur Azevedo.

Da Academia Brasileira



A COMITIVA A BORDO DO MUQUY

DE VICTORIA A DIAMANTINA

... Um rapido arrastar de correntes suspendendo a ancora, um silvo de machina, e partimos. O *Muquy* deslisou suavemente, insensivelmente, sobre as aguas quietas, empalhetadas de sol, da bahia, e a formosa paizagem do Rio, a cidade, as ilhas proximas, as serras recortadas ao longe, o tumulto maritimo de lanchas festivas e de pesados batelões de trabalho, começou tudo a desfilar como um cosmorama enorme que uma força extranha movesse diante de nós.

Villegagnon passou, com a guarnição a postos e a fanfara na muralha, vibrando a ultima saudação ao ministro que ia a bordo; passou Lage, agachada nos seus rochedos como um atirador na espreita; passaram Santa Cruz, S. João, Imbuhy... Quando o primeiro estremecimento do *Muquy* affirmou que nos moviamos de facto, estavamos no mar alto. O Rio de Janeiro apparecia distante, com os seus morros bizarros e a guarda avançada de ilhas pittorescas, e aos nossos olhos desenrolava-se agora a visão admiravel das costas brasileiras elevando-se em montanhas de curioso relevo, alongando-se em largas e alvissimas

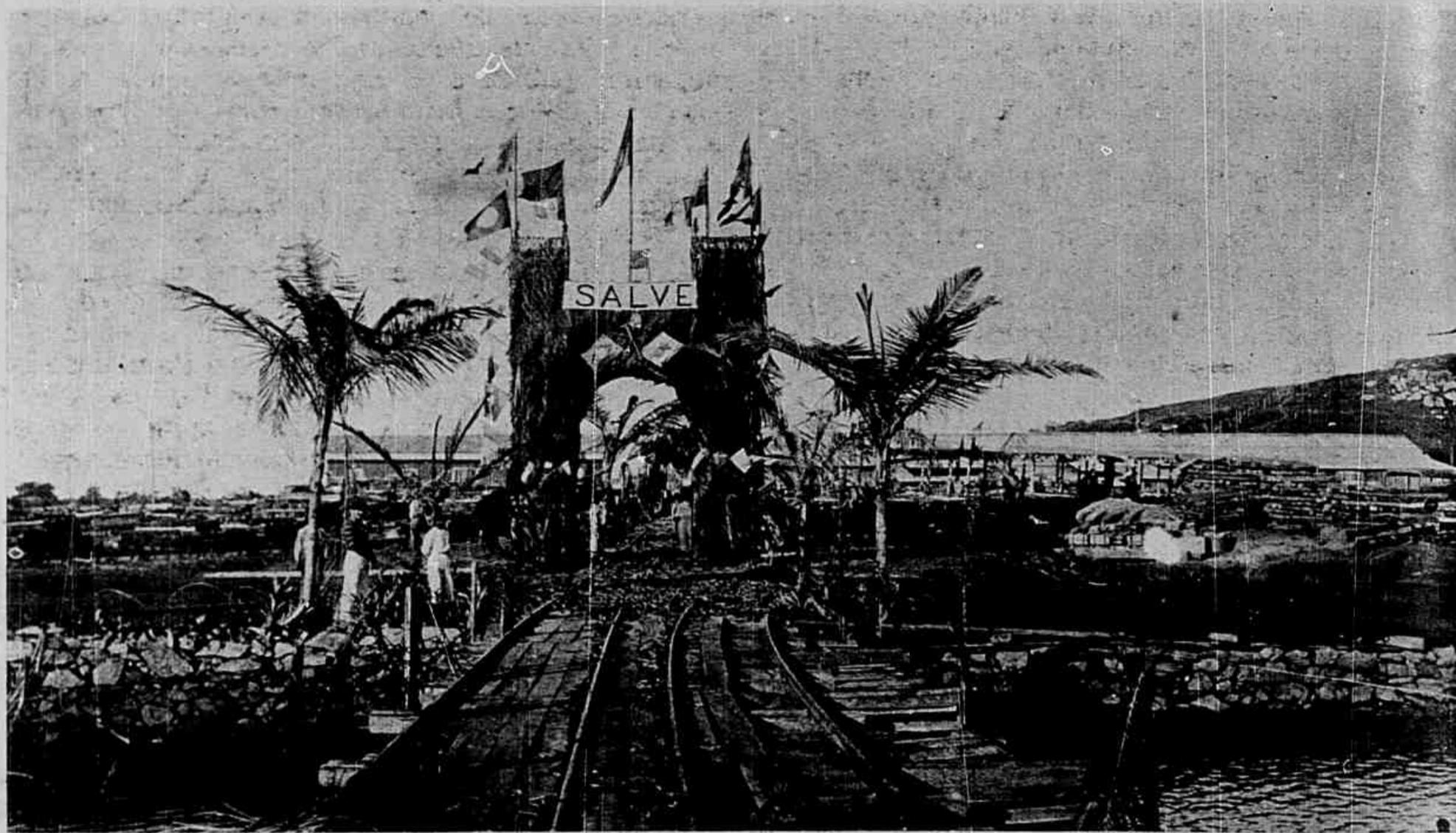
praias, onde o mar, sem coleras nem impaciencias, parece espreguiçar-se somnolentemente e dormir...

Fomos assim até Cabo Frio, balouçados cariciosamente pelo navio, que parecia ter connosco cuidados de conductor delicado para com viajantes inexperientes e receiosos. A's attentões da directoria da *Victoria á Minas* juntavam-se ás do *Muquy*, compenetrado das suas funções de portador de uma comitiva inaugural e desejoso de não comprometter com solavancos menos cortezes as impressões de uma bella festa; e o mar, por sua vez, entrava de companhia nesse designio e alisava-se o mais serenamente possivel para que o navio lhe resvalasse sem sobresaltos no dorso...

Até Cabo Frio. Ali houve uma pequena amostra de mar, do mar de verdade, possante e movediço, que não pode estar todo o tempo a se adoçar em idyllios. Era preciso mesmo que tivéssemos uma noção real do oceano, viajantes iniciados que eramos na maior parte, e o oceano aproveitou a presença da hirta e aspera rocha do Cabo Frio para mostrar a uma comitiva alegre o que era a eterna luta, que se prolonga em toda a natureza, da agua marrando contra a pedra.

As consequencias dessa luta soffremol-as, como todos os que se acham em visinhança de gentes barulhentas...

Itapemirim, Guarapary, Benevente. A's 4 horas enfrentavamos Victoria. Tirámos as primeiras photographias a bordo.



ESTAÇÃO PROVISÓRIA DO PORTO VELHO

Mas foi breve, felizmente. O tempo, apenas, de abrandar alguns que pompeiavam de fortes e de diminuir, ao jantar, que se seguiu pouco depois da passagem do cabo, o invejavel appetite e a animada concorrência com que a comitiva affirmara alegremente ao almoço a sua satisfação de convidados gratos e o seu orgulho de vencedores de mar manso... Os que resistiram foram para a tolda ainda sentir, com o afastamento do aspero e importuno promontorio, a entrada de novo na doce paz do nosso primeiro mar de viagem; os outros, recolhidos a beliche, dormiram. Quem dorme não sente: dizem que houve nova e mais dura prova na passagem, de madrugada, pelos baixios de S. Thomé; eu não sei, dormi.

Quando rompeu o dia, lavado por copiosa chuva que cahira de noite, o mar estendia-se outra vez calmo e caricioso, illuminado com as mesmas palhetas de ouro que ao sahirnos do Rio, e a mesma linha de serras recortadas e de praias largas e brancas acompanhava o navio, ao longe, como um guia alviçareiro que nos garante, a toda hora, a espera acolhedora.

Viajámos assim o resto do dia, com o mesmo sol, o mesmo mar, a mesma alegria. Passámos Itabapoana,

Victoria dá a impressão, a quem lhe entra o porto pela primeira vez, de que enfrenta um Rio de Janeiro reduzido em diminuição photographica. E' a miniatura das mesmas ilhas, semeadas desde a entrada até o fundo da bahia, que se abre em leque com o mesmo arco suave da Guanabara, tendo a fechal-a o perfil das mesmas montanhas, a curva graciosa da mesma praia exterior. O olhar sorprendido descobre successivamente os pontos que deixou, dezenas de milhas ao sul, no Rio de Janeiro: lá estão, em pequenina reprodução, Cotunduba, Pae e Mãe, a praia de Fóra, o Pão de Assucar, o morro de Santa Cruz, as serras da Tijuca e da Gavea e, ao fundo, os pittorescos refugios de saudosos convescotes. Parece-nos que a natureza, para a construcção da formosa Guanabara, construiu antes uma *maquette*, que fixou depois adiante, no Espirito Santo.

Vê-se que não é bem a terra carioca pelos dois altos morros em que branquejam, dominando o mar, o pharol e o convento da Penha, construcção a que se prendem lendas piedosas e onde a mão do jesuita deixou um cunho inapagavel.

Entrando a barra, á esquerda, no continente, estendendo-se de pouco adiante do Penedo — o Pão de

Assucar da Victoria — e apoiando-se na montanha em cujo alto se erige o velho mosteiro, apparece Villa Velha, a primeira povoação lançada no Espirito Santo pelo colonizador primitivo e sua capital em tempos recuados, antes que as aggressões violentas dos indios fizessem mudar a séde da capitania para a ilha, onde se ergueu a villa de N. S. da Victoria. Villa Velha — que guarda o seu nome tradicional, mau grado o baptismo official em “cidade do Espirito Santo,” — é hoje para a Victoria o mesmo que S. Domingos para a Capital — uma residencia aprazivel, um ponto de recreio; mas da sua ancianidade guardou uma feição typica nas construcções e nas usanças, conservando prendas antigas que a pratica industrial moderna tem esquecido, de que se destacam as excellentes rendas feitas pelas familias de Villa Velha e que são um apanagio do logar.

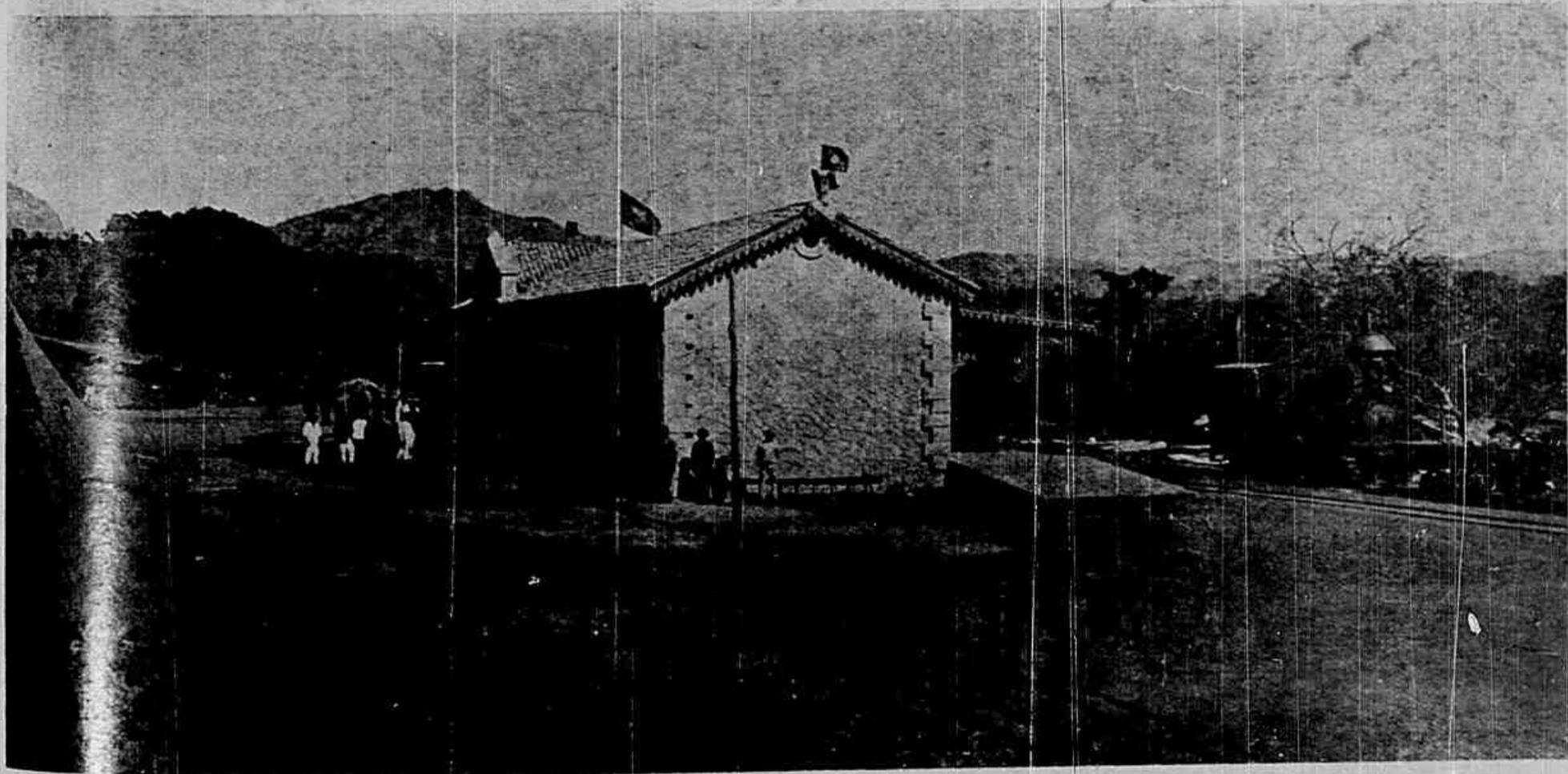
A direita, para lá do fortim de S. Pedro, espraia-se pela orla do mar Capichaba, povoação de pescadores, a cujo nome os filhos da Victoria devem o seu appellido caracteristico. Já se nos depara perto a casaria de Victoria. O *Muquy* caminha mais algumas braças e a capital do Estado se nos apresenta de face, alongando-se entre a verde montanha que lhe serve de fundo e o mar verde de que parece surgir. Salve!

de *rowers* que coalham as aguas, floridas aquellas de perfis femininos, flammantes estas de camisetas alacres, remos ao alto, em continencia... Chove.

O *União* atraca, entretanto, ao *Muquy*; trocam-se saudações, votos de boa-viagem, congratulações pelo empreendimento que se affirma, e em seguida passamos para o *União*, que parte, entre as mesmas acclamações da chegada, para a ponte da *Victoria a Minas*. Far-se-á a inauguração a 13 de Maio. A data reivindicadora vae alforriar tambem economicamente o Espirito Santo e uma parte de Minas da rotina que lhes peiava a expansão industrial. Seguimos.

A estação inicial da estrada de ferro da Victoria a Diamantina fica no continente, mais ao fundo da enseada, no logar denominado Porto Velho. De futuro, a estação será em frente á Victoria, no Porto das Argollas, onde se acha a estação da *Sul-Espirito-Santo*, ficando commum ás duas estradas o mesmo ponto de partida. E' um traço de terreno sómente que as separa, estando assentada nesse trecho a primeira obra de arte da *Victoria a Minas*, a ponte sobre o canal do Marinho.

O canal do Marinho é ainda um sulco da passagem do jesuita no Brasil, assignalada por obras superiores á cultura e ao descortino dos seus contemporaneos: con-



ESTAÇÃO DE CARIACICA

Mas não ha tempo de detalhar a paizagem: o *União*, em que vem o presidente do Estado ao encontro do ministro da Viação e da comitiva, aproxima-se, em meio o sibilar festivo dos vapores, as acclamações e musicas enthusiaslicas, o agitar de lenços e de chapéus, abrindo caminho por entre as lanchas e embarcações

struiu-o elle, na extensão approximada de doze kilometros, para ligar o curso do Jucú, que se lança no mar alto, e por onde desciam os productos das fazendas da Companhia no interior, com a bahia da Victoria.

A estrada de ferro lançou sobre esse canal um viaducto, interessante pelos recursos de que a engenharia se

serviu para vencer as dificuldades de um fundo de vasa, sem apoio nem resistencia. A ponte assenta sobre pilares, constituídos por cylindros ôcos de tijollo sobre um marco e gume cortante de ferro, que iam penetrando pelo proprio peso á proporção que uma pá mecnica excavava-lhes o interior e retirava a vasa que subia; afundaram-se assim dez metros, até á rocha, e uma vez ali, e enchidos de concreto, estabeleceu-se-lhes no topo macissos de alvenaria de pedra e cantaria sobre os quaes repousa a superstructura metallica da ponte com o peso de 36.000 k.

O aterro é supportado por enrocamentos e cylindros de pedra secca e por um muro de alvenaria de cimento assentado sobre quatro trilhos, que repousam sobre os cylindros atraz das vigas de ferro. O viaducto foi completado em cinco mezes.

Havia ainda um aterro a fazer sobre o mangue, desse ponto até proximo da estação da *Sul-Espirito Santo*, na extensão de setecentos metros, para ligar Porto Velho ao Porto das Argollas; e este foi feito, atravessando a locomotiva de aterro sobre andaimos provisórios de vigas de madeira, repousando estes sobre trilhos atravessados em fogueiras de dormentes. Vencidas as difficuldades technicas, a estrada esbarrou em um terreno a desapropriar e num proprietario de

reclamos, tentativas e lutas, se tornava afinal em compensadora realidade.

Havia cincoenta e sete annos que Christiano Ottoni tivera, primeiro de todos, a idéa de unir o nordeste de Minas á Victoria por uma estrada de ferro, e vinte e oito que o engenheiro Hermillo Alves completara os primeiros estudos para uma linha que, ligando a Victoria a Natividade, fosse o escoadouro facil da farta producção dos valles do rio Doce e do Manhuassú, entravada, amesquinhada pela dependencia de uma navegação fluvial penosa, tarda e atrophiadora.

O trem official partiu, era já noite. Chovia sempre; e dentro do carro, janellas desceidas, apinhados comitiva e povo do logar, tinhamos apenas a impressão de uma desfilada atravez da sombra, por sitios que não sabiamos bem o que eram, para uma festa que estava, antes de tudo, dentro do nosso coração. De quando em quando gyrandolas riscavam o ar e "vivas" chegavam-nos aos ouvidos, das gentes dos campos saudando a conquista nova. Paramos rapidamente em Cariacica para receber saudações e as autoridades da villa e ao fim de outra corrida chegamos afinal em Alfredo Maia. Eram 7 e 45 da noite.

Uma enorme multidão tumultuava, premia-se na estação á espera do trem, a tantos annos esperado; e



PONTE SOBRE O CANAL DO MARINHO

má vontade: a locomotiva não poudé passar; a inauguração não poudé ser feita em Argollas.

Foi de Porto Velho que partimos, já escurecendo, para abrir ao trafego essa ferro-via promissora, a tanto e tão desejosamente reclamada por duas zonas opulentas e que depois de tamanhas indecisões e

foi com extraordinaria e sincera emoção que aquelle povo, ancioso por essa linha ferrea que lhe abria horizontes mais amplos, irrompeu em acclamações quando assomaram á plataforma do carro as figuras sympathicas do dr. Lauro Muller e do dr. Muniz Freire, seguidos dos engenheiros da estrada e dos representan-

tes das diversas actividades nacionaes. Houve um fremito na massa.



DIRECTORES DA ESTRADA E JORNALISTAS EM PORTO VELHO

Drs. P. Nolasco — Arthur Alvim — João Teixeira Soares — T. Land — Felipe Carpenter — E. Schnoorr — Agente e auxiliar de Porto Velho — Representante do *Kósmos* — Representante da *Noticia*.

A estrada de ferro Victoria a Diamantina representava o termino victorioso de uma longa campanha em que fracassaram as mais intelligentes vontades e as melhores energias de governo. O ideal, perseguido havia tanto e não alcançado nunca, alli o tinham, graças á tenacidade de um grupo de profissionaes e de capitalistas e á boa vontade do Congresso Nacional e de dois ministros: de um destes lá estava o nome perpetuado — "Alfredo Maia"; o outro, recebiam-n'o com flores e palmas.

Feita a inauguração, assignada a acta respectiva, após a magnifica collação offerecida pela *Victoria a Minas* abafado o rumor das derradeiras saudações, regresamos a Porto Velho. A *Dorizon* e a *P. Herelle* — nome de dois industriaes amigos, que a Companhia de a ás suas primeiras locomotivas — tiravam-nos rapidamente atravez dos campos que a ferro-via fecundava; e nos carros, agora cheios de vivas e novas impressões, commentava-se o alcance do empreendimento, enalteciam-se os homens que o levaram por diante, citavam-se os seus collaboradores — Teixeira Soares, o eminente constructor da *Paranaguá a Co-*

rytiba, tão valoroso quanto modesto, Pedro Nolasco, o incansavel, Maylaski e Legru, os organisadores do capital, João Neiva, um braço forte no Congresso, Augusto Ferreira, Arthur Alvim, Rocha Dias, Schnorr, Sá Carvalho.

Quando chegámos a Victoria a cidade e o mar pontilhavam-se de luzes e o pharol do *Muquy*, flamejando em meio da enseada, era como uma chamada ao repouso. 9 1/2 da noite. Depois de breve passagem pelo telegrapho, recolhemo-nos a bordo.

No dia immediato, excursão pela *Sul-Espirito-Santo* e banquete em palacio; domingo voltariamos para o Rio, enquanto o ministro seguia por terra, com um sequito pequeno, para estudar a ligação desejada entre a terminal daquella estrada e a *Leopoldina*, em Cachoeiro do Itapemirim. Aproveitamos a manhã da partida, eu, Oliveira Gomes, Chapelin e o engenheiro Nolasco, para ver, na linha nova, os sitios que a noite não deixara descortinar.

Comprehendemos então, mais nitidamente do que nunca, o valor dessa estrada. A locomotiva conduz-nos por entre terras uberrimas; campos de verdura ridente e de feição bizarra, entorrôados, de espaço a espaço, de monticulos redondos recobertos de relva, á semelhança de seios, como si a terra, enseivada e prodiga, se entumecesse por toda a parte de mamas dadivosas; mattas cheias de sombra e flor, onde o ipê e o pau d'arco guardam sob a garridice do florescimento a rizeza util do madeiro. Mas, por toda a parte, o trabalho confortador: os campos, saturados pelas marés, que se infiltram leguas a dentro nas terras baixas, povoam-se de gado nédio e limpo, que dispara, ao silvo do trem; as mattas se enchem de cafezaes viçosos, plantados á sombra e vermelhos de fructo maduro; e de momento a momento, em clareiras e varzeas, se aniudam as casas de colonos, ora o pouso abastado, de telha e tijollo, branquejando na paisagem, ora o rancho de sapê, cuidadosamente tratado, de tecto conico como os pavilhões rusticos, de jardim.

Assim até Cariacica. A estação aqui se encosta garridamente a uma suave collina, no alto da qual a villa enxameia, com o seu casario alegre e numeroso, como uma colmeia laboriosa. Não ha tempo de correr a villa. Seguimos.

E' a mesma a perspectiva até "Alfredo Maia": campos e mattos cheios de seiva e flor, terras e casas cheias de trabalho e fructo. Em "Alfredo Maia", como em Cariacica, a villa fica num alto; é S. José do Queimado. Vê-se do caminho apenas a torre da matriz.

O Santa Maria passa rente á estação. Por elle deriva uma riqueza, todo o café que foge á descida penosa pelo Rio Doce e vae por aquelle rio até Victoria. Este café virá um dia pela estrada, como o que desce ainda hoje pelo rio Doce e o que deriva pelo Timbuhy e pelo Piraquê para Nova Almeida e Santa Cruz.

A exportação da bacia do rio Doce, só no Espírito Santo, sobe a um milhão de arrobas de café; e ha ainda 40.000 pés de cacau em Porto Mascarenhas e cereaes em todas as antigas colonias, desde Pau Gigante até Collatina, e mais dois milhões de arrobas de café na zona mineira. E' o futuro de uma estrada.

O trem só attinge, por ora, "Alfredo Maia": voltamos, e duas horas depois o *Muquy*, sob o mando habil do capitão Jeronymo Gonçalves, zarpava conosco para o Rio de Janeiro.

Já o convento da Penha se não divisava no horizonte e eu seguia mentalmente o trilho da *Victoria a Diamantina* pelos sertões opulentos que vae rasgar. Senti-lhe a marcha ascencional até Natividade, libertando as populações ribeirinhas do rio Doce da tyrannia de uma arteria fluvial empedrada de cachoeiras no curso superior e fechada na barra por bancos de areia, após a illusão de extenso trecho navegavel; senti-a penetrar em Minas. E vi descerem por ella, até Victoria, os thesouros mineiros, do Manhuassú até Diamantina: a farta producção cafeeira, as madeiras de valor, as pelles e plumas raras, o crystal abundante e purissimo, o ouro fino, a pedra preciosa; via-a formar industrias e cidades ao longo do seu leito...

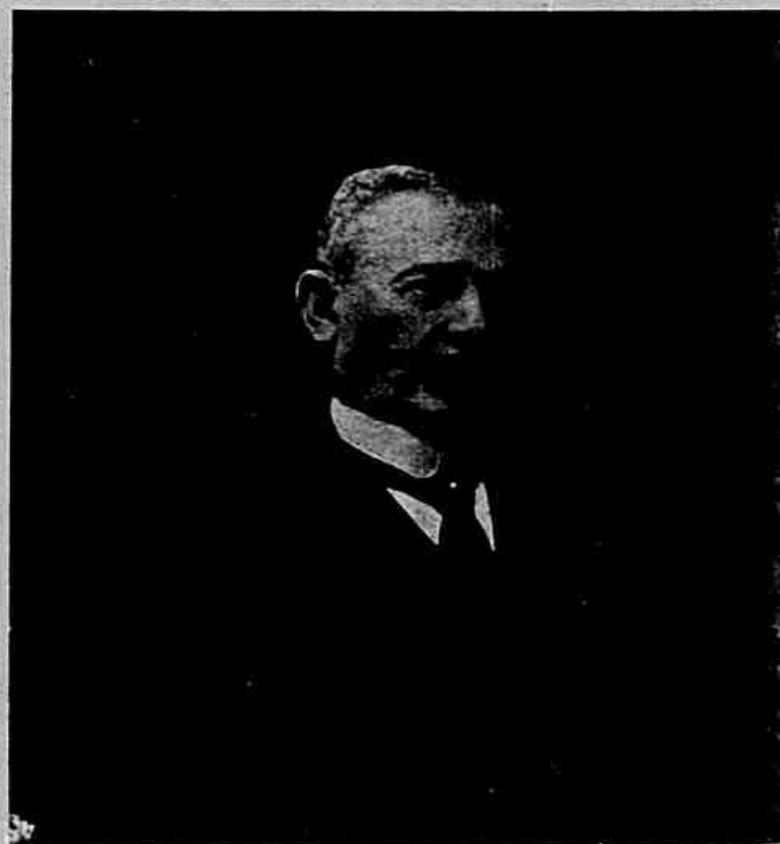
Quando o *Muquy* entrou a Guanabara um grande transatlantico sahia. Dentro, na bahia clara, lanchas e botes alvicaireiros cruzavam-se e pesados navios de commercio coalhavam o mar. E eu lembrei-me da graciosa miniatura do norte e de affectos que deixara lá — Cleto Nunes, Bernardo Horta e tantos — e pensei em que Victoria terá tambem um dia, mercê dessa estrada, o mesmo tumultuar de embarcações poçadas de gente e carga, transportando a vida e o progresso... — L. A.



M. HECTOR LEGRU, NO SEU BELLO HIATE "SUZON"



TUNNEL E VIADUCTO NA SUL-ESPIRITO SANTO



L. MAYLASKI, VISCONDE DE SAPUCAHY

ALBERTO & FILHOS
PHOTOGRAPHS

RUA SETE DE SETEMBRO 41
RIO

TYPOGRAPHIA E PAPELARIA

J. SCHMIDT

IMPRESSÕES ARTISTICAS, TRABALHOS
COMMERCIAES, CATALOGOS ILLUSTRADOS,
CARTÕES POSTAES COM VISTAS, ETC.

N. 24—Rua da Alfandega—N. 24

RIO DE JANEIRO

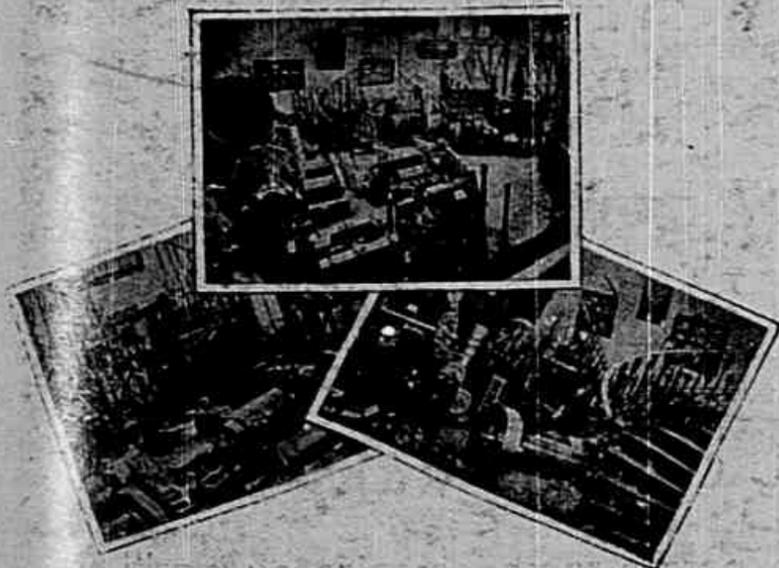
DUBONNET

○ MELHOR APERITIVO ○

FUNDIÇÃO INDIGENA

A MAIS ANTIGA DO BRAZIL

Premiada em varias Exposições Nacionaes e Estrangeiras



FARINHA CARVALHO & C.

* * * * * FABRICANTES * * * * *

DE MACHINAS PARA LAVOURA E INDUSTRIA
* * * * * CONSTRUCCOES METALICAS * * * * *
GRADES, VARANDAS, COLUMNAS ETC. ETC.
CALDEIRAS, RESERVATORIOS, PONTES ETC.
PORTAS DE AÇO ONDULADO SILENCIOSAS.

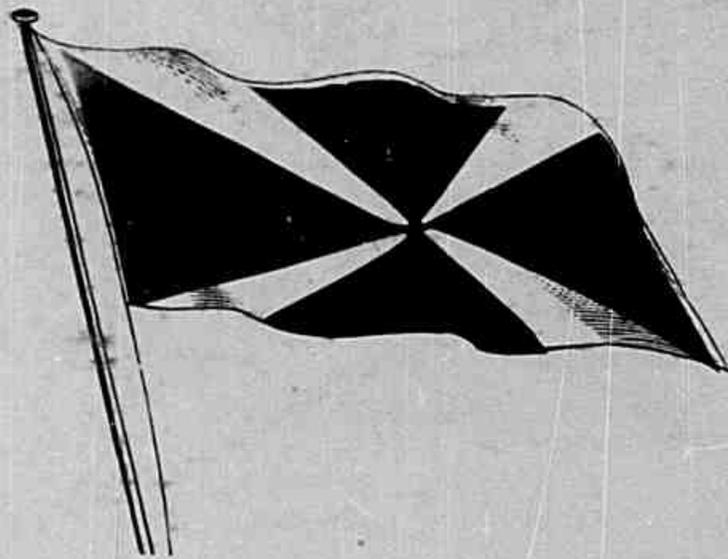
120, a 126, Rua da Imperatriz, 120 a 126
RIO DE JANEIRO



PREVENÇÃO AO PÚBLICO

DO ALLIUM SATIVUM antigo e conhecido na homoeopatia, pouco ou raramente usado, J. COELHO BARBOZA preparou ha cinco annos de uma forma especial um especifico para curar a influenza e constipações de um a tres dias. Apparecendo agora vendedores do ALLIUM, prevenimos ao publico que, se quizer ter a certeza de levar para casa um remedio especialmente preparado para estas molestias, deverá exigir o que

TRADE-MARK COPIADO PUNTADE



Empreza Maritima Brasileira

32—RUA DA ALFANDEGA—32

(2.º ANDAR)

* * * Endereço Telegraphico — ZAMARA * * *

Proprietaria do maior Vapor que navega com a Bandeira Brasileira

SÃO LUIZ

de 5000 toneladas de carga, navegação para os portos do Norte, do Sul e Rio da Prata.

A EQUITATIVA

Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida

✻ ✻ ✻ ✻ ✻ TERRESTRES E MARITIMOS ✻ ✻ ✻ ✻ ✻

Sub-directoria do Sul

AGENCIAS:

S. Paulo—Largo da Sé n. 1. E. Gambaró, Superintendente

Porto Alegre—Rua dos Andradas n. 395. O. Bernardi, idem

Curytiba—Rua 15 de Novembro n. 11. Fernandes Loureiro & C. Representantes

Rio Grande—Rua do Riachuelo. Corrêa Leite & C. Idem.

Acceta-se agentes quer para o ramo vida, quer para o ramo terrestre ou maritimo.

Eugenio Borges

SUB-DIRECTOR.

Rua da Candelaria N. 7 — Rio de Janeiro

A Equitativa dos E. U. do Brazil

SEGURO DE VIDA E RESIDENCIA



Adquirir simultaneamente um capital e uma propriedade; legar aos seus um peculio e um tecto proprio!

Eis o ideal que acaba de realizar a Directoria da Equitativa, incansavel em proporcionar beneficios aos seus segurados.

Já não era bastante constituir economias para a velhice, receber, em vida, capitaes por sorteio e deixar aos herdeiros um peculio; era preciso que o mutuario da Equitativa tivesse o seu lar, a sua casa propria!

As sociedades de seguro de vida, como entendem os Directores da Equitativa, tem um fim altamente philantropico e de real utilidade publica. Quando só se cogita em jogos, incompativeis com a previdencia e contrarios á economia, principal fonte de riqueza em todos os povos, entendeu a Equitativa prestar inestimavel serviço aos seus segurados, proporcionando-lhes um meio de se tornarem proprietarios e capitalistas, sem sacrificios, mediante o emprestimo ideal, de juros modicos e prazo longo.

E, como se poderá fazer tudo isso?

Com pouco mais, o mesmo ou, talvez, menos do que se paga pelo aluguel da casa!

Com uma nesga da terra e uma ou mais apolices sorteaveis, na classe de pagamentos limitados ou dotaes, tornar-se-ha possivel edificar uma casa nova ou reconstruir um predio velho ou condemnado...

O emprestimo será feito pelos prazos de 1 a 20 annos e a amortização, com juros modicos, recebida em prestações mensaes, trimestraes, semestraes ou annuaes, durante todo esse prazo, com a faculdade ao mutuario de antecipar esses pagamentos como e quando o entender.

Sempre que uma ou mais das apolices forem sorteadas, será o respectivo producto levado em conta da hypotheca, de modo a reduzir as prestações ou o prazo do emprestimo, bem como a extinguir por completo o pagamento dos juros sobre a quantia amortizada.

Em caso de fallecimento do seguro, será parte do seguro applicada ao pagamento do emprestimo e o saldo entregue aos herdeiros, que ficarão assim com peculio e casa propria!

Em caso de sobrevivencia ao prazo do contracto terá o mutuario constituido para si um capital e adquirido uma propriedade quasi que insensivelmente!

Um exemplo:

Um individuo manda edificar um predio por Rs. 15.000\$000 e faz o competente seguro por 15 annos.

Com o pagamento mensal de Rs. 269\$500, no fim de 15 annos, se antes não fallecer, será o dono do predio e receberá o producto de seu seguro.

No decurso de 15 annos as suas apolices concorrerão a sorteio 30 vezes e de cada vez que for sorteada uma apolice, lhe serão creditados Rs. 5.000\$000.

Com taes elementos poderá rapidamente diminuir, á sua opção, ou as prestações ou o prazo do contracto ou mesmo extinguir de prompto o seu debito.

Se antes fallecer legará aos seus herdeiros o predio e o saldo do seguro.

Outro exemplo:

Um individuo que mandar edificar um predio por Rs. 10.000\$000 e fizer o competente seguro por 20 annos se tornará immediatamente proprietario e mediante o pagamento mensal de Rs. 159\$500, no fim de 20 annos, se antes não fallecer, o seu predio ficará completamente exonerado, recebendo então, alem d'isso o producto do seguro.

No decurso de 20 annos as suas apolices concorrerão a sorteio 40 vezes e em cada sorteio lhe serão creditados tantas vezes Rs. 5.000\$000, quantas as apolices sorteadas n'esse sorteio.

Com taes elementos poderá diminuir, á sua opção, ou as prestações ou o prazo do contracto, ou mesmo extinguir de prompto o seu debito.

Se antes fallecer, legará aos seus herdeiros o predio e o saldo do seguro.

Ora, francamente, ponha cada um o caso em si; calcule quanto tem gasto em alugueis desde que se entende.

Bem poucos deixarão de chegar á conclusão de que se, em vez de pagar esses alugueis, os tivessem desde então applicado ao pagamento de prestações mensaes para um seguro de vida e residencia na Equitativa, seriam hoje capitalistas e proprietarios!

Mas nunca é tarde para a pratica de um acto de previdencia, sobretudo quando com elle se faz um excellente negocio.

Quantas vezes um proprietario, dispondo de modestos recursos, é obrigado pelas autoridades a reconstruir, no todo ou em parte, o seu predio, vendo-se assim forçado a d'elle dispor com prejuizo, ou a contrahir oneroso emprestimo á prazo curto, correndo o risco de sacrificar no fim d'este a sua propriedade para pagar o emprestimo, quando não é victima de vexatorias e dispendiosas demandas.

Outros casos ha em que se deixa de adquirir um predio com receio de contrahir uma hypotheca, podendo sobrevir o fallecimento do devedor antes de pago o emprestimo.

Esta hypothese faz com que occurram logo aos espiritos criteriosos, os embaraços e contrariedades que occasionará á familia sobrevivente.

Esse receio, com o seguro de vida e residencia não pode existir, pois quem instituir seguro e adquirir um predio em um dia e n'esse mesmo dia fallecer, pode ter a certeza absoluta de que, pelo menos, DEIXARÁ Á FAMILIA UMA PROPRIEDADE LIVRE E DESEMBARAÇADA DE QUALQUER ONUS, pois 24 HORAS DEPOIS DA APRESENTAÇÃO DAS PROVAS DE MORTE esta Sociedade se obriga a passar escriptura de plena e geral quitação do emprestimo contrahido.

Esta maravilhosa combinação é tão simples, pratica e evidente que dispensa maiores commentarios e explicações; entretanto, serão prestados com maximo prazer e solitudine todos os esclarecimentos que se desejarem, na séde da Equitativa, á rua da Candalaria n. 7.

ESTE SEGURO SÓ É ACCEITO PARA A CAPITAL FEDERAL

ALBERTO & FILHOS
PHOTOGRAPHOS

RUA SETE DE SETEMBRO 41
Rio

TYPOGRAPHIA E PAPELARIA

J. SCHMIDT

IMPRESSÕES ARTISTICAS, TRABALHOS
COMMERCIAES, CATALOGOS ILLUSTRADOS,
CARTÕES POSTAES COM VISTAS, ETC.

N. 24—Rua da Alfandega—N. 24

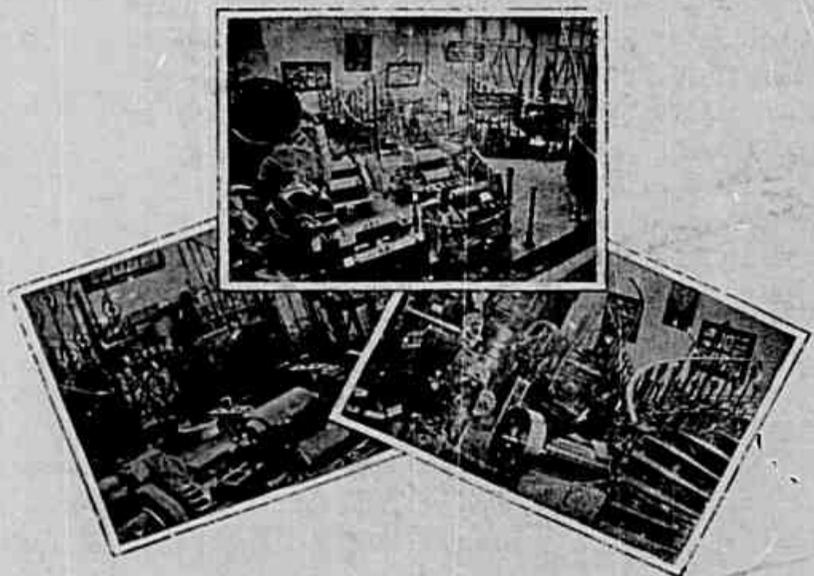
RIO DE JANEIRO

DUBONNET
O MELHOR APERITIVO

FUNDIÇÃO INDIGENA

A MAIS ANTIGA DO BRAZIL

Premiada em varias Exposições Nacionaes e Estrangeiras



FARINHA CARVALHO & C.

***** FABRICANTES *****
DE MACHINAS PARA LAVOURA E INDUSTRIA
***** CONSTRUÇÕES METALICAS *****
GRADES, VARANDAS, COLUMNAS ETC. ETC.
CALDEIRAS, RESERVATORIOS, PONTES ETC.
PORTAS DE AÇO ONDULADO SILENCIOSAS.

120, a 126, Rua da Imperatriz, 120 a 126
RIO DE JANEIRO

MARCA REGISTRADA

O ALLIUM SATIVUM
DE
J. COELHO BARBOSA & C.
RUA DOS OURIVES N. 96—Rio de Janeiro.

Vende-se em todas as pharrnacias e drogarias do Brazil e á
Ruada Qu tanda, 74-F—Rio de Janeiro

EM S. PAULO: BA F U B L & C.

PREVENÇÃO AO PUBLICO

PREVENÇÃO AO PUBLICO

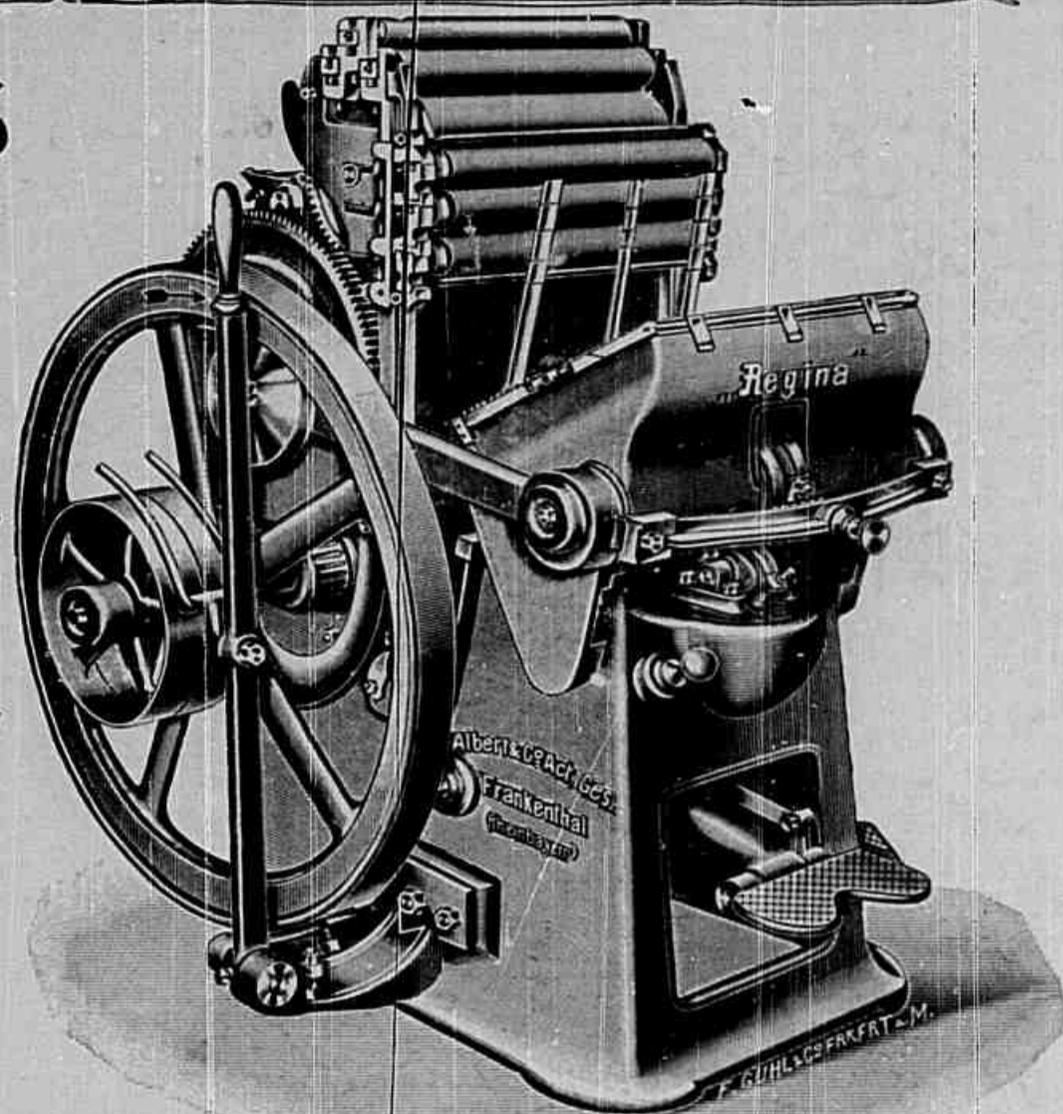
Do ALLIUM SATIVUM antigo e conhecido na homeopathia, porém pouco or raramente usado, J. COELHO BARBOZA preparou ha cinco annos de uma forma especial um especifico para curar a influencia e constipações de um a tres dias. Apparecendo agora vendedores do ALLIUM, prevenimos ao publico que, se quizer ter a certeza de levar para casa um remedio especialmente preparado para estas molestias, deverá exigir o que traz um COELHO pintado.

ARTES GRAPHICAS

Caixa do Correio 994 — Telephone N. 1106

TEMOS SEMPRE EM DEPOSITO:

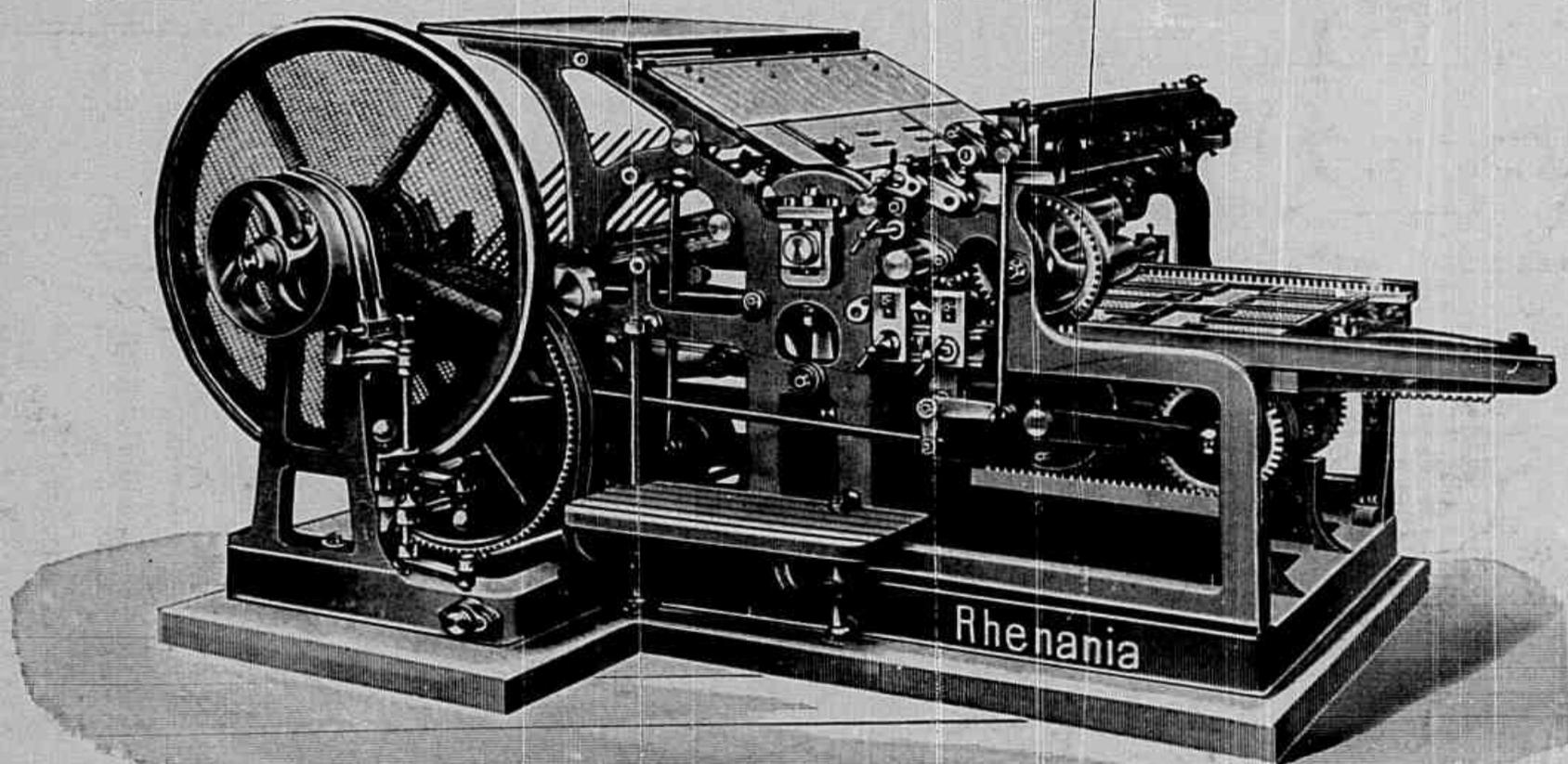
Tintas Typographicas, Lithographicas,
Vernizes, Grande Variedade de Typos,
Massa para Rolos, Arames para Cozer,
Zinco, Cobre e Madeira para Gravuras.



MATERIAL PARA STEREOTYPIA, MACHINAS

PARA IMPRESSÃO ETC.

UTENSILIOS PARA COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO



Augusto Niklaus & C.

RUA DA QUITANDA N. 54

RIO DE JANEIRO



REPRESENTANTES
DAS SEGUINTE FIRMAS:

GENERAL ELECTRIC CO.
APPARELHOS ELECTRICOS PARA FORÇA E LUZ

PELTON WATER WHEEL CO.
RODAS DE AGUAS, TURBINAS, &

Mc INTOSH SEYMOUR & CO.
MACHINAS A VAPOR

BABCOCK & WILCOX CO.
CALDEIRAS A VAPOR

THE PECKHAM MANUFACTURING CO.
TRUCKS PARA CARROS E VAGÕES

THE CHLORIDE ELECTRICAL STORAGE
COMPANY LTD.
ACCUMULADORES ELECTRICOS

A. L. IDE & SONS
MACHINAS A VAPOR "IDEAL"

CHICAGO PNEUMATIC TOOL COMPANY
MACHINAS E FERRAMENTAS DE AR COMPRIMIDO

CLEVELAND TWIST DRILL CO.
BROCAS AMERICANAS

L. S. STARRETT CO.
FERRAMENTAS FINAS

CINCINNATI TOOL CO.
FERRAMENTAS

FAY & EGAN CO.
MACHINAS DE TRABALHAR EM MADEIRA

GLOBE WERNECKE CO.
MOBILIA DE ESCRITORIO

LOZIER MOTOR CO.
MOTORES E LANCHAS DE GAZOLINA

WORTHINGTON PUMPING ENGINE CO.
BOMBAS A VAPOR

MIETZ & WEISS
MOTORES A GAZ E KEROZENE

HAMMOND TYPEWRITER CO.
MACHINAS DE ESCREVER

VICTOR TALKING MACHINE CO.
GRAMOPHONES E ACCESSORIOS

EASTMAN KODAK COMPANY
APPARELHOS PHOTOGRAPHICOS

IMPORTADORES DE
MACHINAS PARA OFFICINAS E APPARELHOS
ELECTRICOS DE TODAS AS QUALIDADES

GUINLE & Co

SUCCESSORES DE ASCHOFF & GUINLE

Engenheiros

Mechanicos

Hydraulicos

e Electricistas

Importadores de

Machinas e

Manufacturas

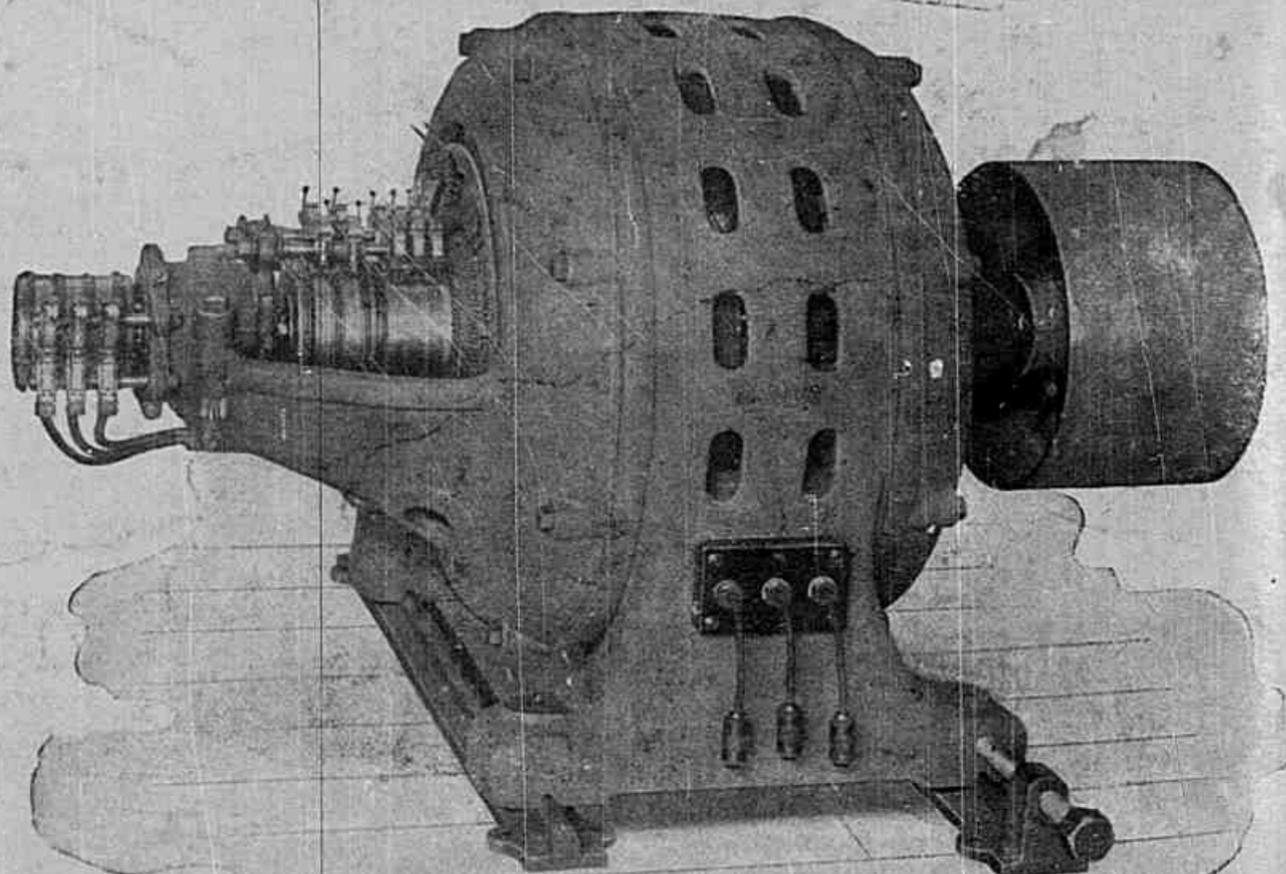
Norte-Americanas

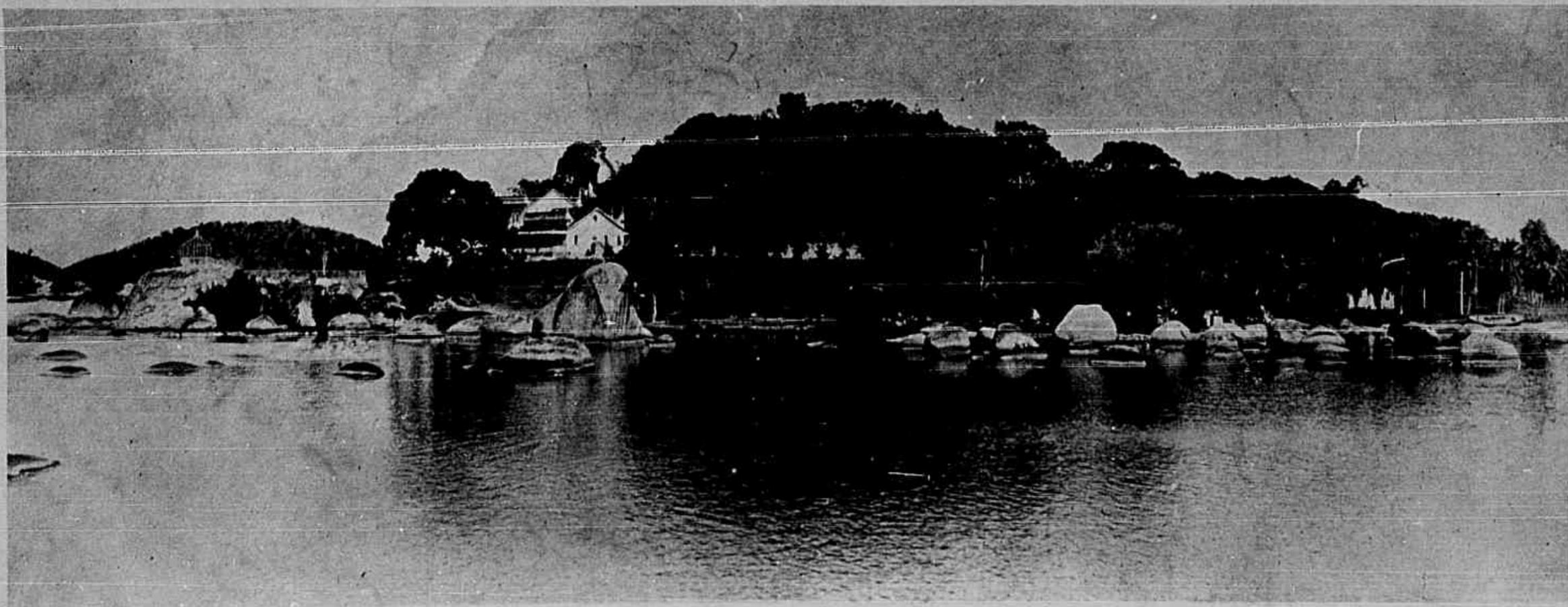
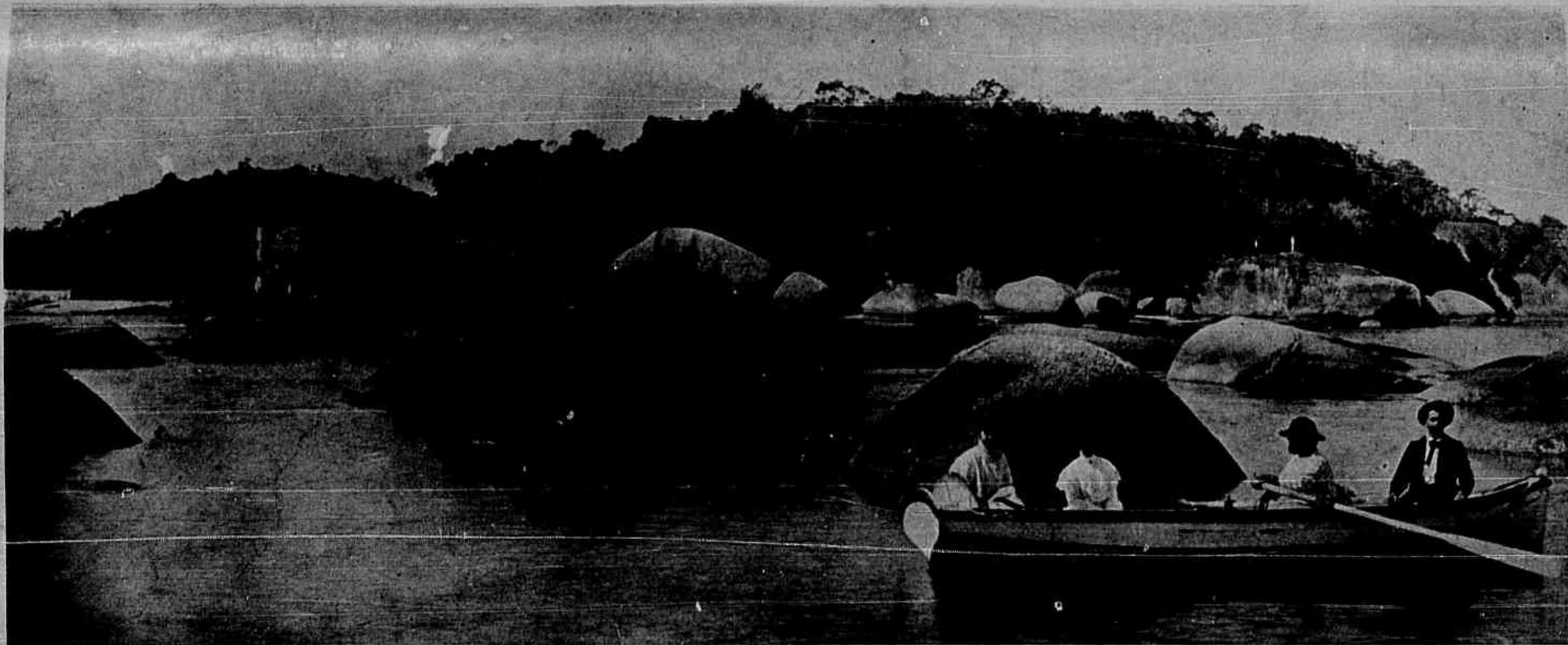
55 ~ Rua do Ouvidor ~ 55

* * * * * RIO DE JANEIRO - BRAZIL * * * * *

RUA DIREITA N. 7, S. PAULO

OFFICINAS E DEPOSITO: RUA NOVA DO OUVIDOR, 13





ILHA DE PAQUETÁ - BAHIA DO RIO DE JANEIRO

KÓSMOS